

*Le langage est un système de signes  
qui se constitue par la relation  
entre le son et le sens. Le son  
est le matériel, le sens est le  
concept. Le langage est un  
système de signes qui se constitue  
par la relation entre le son et le  
sens. Le son est le matériel, le  
sens est le concept. Le langage  
est un système de signes qui se  
constitue par la relation entre le  
son et le sens. Le son est le  
matériel, le sens est le concept.*

# As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística

*ELIANE SILVEIRA*

**AS MARCAS DO MOVIMENTO DE SAUSSURE  
NA FUNDAÇÃO DA LINGÜÍSTICA**

Tese apresentada ao Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Lingüística.

Orientadora:  
Profa. Dra. Cláudia Thereza Guimarães de Lemos

**Campinas  
2003**

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL

**UNICAMP**  
BIBLIOTECA CENTRAL  
SEÇÃO CIRCULANTE

UNIDADE	Be
Nº CHAMADA	Unicamp
	Si39m
V	EX
TOMBO BC/	55883
PROC.	16-124103
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	19/09/03
Nº CPD	

CM00189199-3

Bbid 30/11/69

## FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

Si39m	<p>Silveira, Eliane Mara</p> <p>As marcas do movimento de Saussure na fundação da lingüística / Eliane Mara Silveira. - - Campinas, SP: [s.n.], 2003.</p> <p>Orientador: Cláudia Thereza Guimarães de Lemos</p> <p>Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.</p> <p>1. Saussure, Ferdinand de, 1857-1913. 2. Lacan, Jacques, 1901-1981. 3. Inconsciente. 4. Manuscritos. 5. Lingüística. 6. Psicanálise. I. Lemos, Cláudia Thereza Guimarães de. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.</p>
-------	--

**Orientadora**

Profa. Dra. Cláudia Thereza Guimarães de Lemos



**Banca examinadora**

Profª Dra. Maria Fausta Cajahyba Pereira de Castro (UNICAMP)

Profª Dra. Maria Francisca Lier De Vitto (PUC – SP)

Profª Dra. Nina de Araujo Leite (UNICAMP)

Prof. Dr. Valdir Flores (UFRGS)

**Suplentes**

Profª Dra. Maria Rita Salzano (UNICAMP)

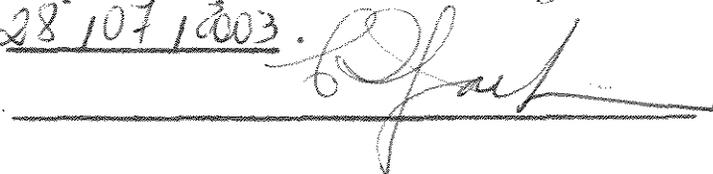
Profª Dr. Maria Teresa Lemos (UNIP)

Este exemplar e a redação final da tese defendida por Eliane Maria

Silveira

e aprovada pela Comissão Julgadora em

28/10/2003.



512003

À Tauana, cujo movimento me emociona.

## AGRADECIMENTOS

---

Ao Bruno, pela presença.

Ao CNPq, pelo apoio financeiro.

Ao Mauro Mendes Dias que me põe para trabalhar.

À Escola de Psicanálise de Campinas, pela orientação nos caminhos do saber e do não saber.

À Cláudia Lemos, pelo refinamento que o seu rigor, combinado com a sua generosidade, puderam dar a minha bruta aposta.

À Tauana, com quem meus projetos e trabalhos se cruzam a toda hora por vezes enroscando-a e por outras arrastando-a.

À Maria Francisca Lier De Vitto, pela seriedade e generosidade ímpar com que acolheu o meu trabalho e, por isso, contribuiu decisivamente com ele.

À FAEP – Fundo de Apoio à Pesquisa e ao Ensino – UNICAMP, pelo incentivo financeiro que permitiu um primeiro contato com os manuscritos de Saussure em Genebra.

Esta tese se propõe a examinar a fundação da lingüística moderna por Ferdinand de Saussure (1857-1913). Essa fundação é reconhecida desde o início do século XX, quando foi publicado o **Cours de Linguistique Général** (1916). A partir dessa publicação, os estudos da linguagem conquistaram uma autonomia, centrada no reconhecimento de que a língua tinha uma ordem própria. Foi do reconhecimento dessa ordem própria enquanto estrutura que surge por volta de 1960 o estruturalismo, movimento que afetou outras áreas de pesquisa nas chamadas ciências humanas, como a antropologia, a psicanálise e a teoria literária.

Contudo, na lingüística especificamente, aquilo que fora revolucionário num determinado momento, passou a ser desqualificado aqui, engessado acolá: as críticas às exclusões lidas nas dicotomias saussureanas língua vs. fala, sincronia vs. diacronia se intensificam e, sobretudo, o Curso de Lingüística Geral passa a ser leitura obrigatória na universidade, mas, na maioria das vezes, com o estatuto de letra morta, sem nenhum compromisso com a teorização sobre a linguagem, como mera informação para localizar a sua diferença relativamente a outras tantas teorias lingüísticas.

A obra de Ferdinand de Saussure, entretanto, permaneceu intocada. O Curso de Lingüística Geral não foi escrito por ele. Foi fruto de uma edição a partir de alguns de seus manuscritos e notas de alunos, fato esse que, atualmente, tem merecido discussões calorosas por parte de autores que se dividem no julgamento do trabalho dos editores. Além disso, as aulas que deram origem às notas que serviram de material para a edição não resumem a produção do lingüista genebrino. Ele escreveu quase dez mil folhas hoje arquivadas, na sua maioria, na Biblioteca Pública de Genebra e uma pequena parte na *Houghton Library* da Universidade de Harvard. O trabalho sobre esses manuscritos deu origem a um entendimento da produção do lingüista como uma dicotomia: ‘o Saussure noturno’, revelado por alguns manuscritos, e o ‘Saussure diurno’, o das aulas que deram origem ao Curso de Lingüística Geral. O trabalho com os manuscritos, ainda hoje, tem rendido uma querela sobre o ‘verdadeiro Saussure’. Nessas discussões freqüentemente se esquece a importância da Gramática Comparativa, escola em que Saussure se formou.

Assim, o objetivo desta tese é examinar, a partir das elaborações da psicanálise lacaniana sobre o sujeito e a ciência, como os elementos dessa constelação de produções de Ferdinand de Saussure poderiam estar em jogo na fundação da lingüística moderna. Por isso, procuramos buscar o movimento de Saussure na fundação da ciência lingüística considerando cada elemento dessa constelação e estabelecendo, a partir da psicanálise, a relação possível entre eles. Para isso nos servimos da banda de Moébius e do nó borromeano, figuras topológicas através das quais Jacques Lacan (1901-1981) efetua a mostraçã do sujeito, o que nos oferece a possibilidade de nos aproximarmos do movimento particular de Ferdinand de Saussure, levando em consideração a hipótese do inconsciente.

Esse caminho se inicia pela discussão do estatuto da edição do Curso de Lingüística Geral na fundação da lingüística. Em seguida, procuramos abolir a dicotomia Saussure diurno/Saussure noturno em favor das relações entre as suas produções sobre os anagramas e a teoria do valor e considerando, tanto aí quanto na edição, a importância da formação de Saussure como comparatista. Finalmente, buscamos indicar, em algumas páginas de suas notas para a “*Première Conférence*” (1891), o movimento tortuoso do linguista às voltas com a definição da Lingüística enquanto ciência, através da rasuras, incisos e repetições presentes nesse manuscrito.

## RÉSUMÉ

---

Cette thèse se propose d'examiner la fondation de la linguistique moderne par Ferdinand de Saussure (1857 – 1913). Cette fondation est reconnue depuis le début du XXe siècle, lors de la parution du *Cours de Linguistique Générale* (1916). A partir de cette publication, les études du langage ont acquis une autonomie centrée sur la reconnaissance que la langue avait un ordre propre. De la reconnaissance de cet ordre en tant que structure est né, aux environs de 1960, le structuralisme, mouvement qui a influencé d'autres domaines de recherche dans les Sciences Humaines comme l'Anthropologie, la Psychanalyse et la Théorie Littéraire.

Toutefois, dans la Linguistique en particulier, ce qui avait été révolutionnaire à un moment donné est devenu d'un côté discrédité, de l'autre figé: les critiques aux exclusions lues dans les dichotomies saussuréennes \_ langue vs parole, synchronie vs dyachronie\_ s'intensifient et surtout, le *Cours de Linguistique Générale* devient lecture obligatoire à l'Université, mais souvent, ayant le statut de lettre morte, sans aucun rapport avec la théorisation sur le langage, comme simple information pour déterminer sa différence par rapport à tant d'autres théories linguistiques.

L'oeuvre de Ferdinand de Saussure, cependant, est demeurée intouchée. Il n'a pas écrit le *Cours de Linguistique Générale*. Cet ouvrage est le fruit d'une édition à partir de quelques-uns de ses manuscrits et des notes de ses élèves, ce qui mérite, actuellement, des discussions chaleureuses de la part des auteurs qui sont partagés dans le jugement du travail des éditeurs. En outre, les classes ayant donné naissance aux notes qui ont fourni la matière de cette édition ne résument pas la production du linguiste genevois. Il a écrit près de dix mille feuilles dont la plupart se trouvent à présent archivées dans la Bibliothèque Publique de Genève et une petite partie dans la *Houghton Library* de l'Université de Harvard. Le travail sur ces manuscrits a engendré un entendement de la production du linguiste comme une dichotomie : le 'Saussure nocturne', révélé par quelques manuscrits, et le 'Saussure diurne', celui des classes qui sont à l'origine du *Cours de Linguistique Générale*. Ce travail suscite, encore aujourd'hui, une querelle sur le 'vrai Saussure'. Dans ces discussions, l'on oublie souvent l'importance de la Grammaire Comparative, école où Saussure s'est formé.

Ainsi, cette thèse a pour but d'examiner, à partir des élaborations de la psychanalyse lacanienne sur le sujet et la science, comment les éléments de cet ensemble de productions de Ferdinand de Saussure pourraient être en jeu dans la fondation de la linguistique moderne. De ce fait, nous avons cherché le mouvement de Saussure dans la fondation de la science linguistique, en considérant chaque élément de cet ensemble et en établissant, à partir de la psychanalyse, la relation possible entre eux. Pour cela, nous avons utilisé la bande de Moebius et le noeud borroméen, figures topologiques par lesquelles Jacques Lacan (1901/1981) effectue la monstration du sujet, ce qui nous offre la possibilité de nous approcher du mouvement particulier de Ferdinand de Saussure, en tenant compte de l'hypothèse de l'inconscient.

Ce chemin débute par la discussion du statut de cette édition du *Cours de Linguistique Générale* dans la fondation de la Linguistique. Ensuite, nous avons cherché à abolir la dichotomie Saussure diurne/Saussure nocturne au profit des rapports entre ses productions sur les anagrammes et la théorie de la valeur, en considérant, ici ainsi que dans l'édition, l'importance de Saussure comme comparatiste. Enfin, nous avons cherché à signaler, dans quelques pages de ses notes pour la « Première Conférence » (1891), le mouvement tortueux du linguiste, en quête de la définition de la Linguistique en tant que science, par des ratures, des incises et des répétitions présentes dans ce manuscrit.

## SUMÁRIO

Nota introdutória .....	17
-------------------------	----

### **CAPÍTULO I: UMA EDIÇÃO CHAMADA CURSO DE LINGÜÍSTICA GERAL**

1- <i>Curso de Lingüística Geral</i> .....	21
2- Ecos esparsos .....	22
3- Entre Ferdinand de Saussure e o saussureanismo .....	28
4- De uma querela repisada a uma quimera redimensionada .....	33
5- Entre a gramática comparativa e a ‘ordem própria da língua’, uma edição .....	38
6- Atenção à tensão .....	43
6.1- Sistema, signo e teoria do valor .....	46
6.2- O caráter diferencial da propriedade no seu aspecto conceitual e material ....	51
6.3- A tensão entre a propriedade diferencial e a positividade no signo .....	54
6.4- Propriedades/Relações .....	56
7- Uma operação .....	58
7.1- O saber e a verdade .....	60
8- A operação .....	65

### **CAPÍTULO II: O MOVIMENTO DE UM LINGÜISTA: SAUSSURE ENTRE O INDO-EUROPEU, OS ANAGRAMAS E A TEORIA DO VALOR**

1 - Um passo atrás: em direção ao movimento de Saussure .....	73
2 - O nó borromeano .....	75
3 - Indo-Europeu.....	80
4 - Da poesia latina aos anagramas.....	87
5 - A ordem própria da língua.....	94
6 - O drama particular de um sujeito .....	99

### **CAPÍTULO III: UM PALIMPSESTO ENTRE O CONCERTO E O DESCONCERTO**

1- As marcas de um trabalho .....	105
2- Contextualizando a “Première Conférence” .....	107
3- Como ele escreveu.....	109
4- Análise das rasuras.....	113
4.1- O primeiro grupo: a ciência lingüística .....	114
4.2- O segundo grupo:entre o geral e o particular .....	118
4.3- O terceiro grupo: o objeto da lingüística .....	121
4.4- O quarto grupo: <i>Mais la parole?</i> .....	124

Considerações finais .....	129
----------------------------	-----

Apêndice.....	131
---------------	-----

Referências Bibliográficas .....	149
----------------------------------	-----

“ -Mas por que é que ele está proibido? – perguntou o Selvagem. Na excitação de conhecer um homem que havia lido Shakspeare, esquecera momentaneamente tudo o mais. O Administrador encolheu os ombros.

-Porque é antigo; eis a razão principal. Aqui não queremos saber de coisas antigas.

-Mesmo quando são belas?

-Sobretudo quando são belas. A beleza atrai, e nós não queremos que ninguém seja atraído pelas coisas antigas. Queremos que amem as novas.

-Mas as novas são tão estúpidas e horríveis! Esses espetáculos em que não há senão helicópteros voando de um lado para outro em que se *sente* quando as pessoas se beijam! – Fez uma careta. – Bodes e macacos! – somente nas palavras de Otelo podia encontrar um veículo adequado para seu desprezo e seu ódio.

-Animaizinhos simpáticos e inofensivos, em todo o caso – murmurou o Administrador, como num parêntese.

-Por que não lhes faz ver Otelo?

-Já lhe disse: é antigo. Além do que, não o compreenderiam. Sim, era verdade. Ele lembrou-se como Helmholtz rira de Romeu e Julieta.

-Pois então – disse, após um silêncio – algo novo que seja como Otelo e que eles possam compreender.

-É o que todos nós temos desejado escrever – declarou Helmholtz, rompendo seu prolongado silêncio.

-E que o senhor nunca há de escrever - respondeu o Administrador. – Porque, se se parecesse realmente com Otelo, ninguém poderia compreendê-lo, por mais novo que fosse. E, se fosse novo, não poderia de maneira alguma ser parecido com Otelo.

-Por que não?

-Sim, por que não? – repetiu Helmholtz. Ele também esquecera as realidades desagradáveis da situação. Verde de ansiedade e temor, Bernard era o único que se lembrava; os outros não lhe deram atenção. – Por que não?” (Huxley, A. “Admirável mundo novo”; p.210/211)

Este trabalho se propõe a abordar o movimento de Ferdinand de Saussure na fundação da lingüística. Sobre a fundação da lingüística, muito já foi dito sob óticas bastante diferentes.

O ponto de partida da reflexão que dá origem a esse trabalho é, porém, a própria questão do reconhecimento dessa fundação pela lingüística. Reconhecimento que na lingüística é algo que manca. Em outras palavras, que se dá tanto como reconhecimento quanto como desqualificação. Se é verdade que o estruturalismo que, na década de sessenta, se desenvolve a partir da obra de Saussure, rende à lingüística o título de ciência-piloto entre as ciências humanas, também é verdade que é no interior da própria lingüística que se nega ou se desmente o que se considera como sua fundação.

Nega-se o papel de Saussure como fundador ao reduzi-lo a autor de uma teoria entre outras. Nega-se o movimento de Saussure nessa fundação ao tratar a sua produção ou como repartida entre algo que ele não escreveu e o que ele escreveu mas não publicou, ou como repartida entre compartimentos estanques com que se procurou justificar a existência de um ‘Saussure diurno’ e um ‘Saussure noturno’ (Cf. Gadet & Pêcheux 1981:55).

Ao tomar uma direção oposta, guiada pela psicanálise, este trabalho trata, já no primeiro capítulo, a questão que se enuncia no seu título: *Uma edição chamada Curso de Lingüística Geral*. Nele procuramos nos aproximar do particular processo de constituição dessa edição que, por muito tempo, foi o único meio pelo qual se podia ter acesso à teorização de Saussure. A particularidade desse processo está, como se sabe, no fato do Curso de Lingüística Geral<sup>1</sup> não ter sido escrito por Saussure mas composto por Bally e Sechehaye a partir de notas dos alunos e das poucas anotações deixadas por Saussure.

Com a descoberta recente de um conjunto de manuscritos de Saussure, colocou-se em questão a validade do CLG. O que pretendemos defender nesse capítulo é a capital importância do reconhecimento da edição no processo de fundação da lingüística, com base no efeito de ruptura que a ela se deve, assim como pelo que nela se pode reconhecer das marcas do movimento de Saussure. A saber, as marcas de sua formação como

---

<sup>1</sup> - Desse momento em diante nos referiremos a ele por CLG.

comparatista na tensão que está presente na exposição sobre sincronia/diacronia e sobre a teoria do valor.

É no segundo capítulo que as marcas desse movimento serão tratadas para além do CLG, ou seja, colocando em relação a posição de Saussure diante da gramática comparativa, a teoria do valor e seu trabalho sobre os anagramas.

Esse movimento aponta para uma relação do sujeito com o saber que só poderia ser tratada a partir da psicanálise e, particularmente, da elaboração de Jacques Lacan sobre o saber e a verdade, sobre a ciência e sobre o sujeito. Nesse sentido, encontramos apoio em Jean-Claude Milner (1991,1996) para quem “há uma teoria da ciência em Lacan”.

Diante disso, para a articulação da formação de Saussure como comparatista com a teoria do valor e com os anagramas, nós nos serviremos da topologia lacaniana e, especificamente, do nó borromeano que permite diferentes nodulações dos registros do Real, do Simbólico e do Imaginário. Através dele, será possível traçar um movimento na fundação da lingüística, sem ordenar ou hierarquizar as diferentes relações entre as diferentes produções de Ferdinand de Saussure. Ou ainda, sem tratar esse movimento como dirigido para uma fundação.

No último capítulo, por fim, examinaremos um manuscrito de Ferdinand de Saussure que corresponde às notas de preparação da *Première Conférence (cours de ouverture)*<sup>2</sup>, datado de 1891. Nele nos deteremos na análise das marcas de um trabalho na preparação da conferência em que ele deve apresentar a sua posição como lingüista frente a seus colegas universitários. Essas marcas concretas - rasuras, repetições, reformulações e incisões - também assinalam o movimento particular de um sujeito, isto é, os seus passos e os seus impasses.

---

<sup>2</sup>- Os manuscritos utilizados neste trabalho foram selecionados e reproduzidos por mim durante a minha estada em Genebra no período de 13 a 24 de junho de 1999 para o qual recebi apoio financeiro do FAEP – Fundo de Apoio ao Ensino e à Pesquisa da UNICAMP- Universidade Estadual de Campinas.

## **CAPÍTULO I**

### **UMA EDIÇÃO CHAMADA CURSO DE LINGÜÍSTICA GERAL**

“Não há um só lingüista hoje que não lhe (a Saussure) deva algo.” (Benveniste; 1991:41)

Neste capítulo, trataremos da edição do **Curso de Lingüística Geral** buscando uma reflexão a respeito da operação que a constituiu para que possamos dar ao CLG um estatuto específico na fundação da lingüística.

Sabemos que Saussure é conhecido pela edição que se fez de alguns dos seus manuscritos, redigidos por ele provavelmente com o objetivo de preparar os cursos de Lingüística Geral que ministrou em 1907, 1908, 1909 e 1910<sup>3</sup>; além dos seus manuscritos, também foram objeto de edição as anotações que seus alunos fizeram durante os cursos a que assistiram. A partir desse material, Sechehaye e Bally constituíram o livro **Curso de Lingüística Geral** cuja autoria é atribuída a Ferdinand de Saussure. Há forma mais indireta de se chegar a alguém ou ao cerne do seu pensamento? Talvez haja formas mais indiretas de se conhecer alguém, mas certamente esta é uma forma autêntica de se fundar uma ciência. É consenso entre os pensadores da cultura ocidental do século XX que Saussure é fundador da lingüística e do estruturalismo e, sendo por essas vias tão tortuosas, através de uma edição bastante discutível, é natural que se multipliquem as interpretações do CLG.

O efeito do CLG foi tão forte nos seus primeiros anos que a edição não foi colocada em xeque; as questões que o CLG coloca sobre a língua, a fala e a linguagem marcam a lingüística que, a partir daí, não está mais diante do mesmo objeto. A nomeação da língua como esse objeto e as considerações sobre o seu funcionamento foram capazes de cernir um real da língua: a sincronia que, com as teorias do valor e do signo, redimensionou o saber sobre a língua. O CLG, certamente, imprimiu uma importância à língua enquanto objeto da lingüística. Sob esse impacto, os leitores do CLG não se detiveram sobre a questão da edição.

Nesse contexto, na primeira metade do século XX, o *acontecimento edição* se manteve intocado. Na última metade do século, um discurso sobre a edição começou a se constituir e De Mauro(1986), Engler(1968), Godel(1969), Culler(1976), Calvet(1975) foram os principais responsáveis por esse trabalho. Os dois primeiros, mostrando alguns

---

<sup>3</sup> - “1º curso – de 16 de janeiro a 3 de julho de 1907, (...) 2º curso – da 1ª semana de novembro de 1908 a 24 de julho de 1909 (...) 3º curso – de 23 de outubro de 1910 a 4 de julho de 1911 (...)” (Salum, Prefácio à edição brasileira do Curso de Lingüística Geral - edição brasileira de 1973).

dos processos dessa edição, e os últimos, embora operando em escala bem menor sobre a edição, considerando-a de uma forma conseqüente nas suas reflexões sobre a lingüística.

No entanto, aquilo que fora revolucionário num determinado momento passou a ser desqualificado aqui, engessado acolá: as críticas às exclusões saussureanas se intensificam e o CLG passa, na lingüística, a ser leitura obrigatória mas, na maioria das vezes, com o estatuto de letra morta, sem nenhum compromisso, mera informação para localizar a sua diferença entre tantas outras teorias lingüísticas. Com isso, acreditava-se que o CLG tivesse cumprido o seu papel.

---

## 2 - ECOS ESPARSOS

“Sentimos toda a responsabilidade que assumimos perante a crítica, perante o próprio autor, que não teria talvez autorizado a publicação destas páginas. Aceitamos integralmente semelhante responsabilidade e queremos ser os únicos a carregá-la. **Saberá a crítica distinguir entre o mestre e seus intérpretes?** Ficaremos gratos se dirigisse contra nós os golpes com que seria injusto oprimir uma memória que nos é querida.” (grifo nosso; Bally/Sechehaye; CLG:4)

Embora o CLG pareça ter tido o seu apogeu no momento em que a teorização de Saussure alcançou o seu reconhecimento na lingüística e influenciou outras teorias como a antropologia e a psicanálise nas décadas de 50, 60 e até mesmo 70, também podemos dizer que logrou o seu declínio, a partir da década de 70, quando a crítica ao Estruturalismo - e, conseqüentemente, ao seu fundador Saussure, conhecido através do CLG - incidiu sobre chamadas exclusões saussureanas. A saber: a exclusão do referente, da história e do sujeito falante. No entanto, ainda é preciso dizer mais sobre o CLG, sobre a edição que o constituiu e escapar à dicotomia apogeu vs. declínio. Só assim será possível dar um estatuto para a edição do CLG.

Salum, no prefácio à 5ª edição brasileira pela Cultrix em 1973, coloca a questão sobre o CLG e a edição que o constituiu de uma forma interessante:

Entretanto, hoje não se pode deixar de reconhecer que o *Cours* levanta uma série interminável de problemas. Porque, no que toca a êles, Saussure – como Sócrates e Jesus – é recebido de ‘segunda mão’. Conhecemos Sócrates pelo que Xenofonte e Platão escreveram como sendo dele. O primeiro era muito pouco filósofo para entendê-lo, e o segundo, filósofo demais para não ir além dele, ambos distorcendo-o. Jesus nada escreveu senão na areia: seus ensinamentos são os que nos transmitiram os seus discípulos, alguns dos quais não foram testemunhas oculares. Dá-se o mesmo com o *Cours* de Saussure. (*op.cit.*:XVI)

O comentário de Salum, no início da década de setenta no Brasil, dá a dimensão tanto da importância que alcançara Saussure na primeira metade do século XX<sup>4</sup> como do início da discussão sobre a edição na segunda metade desse século.

Os editores, no prefácio à primeira edição, procuram descrever as condições constrangedoras em que essa edição foi realizada e não hesitam em mostrar as dificuldades já evidentes na primeira constatação:

Após a morte do mestre, esperávamos encontrar-lhe nos manuscritos (...) a imagem fiel ou pelo menos suficientemente fiel de suas geniais lições; entrevíamos a possibilidade de uma publicação fundada num simples arranjo de anotações pessoais de Ferdinand de Saussure, combinadas com as notas de estudantes. Grande foi a nossa decepção; não encontramos nada ou quase nada que correspondesse aos cadernos de seus discípulos; F.de Saussure ia destruindo a cada dia, o esboço de sua exposição! (*op.cit.p.1*)

A grande decepção não os deteve e assim só lhes restava, como afirmam os editores, “chegar até o pensamento do qual tínhamos apenas ecos, por vezes discordantes.”(*op.cit.:2*) Dessa forma eles se decidiram, conforme suas próprias palavras: “por uma solução mais audaciosa, mas também (...) mais racional: tentar uma reconstituição(...) Tratava-se, pois, de uma recriação(...)”(*op.cit.:3*).

Essa ‘recriação’, segundo eles, deveria ser objetiva e penetrar em cada pensamento, vendo-o em sua forma definitiva: “apresentando-lhes todas as partes numa ordem conforme a intenção do autor, mesmo quando semelhante intenção fosse mais adivinhada que manifestada.” (*op.cit.:3*).

A esse respeito Milner(2002) afirma que os editores conseguiram o que queriam:

*(...)ils ont voulu une forme unitaire: une introduction et cinq parties; l'introduction et chaque partie sont divisées en chapitres; certains chapitres sont divisés en paragraphes. C'est constater un succès que de constater l'aisance avec laquelle le singulier s'est imposé. (p.16)<sup>5</sup>*

Milner(2002) observa que a palavra *Cours* presente no título do CLG pode ser lida como singular ou como plural já que não é precedida de artigo e, sendo assim, nada

---

<sup>4</sup> - Essa afirmação é genérica e, como tal, grosseira já que não considera as diferenças da fortuna do CLG em continentes distintos, países distintos que o conheceram em épocas diferentes e em contextos diferenciados. No entanto, não podemos nos deter nesse aspecto da fortuna do CLG: é necessário um marco temporal divisório entre os acontecimentos a que precisamos dar relevo. Assim, embora grosseira, essa marcação temporal é importante para a nossa tese e, de maneira geral, podemos dizer que ela não é precisa nem incorreta.

<sup>5</sup> - (...) Eles quiseram uma forma unitária: uma introdução e cinco partes; a introdução e cada parte foram divididas em capítulos; certos capítulos foram divididos em parágrafos. Constatar a afacilidade com a qual o singular se impôs é constatar um sucesso. (Tradução nossa)

interdita o plural nem o singular. Contudo, se, no Prefácio, os editores falam de uma série de três cursos autenticando o plural; por outro lado, conclui Milner, o resultado final da edição em que a unidade é enfim atingida autentica o uso do singular. Milner acrescenta ainda que: “*Nul ne doute véritablement qu'on ne soit en présence d'un 'tout organique'. Il demeure incontestable cependant qu'il y a eu un prix à payer.*” (op.cit.; p.16)<sup>6</sup>.

Sabemos que a edição assim nos entrega algo que se aparenta a um presente de grego: ecos da palavra de Saussure mas sob a forma de ‘um todo orgânico’. A leitura do CLG no decorrer da sua história atesta essa afirmação dos editores sobre a captura dos ecos de Saussure, como veremos em outros momentos deste trabalho<sup>7</sup> especificamente no que diz respeito à teoria do valor. Em muitos outros lugares do CLG também é possível ser surpreendido com uma dissonância ou esses ‘ecos discordantes’ que resultam do material que os editores tinham à disposição.

Assim nos perguntamos: as palavras dos editores no prefácio acompanham o CLG desde a sua primeira edição assim como a dificuldade de leitura do CLG também nunca foi ignorada, tais elementos nunca provocaram nos seus leitores a impressão de não estarem lendo Saussure? Parece que não. Culler(1976) escreve em nota de rodapé: “Uso expressões tais como ‘Saussure escreveu’ por pura conveniência. Como se mencionou no cap.1, muito poucas passagens do *Cours* foram efetivamente escritas por Saussure.” (p.13)

A conveniência parece dar mostras de uma verdade: Saussure pode ser reconhecido na edição, ou seja, a recriação não foi capaz de eliminar os ecos do mestre em seus alunos mesmo que esses se revelassem discordantes. Essa verdade se pode inferir não só de Culler mas da grande maioria de leitores do CLG que, apesar do prefácio dos editores, sempre reconheceram Saussure como autor do livro.

É por isso que preferimos utilizar *esparsos* em substituição a *discordantes*, no que se refere aos ecos de Saussure aludidos por Sechehaye e Bally, para dar alguma relevância a algo que se deu na edição sem desconsiderar o efeito de autoria de Saussure sobre a obra. Ou seja, o termo *esparsos* vem aqui no sentido de **difundidos** e dessa forma os ecos discordantes passaram para outra coisa ao serem publicados. Nessa passagem de *discordantes* a **esparsos** algo se perdeu e algo se construiu. No entanto, essa difusão legou

---

<sup>6</sup> - Ninguém duvida verdadeiramente que não se esteja em presença de um ‘todo orgânico’. Permanece incontestável contudo que houve um preço a pagar. (Tradução nossa)

<sup>7</sup> - Ainda neste capítulo abordamos esta questão com Harris, que explora o que se pode chamar de paradoxo da teoria, com o objetivo de chamar a atenção para a tensão existente no CLG quanto à teoria do valor que aqui é usada enquanto índice de toda a edição.

a herança mesma que o duplo sentido dessa palavra permite: esparso pode ser difundido, divulgado como também pode ser difuso, nebuloso.

Desses ecos emerge uma forma que permanece problemática. Sabemos que, por um lado, Saussure se mantém no CLG e é absolutamente legítima a observação feita por Milner(2002) a esse respeito:

*En fait, le Cours fonctionne bien comme une oeuvre depuis sa publication; pourtant, il n'en est pas une, si une oeuvre est conçue comme un texte attribuable, de part en part et dans le détail, à un auteur. Il est vrai qu'on peut renverser la proposition: puisque le Cours fonctionne de fait comme une oeuvre, alors il prouve matériellement que la notion de oeuvre ne suppose pas, contrairement à ce qu'on se croit, l'auteur comme préalable. C'est bien plutôt l'inverse: Saussure est devenu rétroactivement l'auteur du Cours, bien qu'il n'en ait, au sens strict, pas écrit une page. (p.17)<sup>8</sup>*

Mas também não podemos ignorar que há a edição que é mais do que a composição do texto e em sua constituição final também é responsável pelos efeitos advindos da leitura do CLG.

Devemos ainda considerar que os lingüistas que se dedicaram ao CLG não desconheciam a existência de questões que demandavam, por exemplo, edições críticas como fizeram Engler, Godel e de Mauro. Entreveriam os especialistas uma ‘fissura’<sup>9</sup> no CLG e naquilo que busca se apresentar como ‘todo orgânico’?

Também é pertinente considerar que se discípulo é aquele que segue a doutrina ou a idéia de alguém, pode-se pensar que Bally e Sechehaye pensavam ser apenas discípulos de Saussure mas sua morte prematura implicou que eles mesmos construíssem o lugar a partir do qual alguém poderia se filiar às idéias do mestre. Por isso é possível afirmar que eles participam de uma fundação e a denominação ‘discípulos’ atribuída a eles é precária.

Sendo assim é preciso observar que Bally e Sechehaye nunca foram reconhecidos como co-autores do CLG – a história os define como bons discípulos de Saussure ou como traidores; a Saussure, sem dúvida, é atribuída a autoria das idéias presentes no CLG. Mas se é reconhecida a dimensão da edição quais são os elementos que nos autorizam a sustentar que Saussure ali se mantém? Ou ainda, por que algo dele se mantém com tanta força que a ele é reputada a fundação da lingüística?

---

<sup>8</sup> - De fato, o Curso funciona como uma obra depois de sua publicação; contudo, ele não é uma, se uma obra é conhecida como um texto atribuível parte por parte e em seus detalhes, a um autor. É verdade que se pode inverter a proposição: porque o Curso funciona de fato como uma obra, então ele prova materialmente que a noção de obra não supõe, contrariamente ao que se crê, o autor como prévio. É justamente o contrário: Saussure chega retroativamente a autor do Curso, mesmo que ele não tenha, em sentindo estrito, escrito uma página. (Tradução nossa)

<sup>9</sup> - Utilizamos esse termo no sentido lato de fenda.

Para que algo possa ser dito sobre isso é necessário explorar um pouco mais a questão da edição. De que forma podemos considerar esse estatuto constitutivo da edição no que diz respeito ao CLG que decididamente participou da fundação da lingüística?

O trabalho da edição, como vimos até aqui, se deu de modo muito particular e, de fato, nós temos pelo menos dois elementos que testemunham a complexidade da edição: a) as declarações dos editores sobre o caráter ‘fugidio’ das anotações de Saussure e b) o efeito da edição nos destinos da lingüística. Essas duas considerações impõem uma resposta pouco simples a respeito do que se deu na edição, ou seja, implicam um grau de complexidade para que se possa dizer do estatuto da edição na fundação da lingüística.

A esse respeito é necessário que se pontue que o trabalho de Bouquet(2000) é uma reflexão atual e importante nas discussões retomadas a respeito da fundação da lingüística mas que tem seu limite no tipo de reflexão que buscamos aqui. Pensamos em problematizar a edição, o que não implica, para nós, julgar os editores. Tarefa da qual Bouquet não se desembaraçou muito bem;<sup>10</sup> motivo pelo qual, por um lado, achamos necessário esse tipo de reflexão que buscamos e por outro lado impelidos a suspender o tipo de reflexão empreendida por Bouquet especificamente sobre o caráter da edição do Curso de Lingüística Geral para que possamos buscar um outro tipo de resposta à edição.

---

<sup>10</sup> - Citando algumas das observações de Bouquet quanto à edição e aos editores, procuramos não ser exaustivos mas dar um número suficiente dessas referências para que o leitor possa supor o estatuto atribuído aos editores por Bouquet. Cada observação foi reduzida ao seu mínimo e assim remetemos ao livro de Bouquet para que toda a extensão da crítica possa ser compreendida. Todos os grifos são nossos: **“Homogeneização artificial** (p.14) O texto de Bally e Sechehaye **reflete uma teoria da ciência que não é a de Saussure**. (p.16) **Libertada** assim da reformulação de Bally e Sechehaye, a contribuição saussuriana a uma epistemologia da lingüística está razoavelmente distante da **descrição de uma ciência de “chaves na mão”, forjada pelo Cours**. (p.75) Esses diferentes aspectos da tematização explícita do primitivo, **fortemente prejudicada** no texto de 1916 (...) (p.147) cabe ver aí, em parte, uma **ilusão de óptica criada** pelo *Cours de Lingüistique Generale*. (...)esses enunciados, **deformados ou esquecidos** pelo texto de 1916(...) (p.157) (...)relação de complementaridade entre o epistemológico e o metafísico que tece o pensamento de Saussure, relação que o ponto de vista de Sechehaye e Bally **opacifica**. (p.158) Nessas aulas do segundo curso, **subexploradas** pelos redatores do texto de 1916 (...) (p.159) (...) Bally e Sechehaye ficaram **perturbados**: essa é provavelmente uma das razões para que fizessem da semiologia uma síntese ao mesmo tempo **tímida e pouco articulada** ao resto da teoria (p.160) A dupla característica enunciada na nota de 1908 será, no *Cours de Lingüistique Generale*, em grande parte **reduzida** a seu primeiro termo (...)tem como consequência trazer à luz uma teoria do signo lingüístico totalmente **abstrusa** sobre a questão da referência. (p.177) (...)essa **infidelidade** de Bally e Sechehaye (p.215) Os **editores impondo uma modulação de sua lavra a esses testemunhos** (...) (p.217) Godel denuncia em outros lugares a **distorção** do pensamento saussuriano pelos editores (...) (p.218) O *Cours de Lingüistique Generale* peca só por dar impressão dessa organização global ao **confinar** a fala saussuriana no espartilho de uma homogeneização (...) (264) Bally e Sechehaye tomam uma iniciativa que a meu ver é **totalmente catastrófica** (...) (p.265) Aí também Bally e Sechehaye **agem de maneira desastrada** (...) (op.cit) Bally e Sechehaye **merecem ser censurados** (p.266).

Sendo assim, do nosso ponto de vista, a edição é mais que reprodução das idéias de Saussure ou deformação dessas idéias pelos editores, ou seja, houve aí um movimento que é próprio da edição e leva a marca tanto de Saussure quanto dos editores. Falar do estatuto da edição é dizer dessa marca.

A partir dessas considerações é preciso admitir que para além das palavras de Saussure que chegam aos alunos como ‘ecos discordantes’ também é de se esperar que os impasses de Saussure tenham deixado suas marcas no CLG. Afinal, são muitos os momentos em que Saussure demonstra que a certeza não é a sua companheira:

Vejo-me diante de um dilema: ou expor o assunto em toda a sua complexidade e confessar tôdas as minhas dúvidas, o que não pode convir para um curso que deve ser matéria de exame, ou fazer algo simplificado, melhor adaptado a um auditório de estudantes que não são linguistas. Mas a cada passo me vejo retido por escrúpulos. (Saussure; apud Salum em *Prefácio à Edição Brasileira*; op.cit:XVIII)

Eis mais um dos impasses que constituíram o CLG. Saussure, em carta a L.Gautier, lhe confessava as dificuldades com os cursos que dariam origem ao CLG. Passo a passo, marcado por impasses, aconteceram os três cursos.

A sua confissão, em caráter privado, nos dá o tom da intermitência em que a palavra de Saussure se presentificava nos cursos. Ou seja, aquilo que é da ordem da sua elaboração não lhe aparecia sem dúvidas e a demanda pela mestria o colocava em situação difícil.

Achamos, portanto, o termo ‘saussureano’ importante para aludir **ao resultado das elaborações de Saussure somado aos efeitos que essas tiveram sobre os seus alunos** e que, por sua vez, tomou forma na edição que constitui, finalmente, o CLG. Assim, idéias de Ferdinand de Saussure e idéias saussureanas não devem ser confundidas, assim como, não há sobreposição de nenhuma delas ao termo “estruturalismo” utilizado nas mais diversas disciplinas ou áreas do saber, mesmo que o termo tenha surgido enquanto efeito das produções de Saussure. Essa distinção, no entanto, não quer dizer que as idéias de

Ferdinand de Saussure, o saussureanismo e o estruturalismo sejam sem relação entre si. Elas apenas se constituem de maneiras diferentes, por processos diferentes<sup>11</sup>.

Assim, se o CLG cumpriu a sua função na fundação da lingüística geral é porque, embora tenha havido a edição, essa não apagou os efeitos do trabalho de Saussure ao constituir um saber novo sobre a língua.

Estas são questões importantes para os lingüistas; tentaremos colocá-las melhor acompanhando de Mauro(1986).

### 3- ENTRE FERDINAND DE SAUSSURE E O SAUSSUREANISMO

Ainda com o objetivo de explorar o que possa ser essa operação que deu origem à edição do CLG, continuaremos a tirar partido daquilo que, para aqueles que empreenderam uma leitura crítica do CLG, se apresenta como problemático.

De Mauro(1986), na década de sessenta,<sup>12</sup> já chamava a atenção para um fenômeno provocado pelo CLG que, de uma certa forma, até agora se mantém entre nós<sup>13</sup>:

*Le forme de la pensée saussurienne même contient donc en puissance les reactions qu'elle a suscitées durant un demi-siècle. Si nous la considérons dans son intégrité, nous comprenons bien l'irritation des historicistes arrachés à toute espèce de verbalisme et transportés sur un plane de singulière rigueur, comme l'irritation des scientistes, contraints à suivre un enchainement réellement logique vers des résultats historicistes inaccoutumés. (Grifo nosso; op.cit:XIV)<sup>14</sup>*

<sup>11</sup> - Giannotti em “Marx – vida e obra” faz uma referência importante a essa distinção no que diz respeito a Marx: “Mas esse retorno a Marx ainda conteria um traço religioso se continuasse pretendendo regenerar o pensamento marxiano contra suas falsificações da vulgata marxista, reencontrar num *corpus* sua verdade originária, o verdadeiro e autêntico pensamento de seu autor. (...) Pelo contrário, a obra escrita ilumina-se a partir de certas perspectivas históricas, de certos vieses que alimentam nosso modo de pensar e de ver, inscritos em nosso cotidiano. Como então pretender ouvir a voz de Marx descartando as experiências que se fizeram em seu nome? (...) Por isso vamos adotar o termo marxiano para indicar o que é relativo ao próprio Marx, preservando o termo “marxista” às idéias e aos processos sociais que invocaram seu pensamento, mas com muita cautela. A separação é meramente didática(...)” (2001:13)

<sup>12</sup> - O seu livro foi publicado pela primeira vez em 1972 mas na edição da Payot de 1986 há uma nota indicando que as notas e os comentários de Tulio de Mauro foram traduzidos do italiano por Louis-Jean Calvet em 1967. Assim, pensamos que se pode creditar as reflexões de De Mauro à década de sessenta.

<sup>13</sup> - Uma discussão sobre esse tema, sem se perder no demasiado genérico, se encontra em DE LEMOS, C.; LIER-DE VITTO M.F.; ANDRADE L.; SILVEIRA E. *Le Saussurisme en Amérique Latine au XXème. Siècle*, trabalho apresentado no Colóquio “Saussure après un siècle”, em Archamps em 24 junho de 2001.

<sup>14</sup> - A própria forma do pensamento saussureano contém pois, potencialmente, as reações que suscitou durante meio-século. Se nós a consideramos em sua integridade, nós compreendemos bem a irritação dos historicistas privados de toda espécie de verbalismo e transportados para um plano de singular rigor, assim como a irritação dos cientistas, constringidos a seguir um encadeamento realmente lógico em direção aos resultados historicistas pouco habituais. (Tradução nossa)

Além disso, para De Mauro, os laços internos desse pensamento foram velados como efeito da redação dos editores de forma que a *démarche* própria ao pensamento de Saussure ficasse encoberta por acréscimos e enxertos dos editores. Sendo assim, podemos concluir que o CLG traz o pensamento de Saussure mas o que se perde são os laços internos desse pensamento. Assim teríamos exatamente o que os editores já haviam dito: ecos. Parece uma idéia interessante mas, quando nos deparamos com os manuscritos de Saussure, esses laços não são nada fáceis de se recuperar pois tomam a forma de palavras ou frases inteiras substituídas às vezes mais de uma vez, frases inacabadas, adendos, enfim, rasuras de toda ordem. Seria mesmo possível reconstituir esses laços? Talvez seja mais proveitoso nos perguntarmos sobre a natureza desses laços. Ela é, certamente, peculiar e quiçá possa, de fato, dizer alguma coisa, ainda inaudita, da fortuna do CLG ou, ainda mais, do movimento de Ferdinand de Saussure na fundação da lingüística. Mas esse não é o único problema que se encontra na leitura do CLG.

*Nous voyons le pourquoi et le comment d'accusations aussi violentes que disparates contre ce livre accusé tour à tour de psychologisme et de scientisme, de trop de finesse et d'une grossièreté ingénue, d'idealisme et de positivisme, de spiritualisme bourgeois et de materialisme. Nous comprenons enfin l'origine de la repugnance à prendre connaissance de la totalité de la pensée saussurienne, chacun préférant plutôt tirer du Cours quelques fragments susceptibles d'être utilisés comme armes défensives dans les polémiques de ce demi-siècle. (De Mauro; 1986:XV;Grifo nosso)<sup>15</sup>*

A afirmação de De Mauro, depois de quase meio século continua atual; Saussure é alvo de muitas críticas que, colocadas lado a lado, são muitas vezes contraditórias. De Mauro nos diz que há uma repugnância em tomar conhecimento da *totalité* do pensamento de Saussure, repugnância essa que leva uma boa parte dos leitores do CLG a se protegerem com fragmentos do texto que possam ser associados a outros saberes perdendo-se assim alguma coisa importante mas difícil de se ler no CLG. Pode-se concluir que os leitores precisam se desembaraçar ou se proteger do CLG que encerra, pelo que ali vive do pensamento de Saussure, uma questão teórica que desarticula uma certeza sobre a língua. De Mauro não enunciou assim essa questão mas parece possível dar-lhe essa forma a partir das suas considerações e dos efeitos que a leitura do CLG ainda promove.

---

<sup>15</sup> - Nós vemos o porquê e o como de acusações tão violentas quanto disparatadas contra esse livro acusado aqui e ali de psicologismo e de cientificismo, de muita fineza e de grosseria ingênua, de idealismo e de positivismo, de espiritualismo burguês e de materialismo. Compreendemos enfim a origem da repugnância em tomar conhecimento da totalidade do pensamento saussureano, preferindo alguns antes tirar do Curso alguns fragmentos suscetíveis de serem usados como armas defensivas nas polêmicas desse meio-século. (Tradução nossa)

De Mauro segue nessa linha de reflexão:

*Ce n'est peut-être pas seulement pour des raisons philologiques que la pensée saussurienne ne nous est rendue qu'aujourd'hui dans son authenticité. Il était probablement nécessaire qu'aient lieu de multiples expériences inspirées par une interprétation partielle avant que se profile la possibilité pour elle d'apparaître dans sa complexité intégrale et originelle. C'est un retour qui ne s'effectuera pas sans difficultés. Et le Cours, pour cela aussi, mérite qu'on reprenne à son propos les mots que Croce écrivait au sujet de l'Encyclopédie de Hegel: 'Certes ce livre n'est pas un livre facile, ni en lui-même ni tel que je le présente. Mais je crois que la difficulté, pour les hommes qui pensent, est plus une cause d'attraction que de répulsion'. (op. cit.:XV)<sup>16</sup>*

De Mauro deixa indicado que é preciso um trabalho sobre essa edição. Segundo ele, não é somente o trabalho filológico que trará alguma possibilidade de chegar ao pensamento integral e original de Saussure. Quimera dos lingüistas: um dia encontrar Saussure! No entanto, para além da impossibilidade de encontrar esse Saussure autêntico, que não implica em deixar de procurá-lo visto que é dessa procura que pode advir uma resposta a respeito do que constitui o saber sobre a língua, é necessário também que se renovem os meios dessa busca. Assim é oportuna a reivindicação do autor:

*Les considérations précédentes devraient servir à approfondir, entre autres, ce qui est d'ailleurs l'opinion commune: la pensée de Saussure a été et est au centre de multiples développements, dont certains n'en sont qu'à leurs débuts, au sein des sciences historiques et anthropologiques; et pour la simple raison que les classements répugnent toujours à l'intelligence historique, il faut s'abstenir de dire que le Cours est parmi les livres le plus importants de la culture du XXe siècle. En tenter une interprétation valide sur le plan documentaire comme sur le plan critique est une tâche importante pour la linguistique, et pas seulement pour elle. Importance d'ordre non pas seulement historique et érudit: bien souvent (il suffit de penser aux travaux comme celui, déjà mentionné, de Burger sur signification et valeur) une meilleure exégèse coïncide avec un progrès notable dans la théorie générale des faits linguistiques. Tout ceci a pour but de mettre en lumière*

---

<sup>16</sup> - Não pode ser somente por razões filológicas que o pensamento saussureano só hoje chega até nós em sua autenticidade. Era provavelmente necessário que acontecessem múltiplas experiências inspiradas por uma interpretação parcial antes que se perfilasse a possibilidade de ele aparecer em sua complexidade integral e original. É um retorno que não se efetuará sem dificuldades. E o Curso, por isso também, merece que se retome a seu propósito as palavras que Croce escrevia sobre a Enciclopédia de Hegel: 'Certamente esse livro não é um livro fácil, nem em si mesmo nem tal como eu o apresento. Mas, acredito que a dificuldade, para os homens que pensam, é mais uma causa de atração que de repulsão. (Tradução nossa)

*le fait que le travail accompli est encore insuffisant.* (De Mauro; 1986:XV;Grifo nosso)<sup>17</sup>

A observação do autor é pertinente e ainda atual, o CLG continua sendo uma obra importante para vários campos do saber e por isso demanda ainda muito trabalho e elaboração. No entanto, é importante notar que ele afirma ser essa uma tarefa importante para a lingüística, para fazer avançar a teoria. Ao que acrescentaríamos que talvez não haja avanço enquanto o estatuto do CLG permanecer à sombra das demais elaborações sobre o funcionamento da língua. Essa realidade, um CLG encoberto, é facilmente comprovada, atualmente, nas ementas das disciplinas de lingüística das mais diversas universidades do Brasil em que o CLG, embora conste da bibliografia, não desperta interesse no sentido de levar a se tirar efeito de suas elaborações. Há apenas uma necessidade de constatá-las e delas, como já havíamos dito aqui, se proteger ou, se não for possível, desembaraçar-se sem que isso implique elaboração. Com isso não estamos afirmando que todo trabalho na lingüística deva ser condizente com a elaboração presente no CLG, mas que é necessário que se passe por ela enquanto experiência<sup>18</sup> e não enquanto informação.

Atualmente não nos encontramos exatamente nas mesmas condições em que De Mauro na época<sup>19</sup>. Há uma profusão dos manuscritos de Saussure mas se sabe muito pouco sobre o que fazer com eles e como fazê-lo: seja pela quantidade enorme de folhas escritas<sup>20</sup>, seja pela necessária informação sobre a história do saber sobre a língua, importante para ler

---

<sup>17</sup> - As considerações precedentes deveriam servir ao aprofundamento, entre outros, disto que é aliás a opinião comum: o pensamento de Saussure esteve e está no centro de múltiplos desenvolvimentos, dos quais alguns estão apenas nos seus primórdios, no seio das ciências históricas e antropológicas; e pela simples razão que as classificações repugnam sempre à inteligência histórica, é preciso se abster de dizer que o Curso está entre os livros o mais importante da cultura do século XX. Tentar uma interpretação válida no plano documental assim como no plano crítico é uma tarefa importante para a lingüística, e não somente para ela. Importância de ordem não somente histórica e erudita: muito freqüentemente (é suficiente pensar nos trabalhos como aquele, já mencionado, de Burger sobre significação e valor) **uma melhor exegese coincide com um progresso notável na teoria geral dos fatos lingüísticos. Tudo isto tem por objetivo trazer à luz o fato de que o trabalho realizado é ainda insuficiente.** (Tradução nossa)

<sup>18</sup> - O termo "experiência" aqui não é tomado no sentido filosófico em que é associado ao empirismo ou ao sentido comum de prática adquirida mas àquele da literatura: sentir, sofrer, suportar. Sentido semelhante ao encontrado na psicanálise que diz de uma experiência subjetiva, ou seja, algo que tenha para o sujeito que a viva o efeito de um corte, uma subversão.

<sup>19</sup> - "No prefácio da recente edição crítica do Curso, Rudolf Engler cita apenas três estudos que utilizaram as fontes manuscritas: o artigo de A. Burger já lembrado aqui, o ensaio de um jovem e notável especialista italiano, Giorgio Derossi (...) e a introdução à semântica do autor dessas linhas. Podemos acrescentar a esta lista reduzida ainda alguns raros trabalhos: um trabalho de Heinemann, um trabalho de G.Lepschy sobre o arbitrário (mas nos trabalhos posteriores Lepschy continua a não levar em consideração o trabalho de Saussure pelos trabalhos inéditos: cf.aussi o recentíssimo Lepschy 1970, 42-52) e sobretudo os escritos mais recentes de Engler mesmo, de E.Buyssens e de R.Godel" (De Mauro em nota de rodapé à p.XVI-Tradução nossa).

os manuscritos de um lingüista do século XIX; ou ainda seja pela própria ausência de uma metodologia para trabalhar com manuscritos dessa ordem<sup>21</sup> e, às vezes, mesmo, não se sabe, na lingüística, por que trabalhar com elaborações tão ultrapassadas quando a ciência é feita de renovações. No entanto, Saussure não é *ultrapassável* porque ele não é um a mais na lingüística: ele é aquele que possibilitou haver lingüística tal qual ela é<sup>22</sup>. Ignorar a sua presença é ignorar a condição de existência da lingüística e assim os manuscritos podem vir a ter um papel importante nesse trabalho. Com muito menos recursos e informações do que temos agora, De Mauro já nos dava a dimensão da importância e da dificuldade desse trabalho:

*Il suffira du reste de dire que la discussion critique sur le matériel manuscrit utilisé ou non par les éditeurs du Cours n'en est qu'à ses débuts: les contributions critiques sont rares, les approfondissements à faire sont certainement nombreux, le matériel, à peine édité, exige encore bien des lectures patientes. En outre, bien du matériel inédit n'a encore été examiné publiquement par personne: cahiers de notes des cours de linguistique historique, lettres privées, manuscrits sur les anagrammes et sur l'épopée germanique. De très vastes études restent à faire pour rassembler et comprendre les documents disponibles autour de la biographie et de l'oeuvre scientifique de Ferdinand de Saussure. (1986: XVI)<sup>23</sup>*

Assim, se a edição ainda nos reserva muito trabalho, não é menor aquele que os manuscritos de Saussure encerram. A partir desses, ou de uma exterioridade ao CLG, mas não do pensamento de Saussure, é possível que se possa vislumbrar uma outra via de abordagem da edição mas também é preciso que estejamos atentos para não acirrar a 'quimera' dos lingüistas de uma forma que inflacione o imaginário deles, visto que o efeito desse processo só pode ser a agressividade. Refiro-me, evidentemente, à hipótese bastante plausível, principalmente nos dias de hoje, de que, na busca do *verdadeiro* Saussure, implante-se o *terrorismo* dos manuscritos, como observa Normand com quem iremos seguir agora.

---

<sup>20</sup> - Aproximadamente 8.500 na B.P.U. (*Bibliothèque Publique et Universitaire* de Genève) e mais de 600 em Harvard.

<sup>21</sup> - Há uma metodologia específica para o trabalho com manuscritos literários, ver Willemart (1993).

<sup>22</sup> - Sobre esse ponto, a *ultrapassabilidade* de Saussure, ver M.T.Lemos(2002:17), em que a autora trabalha a partir de Pêcheux e Benveniste o lugar e a função de Saussure (e o seu apagamento) na lingüística.

<sup>23</sup> - Bastará de resto, além disso, dizer que a discussão crítica sobre o material manuscrito utilizado ou não pelos editores do Curso está apenas no seu início: as contribuições críticas são raras, os aprofundamentos a fazer são certamente numerosos; o material, apenas editado, exige ainda leituras cuidadosas. Além disso, muito do material inédito não foi ainda examinado publicamente por ninguém: cadernos de notas dos cursos de lingüística histórica, cartas particulares, manuscritos sobre os anagramas e sobre a epopéia germânica. Ainda é necessário fazer estudos muito vastos para reunir e compreender os documentos disponíveis em torno da biografia e da obra científica de Ferdinand de Saussure. (Tradução nossa)

#### 4 - DE UMA QUERELA REPISADA A UMA QUIMERA REDIMENSIONADA

---

“Aí está um problema crítico com tríplice complicação. Problema crítico grave como o da exegese platônica ou o problema sinótico dos Evangelhos. Naturalmente, as notas dos discípulos de Saussure foram apanhadas ao vivo na hora, como cada um podia anotar.” (Salum;*op.cit.*: XVIII)

Dos muitos autores que tratam dessa questão escolhemos Normand(2000) e De Mauro(1986) porque este colocou questões que tiveram que ser retomadas pela primeira nesse momento em que um trabalho sobre a edição é requerido em face da demanda crescente de se priorizar os manuscritos. Assim, Normand importa, neste capítulo especialmente, porque não desconhece as dificuldades do CLG, não as ignora e procura dar a esse texto um lugar a partir de um reconhecimento da sua importância na constituição da lingüística. Além disso, ela vive na Europa o ‘boom’ dos manuscritos<sup>24</sup> de Saussure o que, diferentemente do Brasil, implica uma urgência em redimensionar o lugar da edição. Vejamos como ela trata a questão da edição:

*C'est qu'il s'agit d'un texte bien étrange, propre à susciter l'embarras de tous ceux que préoccupent l'exactitude d'un manuscrit et l'authenticité d'une pensée. En effet ce que rassemble l'intitulé Cours de linguistique générale n'est que la trace d'un cours, ou plus précisément de trois cours, paroles précieusement recueillies, notées et transmises jusqu'à nous par les soins de disciples et amis de Saussure; plutôt que texte posthume on devrait parler de 'paroles' posthumes, écho diffracté dans plusieurs cahiers de notes d'une voix qui, paraît-il, fascinait les auditeurs. La décision hardie, selon leurs propres termes, et aux yeux de beaucoup, hasardeuse, des éditeurs de 1916 a été de reconstruire un cours qui, comme tel n'a jamais été donné. L'entreprise n'est pas absolument sans*

---

<sup>24</sup> - O suplemento do jornal *LE TEMPS* de 23 de junho de 2001, em Genève, traz uma matéria sobre os manuscritos e afirma: “Os manuscritos míticos, aqueles nos quais muitos não acreditavam, foram encontrados em um cômodo da antiga casa de Genève. Eles mudam a imagem do sábio positivista, pai do estruturalismo. Uma história de tesouro (da língua) que destrói também a lenda de um Saussure que não teria escrito” (Tradução nossa). Tal afirmação dá o tom da importância dos manuscritos de Saussure no final do século XX, embora muitos deles já estivessem na BPU (*Bibliothèque Publique et Universitaire*), em Genebra, e alguns já tivessem sido trabalhados por Benveniste, Starobinski, Engler, Godel e De Mauro. Para além disso, ainda há muitos manuscritos na BPU que demandavam trabalho. Assim, parece-nos que os escritos descobertos agora vêm ao encontro de uma necessidade de recolocar a fundação da lingüística e dessa forma são duas descobertas que se encontram: 1º- alguns manuscritos de Saussure e 2º- o desejo de redimensionar a fundação da lingüística.

*exemple, elle n'a jamais suscité autant de passions.* (Grifo nosso;op. cit.:14)<sup>25</sup>

Nas suas palavras um texto ‘estranho’ que é feito de ‘falas difratadas’ em vários cadernos. Essa consideração retoma aquela já feita aqui e que trata o CLG como ‘ecos esparsos’. Para Normand, é uma voz que parece fascinar os que o ouviam de tal forma que, acrescentaríamos, ‘auditeur’ pode passar à ‘éditeur’<sup>26</sup>. É inquietante que o texto fundador da lingüística tenha tomado a sua forma por essas vias tão particulares. Mas interessa perguntar se é inquietante porque esse texto é **fundador**, e uma fundação precisa de uma unidade à qual possa ser remetida, seja ela um nome de autor ou de um grupo ou instituição, ou é inquietante porque se trata da fundação **da lingüística**.

A questão é que essa pergunta nunca foi feita – o CLG se impôs à edição – malgrado as ‘dificuldades’ que até então não puderam ter outra nomeação. A passagem de ‘difícil’ para ‘estranho’, que a posição de Normand e suas considerações permitem, tem conseqüências já que dificuldade impõe, por oposição, um esforço para facilitar essa leitura – papel que as edições críticas desempenharam – e ‘estranhamento’<sup>27</sup> impõe uma outra posição diante do texto: a de fazer dele um enigma.

O enigma se diferencia da dificuldade porque essa é causada por uma falta que pode ser suprida. Falta informação ao leitor para ler esse texto ou falta clareza ao autor para que o leitor compreenda o texto. No caso do enigma pode haver dificuldade, mas ela se refere à posição do sujeito. Em geral, a resposta está no próprio texto e à vista.

Assim, começando por admitir uma leitura da edição em que as falhas de compreensão não configurem uma dificuldade, mas um enigma, não se procuraria uma resposta para o embaraço diante do CLG na comparação com as anotações que os alunos fizeram em aula ou com os manuscritos do mestre mas no próprio texto do CLG. E assim

---

<sup>25</sup> - É que se trata de um texto muito estranho, afeito a suscitar o embaraço de todos aqueles que se preocupam com a exatidão de um manuscrito e a autenticidade de um pensamento. Realmente o que reúne o intitulado Curso de lingüística geral é apenas **o vestígio de um curso**, ou mais precisamente de três cursos, falas preciosamente recolhidas, anotadas e transmitidas até nós pelos cuidados de discípulos e amigos de Saussure; **mais que texto póstumo deveríamos falar de falas póstumas, eco difratado em diversos cadernos de notas de uma voz que, parece, fascinava os ouvintes**. A decisão ousada, segundo seus próprios termos, e aos olhos de muitos, arriscada, dos editores de 1916 foi reconstruir um curso que, como tal, nunca foi dado. Não é que a empreitada não disponha de exemplos nenhum, mas jamais suscitou tantas paixões. (Tradução nossa)

<sup>26</sup> - Jogo lingüístico interessante lembrado por Cláudia Lemos em sessão de orientação.

<sup>27</sup> - M.T.Lemos (2002) utiliza esse termo em seu trabalho sobre a aquisição da linguagem para nomear o que a fala da criança colocou para a área da Aquisição da Linguagem: um estranhamento do qual deriva um enigma. Esse termo foi trabalhado por ela em referência ao texto de Freud (1919) no qual ele aborda a experiência do estranho.

os manuscritos de Saussure não teriam a função de reestabelecer o *verdadeiro* Saussure, mas de ser uma possibilidade de ler Saussure, sempre dependente da posição do sujeito que o lê, e a partir dessa leitura dialogar com a leitura feita pelos editores.

De fato, entre os leitores de Saussure estão aqueles cuja reação às falhas e às dificuldades de compreensão constituíram tentativas de simbolizar os laços internos que escaparam no momento da edição.

É preciso dizer que esse tipo particular de leitura começa pelo reconhecimento do lugar do CLG. Vejamos como Normand(2000) situa o CLG e Saussure quanto ao mesmo CLG<sup>28</sup>:

*Le pari de ce livre qui, plutôt qu'une introduction, se veut une incitation à découvrir, est de donner, d'abord, envie de reprendre la lecture du Cours de linguistique générale (CLG), tel qu'il a été publié en 1916 par Charles Bally et Albert Sechehaye; ce texte maintes fois réédité et traduit, je continuerai selon la tradition à l'appeler Saussure. Il ne s'agit évidemment pas d'ignorer les travaux philologiques mais de laisser à leur rôle de complément et correction éventuelle, en refusant qu'ils fassent écran à une première réflexion sur le Cours en tant que texte, seul texte aisément lisible de façon suivie, à lire comme tant d'autres l'ont fait pour leur plus grand profit. (p.12)<sup>29</sup>*

Vê-se que o que foi enunciado por ela no último ano do século XX não era necessário há uma década atrás. Trata-se de um novo momento em que o estatuto do CLG demanda uma posição do seu leitor e não só dos lingüistas porque nenhuma área que queira se valer das elaborações de Saussure poderá ir adiante sem se posicionar a partir do momento em que houve a exposição dessa fratura no CLG que, definitivamente, coloca uma hiância entre a edição e Saussure. A questão é como tratar essa hiância. Normand nos traz, a partir da sua posição, uma crítica a algumas posições desses que, reconhecendo tal fenda, se viram afetados por ela:

---

<sup>28</sup> - Em *Un texte pris dans l'histoire* Normand(2000:107) passa pelas várias leituras do CLG e de Saussure. Trata-se de uma dezena de páginas que trazem: Alonso; Godel; Wagner; Jakobson; Musil; Benveniste; Engler; Bouquet; Milner; Althusser; Chomsky e Parret. Enfim, autores que certamente mereceriam estar presentes nesta tese. Mas como não é possível ser justo com todos nos limites deste trabalho limitamo-nos a trazer aspectos necessários a essa elaboração que visa recolocar o CLG e remetemos o leitor ao texto da autora.

<sup>29</sup> - A aposta deste livro que, mais que uma introdução, quer-se uma incitação a descobrir, é a de dar, antes de tudo, o desejo de retomar a leitura do Curso de lingüística geral (CLG), tal como ele foi publicado em 1916 por Charles Bally e Albert Sechehaye; este texto inúmeras vezes reeditado e traduzido, eu continuarei segundo a tradição, a chamá-lo Saussure. Não se trata evidentemente de ignorar os trabalhos filológicos, mas de deixar a eles um papel de complemento e correção eventual, recusando que eles funcionem como uma tela para uma primeira reflexão sobre o Curso enquanto texto, texto este que é único a ser facilmente legível de maneira linear, para se ler como tantos outros fizeram para seu maior proveito. (Tradução nossa)

*Pour qui veut lire Saussure aujourd'hui le choix serait donc entre un faux et une masse d'erudition. Découragés par la difficulté d'accès à l'édition critique d'Engler, mais paralysés par la crainte d'exposer des erreurs et de trahir la pensée du 'maitre de Genève', ceux qui sont chargés aujourd'hui de donner un premier accès au texte saussurien (par exemple ceux qui enseignent la linguistique en première année d'université) hésitent et sont tentés d'y renoncer ou de se limiter à l'énumération de quelques notions disjointes. Et pourtant Saussure reste, du moins dans la tradition linguistique française, un passage obligé. On comprend l'embarras des enseignants et le désintérêt des lecteurs potentiels, confortés en cela par le mouvement actuel de dévalorisation des années structuralistes, qualifiées au mieux 'mirage linguistique' au pire de simple 'imposture'. (op.cit.:15)<sup>30</sup>*

Com a questão assim colocada o leitor do CLG, referido por Normand, se vê em um beco sem saída e desencorajado ou paralisado esse leitor é levado a condenar a edição à obscuridade. Contudo, a presença dos manuscritos circulando entre os estudiosos de Saussure parece apressar uma elaboração que permita, nessa questão, passar de uma querela repisada a uma quimera redimensionada. Andemos um pouco mais com Normand que nesse caminho se mantém:

*Pourtant la coexistence entre les travaux philologiques (disons la 'saussurologie') et un travail de diffusion et réflexion renouvelée sur Saussure, ne semble pas impossible, comme en témoignent certaines rencontres et travaux récents. Les effets souvent passionnés de l'époque de la réception où R.L. Wagner voyait s'imposer d'urgence les 'examens de conscience linguistiques' sont sans doute révolus mais non la possibilité de réfléchir sur le système conceptuel saussurien, sur la démarche de pensée et l'incitation qu'elle produit à poursuivre, aller plus loin, voire ailleurs, comme le fit Benveniste, en somme à user en toute liberté de cet héritage historique, sans se laisser impressionner par l'argument, tendanciellement terroriste, des 'originaux'. (grifo nosso; op. cit.:16)<sup>31</sup>*

Vê-se que o percurso de Normand lhe dá condições de sustentar uma posição particular em relação ao CLG, a Saussure e a seus manuscritos e, sem dúvida, em relação

---

<sup>30</sup> - Para quem quer ler Saussure hoje a escolha seria portanto entre um falso e uma massa de erudição. Desencorajados pela dificuldade de acesso à edição crítica de Engler, mas paralisados pelo receio de expor os erros e de trair o pensamento do 'mestre de Genebra', aqueles que são encarregados de dar um primeiro acesso ao texto saussureano (por exemplo aqueles que ensinam lingüística no primeiro ano da universidade) hesitam e ficam tentados a renunciar a isso ou de se limitar à enumeração de algumas noções desarticuladas. E apesar disso Saussure continua a ser, ao menos na tradição lingüística francesa, uma passagem obrigatória. Compreende-se o embaraço dos professores e o desinteresse dos leitores potenciais, confortados nisto pelo movimento atual de desvalorização dos anos estruturalistas, qualificados no melhor dos casos 'miragem lingüística' e no pior de simples 'impostura'. (Tradução nossa)

<sup>31</sup> - Contudo, a coexistência dos trabalhos filológicos (digamos a 'saussurologia') com um trabalho de difusão e reflexão renovada sobre Saussure, não parece impossível, como testemunham certos encontros e trabalhos recentes. Os efeitos freqüentemente apaixonados da época da recepção onde R.L. Wagner via impor-se com urgência os 'exames de consciência lingüísticas' que caducam sem dúvida, mas não a possibilidade de refletir sobre o sistema conceitual saussureano, sobre o desenvolvimento do pensamento e o estímulo que ele produz no sentido de prosseguir, ir mais longe, ou melhor alhures, como o fez Benveniste, em suma usar toda a liberdade dessa herança histórica, sem se deixar impressionar pelo argumento, tendencialmente terrorista, dos 'originais'. (Tradução nossa)

com outros estudiosos do assunto. Portanto quando, nesse mesmo trabalho, ela afirma que “*Malgré les précautions des éditeurs, on y lit, plus qu’en filigrane, les critiques de Saussure à l’égard de ses contemporains. Les manuscrits explicitent cette critique de façon souvent radicale(...)*”(op.cit.:22)<sup>32</sup> sabemos que ela se refere a Bouquet. De fato, Bouquet(2000:90) afirma: “Que o autor de *Mémoire* considere a lingüística pouco lúcida em relação ao seu objeto real é algo que se lê em filigrana ao longo de seus escritos e de suas aulas.”.

A posição dos dois autores não é a mesma quanto ao que se pode ler no CLG. A esse respeito Milner(2002:17) é bastante enfático e a sua posição é semelhante à de Normand(2000) quando se refere à edição e à sua relação com as publicações das edições críticas e mesmo com os trabalhos a respeito dos anagramas:

*Cette entreprise historique est fort importante; mais on peut tout autant s’en tenir au texte de 1916, tel qu’il est devenu: a savoir le cours, qui compta pour Benveniste et Jakobson, ou plus tard pour R.Barthes et le public des années 60. Le cours comme oeuvre, à la fois comprise et mécomprise.*  
(p.17)<sup>33</sup>

Há, portanto, uma possibilidade de se ler Saussure na edição; as leituras que dele se fizeram e os efeitos inovadores que tiveram sobre a lingüística e outras disciplinas assim o atestam; Normand(2000) que parece avançar nesse caminho que leva de uma querela repisada a uma quimera redimensionada faz uma observação importante ao especificar a posição a partir da qual ela lê a edição: “*C’est ainsi que commence le Cours dans une étrange combinaison de certitude, d’inquiétude et de désir qui accompagnera toute notre lecture.*” (op.cit;p.23).<sup>34</sup>

Este posicionamento, encontrado também em outros autores como Milner(1978) e de Lemos(1995,1998,2000), pode vir a trazer à lingüística algum avanço. Ou seja, a partir de uma leitura comprometida com as fissuras que o CLG expõe, a despeito da intenção dos editores de constituir uma unidade, pode-se vislumbrar uma possibilidade de ‘desengessar’ o movimento de fundação da lingüística. Movimento esse que, embora reconhecido,

---

<sup>32</sup> - Apesar das precauções dos editores, se lê, mais que em filigrana, as críticas de Saussure a respeito de seus contemporâneos. Os manuscritos explicitam essa crítica de forma, muitas vezes, radical. (Tradução nossa)

<sup>33</sup> - Essa empresa histórica é muito importante; mas pode-se, de toda forma, ater-se ao texto de 1916, tal como ele se tornou: a saber o curso, que contou para Benveniste e Jakobson, ou mais tarde para R. Barthes e para o público dos anos 60. O curso como obra, ao mesmo tempo compreendida e mal compreendida. (Tradução nossa)

<sup>34</sup> - É assim que começo o Curso em uma estranha combinação de convicção, de inquietude e de desejo que acompanhará toda a nossa leitura. (Tradução nossa)

permanece encoberto por uma espessa névoa que tem sido inibidora de uma lingüística que leve a sério as questões colocadas pela sua fundação.

Assim, passaremos a pontuar algumas leituras do CLG que trazem um aspecto importante da fundação da lingüística. A presença da gramática comparativa na formulação dos princípios da sincronia.

## 5 - ENTRE A GRAMÁTICA COMPARATIVA E A 'ORDEM PRÓPRIA DA LÍNGUA', UMA EDIÇÃO

Harris(2001), em livro publicado no primeiro ano desse século, portanto contemporâneo ao recente trabalho com os manuscritos de Saussure, dedica um capítulo aos editores de Saussure e o restante do seu livro trata do que ele anuncia no título "Saussure and his interpreters". Seu trabalho é mais uma demonstração da importância de discutir a edição. De fato, se a questão fosse simplesmente encontrar 'o verdadeiro Saussure', o trabalho com os manuscritos já teria cumprido, se fosse possível, essa função. A operação de edição que constituiu o Curso de Lingüística Geral e nos legou a herança do estruturalismo continua, de certa forma, intocada ou sob o efeito de inflamadas paixões que obscurecem a perspectiva com que se analisa o CLG. Harris(2001), entre outros, faz exceção a esse sintoma e, embora não se ocupe da operação que constitui o CLG, seu trabalho dá importantes contribuições para uma reflexão sobre ela.

Examinemos, com ele, o que os editores de fato fizeram:

*Nevertheless the Collation is of interest on many points of detail, since it reveals editorial doubts and hesitations with remarkable candour. When the notes are difficult to understand, Sechehaye does not hesitate to say so. He will admit, for example: 'toute cette page a été rédigée sur quelques mots très énigmatiques' (Coll.:91). He confesses he cannot understand Saussure's exemple of contremarche as a syntagm (Coll.:426). He is keen to incorporate, wherever possible, the exact words Saussure used, but does not hesitate nevertheless to make corrections in the interest of coherence and consistency. (Harris; 2001:33)<sup>35</sup>*

Já sabíamos, todos, que uma edição póstuma supõe exatamente esse tipo de operação. Diante dos manuscritos de Saussure e das anotações dos alunos não há dúvida de que o trabalho dos editores teria sido árduo. Então por que tanta indignação diante da

edição? Porque ela não foi suficientemente honesta com a perspectiva de Saussure?! Ora, dilema semelhante ao da tradução que já foi chamada de 'traição'! Harris que não se coloca nessa posição aponta uma questão relevante nessa discussão:

*Interesting as the Collation is, however, it is to the CLG that one must turn in order to assess the editors' overall interpretation of Saussure's teaching. Given their aims of 'reconstruction' and 'synthesis', and allowing for the attitude of ritual reverence that they invariably adopted towards 'le maître', what did they understand Saussure's basic and original contributions to the linguistic theory of his day as being? (op. cit.:34)<sup>36</sup>*

Para pensar a operação que constitui uma edição seria preciso considerar a posição dos editores para começar diante do mestre Saussure e do saber que é suposto a ele. Salum, a esse respeito, observa que "(...) o famoso livro de Saussure, que ele não escreveu, poderá ter também o seu interesse pedagógico: será uma fotografia fiel de como é apreendido diversamente aquilo que é transmitido por via oral." (CLG;p.XXII) Evidentemente que essa apreensão depende da posição daquele que escuta para além da posição daquele que fala. Portanto, há possibilidade de reconhecer, na edição do CLG, os contornos de um certo movimento que podemos atribuir a esta entidade que chamamos de **A Edição**.

Sendo assim, já é possível afirmar que A Edição deve nos colocar mais questões do que um simples julgamento: é preciso que seja suposta uma operação particular que possibilite uma reflexão para que possamos, então, considerar o que houve com A Edição do Curso de Lingüística Geral.

No mesmo capítulo do livro, Harris(2001:90) aponta um segundo aspecto significativo do trabalho dos editores; este aspecto concerne à ordem – hierarquia - de apresentação. Segundo ele, no trabalho dos editores é muito evidente a grande importância que eles dão tanto para a distinção de Saussure entre a perspectiva sincrônica e diacrônica quanto à inversão das (tradicionais) perspectivas. Isto é, os estudos da mudança lingüística foram, a partir de então, relegados a uma posição subordinada.

---

<sup>35</sup> -Contudo a colação é de interesse, no que diz respeito a muitos pontos relativos a detalhes, na medida em que revela dúvidas e hesitações, com respeito ao trabalho de edição, com uma notável franqueza. Quando as anotações são difíceis de entender Sechehaye não hesita em dizê-lo. Ele admitira, por exemplo: 'toda essa página foi redigida a partir de algumas palavras muito enigmáticas' (Coll.:91). Ele confessa que não pode entender o exemplo que Saussure dá de *contremarche* como um sintagma. (Coll.:426). Ele está disposto a incorporar, sempre que possível as palavras exatas que Saussure usou, mas não hesita, entretanto, em fazer correções visando a coerência e a consistência. (Tradução nossa)

No entanto, é preciso nos perguntar se a posição de Saussure e a dos editores se sobrepõem quanto ao tratamento da perspectiva diacrônica na elaboração de uma teoria sobre a língua que dê lugar ao seu funcionamento sincrônico.

Notemos que se, por um lado:

*Although the intellectual spanner that Saussure had deliberately thrown into the evolutionary works was crude, it was also impossible to ignore. Saussure pointed out the theoretical implications of what linguistics, for most of the nineteenth century, had lost sight of: that it is possible – and furthermore normal – to learn, understand, and speak a language without knowing anything at all about its past. The whole concept of Saussurean synchrony is based on this common sense observation and its ramifications. (op.cit:36)*<sup>37</sup>

por outro lado “For the editors, however, it was precisely Saussure’s insistence on the absolute separation between synchronic and diachronic studies that generated unresolved problems.” (op.cit.:p.36).<sup>38</sup>

Percebe-se, portanto, que, quanto ao modo de comparecimento da diacronia na elaboração de Saussure sobre a sincronia, não há identidade entre a posição dos editores e a de Saussure. Tentemos então compreender como a diacronia pode ter um papel nas elaborações de Saussure sobre a ‘ordem própria da língua’.

Béguelin(1990:22) em *Des formes observées aux formes sous-jacentes* busca mostrar de que forma na obra de Saussure o trabalho com os anagramas e as formulações sobre uma lingüística sincrônica são tributários do método com o qual, segundo a autora, ele operou em toda a sua vida: gramática comparativa das línguas indo-européias (op.cit.:22). Ou seja, para a autora a noção de reconstrução, presente na diacronia, é fonte de muitas das elaborações de Saussure e assim a diacronia, ou o estudo histórico das línguas, não estaria ausente das outras elaborações de Saussure, haveria uma relação entre a diacronia e a sincronia na teoria lingüística de Saussure.

---

<sup>36</sup> - Interessante, quanto seja à colação é, contudo, ao Curso que se deve voltar a fim de avaliar a interpretação geral que os editores dão ao ensino de Saussure. Dado seus objetivos de ‘reconstrução’, e ‘síntese’, e reconhecendo a atitude de reverência, ritual que eles, invariavelmente, adotavam diante de ‘le maître’, o que eles entenderam que eram as contribuições básicas e originais de Saussure à teoria lingüística de sua época? (Tradução nossa)

<sup>37</sup> - Embora a trava intelectual que Saussure deliberadamente impôs aos trabalhos evolucionistas tenha sido grosseira, tornou-se impossível também ignorá-la. Saussure assinalou as implicações teóricas do que a lingüística, na maior parte do século XIX, tinha perdido de vista: que é possível – e além disso normal – aprender, entender e falar uma língua sem saber absolutamente nada sobre seu passado. Todo o conceito de sincronia saussureana é baseado nesta observação do senso comum em suas ramificações. (Tradução nossa)

<sup>38</sup> - Para os editores, entretanto, foi precisamente a insistência de Saussure na absoluta separação entre os estudos sincrônico e diacrônico que geraram problemas sem solução. (Tradução nossa)

A posição de de Lemos(2000) sobre essa relação entre sincronia e diacronia na elaboração de Saussure é importante e a retomaremos no ponto preciso em que a autora reconhece um laço, entre essas duas abordagens da língua, que talvez seja da ordem daquele que de Mauro(1986:XIV) nos aponta: “*Nous comprenons comment les liens internes d’une telle pensée ont pu être voilés déjà dans la redaction des editeurs, la démarche authentique étant encombrée d’additions et de postiches.*”<sup>39</sup> (Grifo nosso).

Para de Lemos(2000:172) é preciso que se preste atenção a um processo específico da língua: a obliteração para que se possa dizer dessa relação entre diacronia e sincronia e, portanto, entre língua e fala:

*To be more precise: for him[Saussure] to take the point of view of speaker amounts to turn the synchronic point of view into the one which seizes the speaker relation to her/his language. At the same time, a synchronic point of view points to the need to define the systemic functioning which would answer for the obliteration of the historical events originating the changes which brought about that particular state of language experienced by the subject-speaker.* (Grifo nosso)<sup>40</sup>

Ela procura dar a dimensão do esquecimento que o falante experimenta na sua relação com a língua. Esse processo é notado por Saussure no que se refere às mudanças lingüísticas que ocorrem na língua e que, no entanto, não são notadas pelo falante. Ou melhor, o falante se dá conta da variação mas quando essa variação é suplantada pela mudança ocorre uma operação que implica que ele tenha acesso somente à forma presente da língua ainda que ela ainda contenha o que a constituiu no passado. No português, por exemplo, falamos *embora* sem nos dar conta que esta palavra é o resultado de uma mudança da expressão *em boa hora* que fica esquecida mas latente na fala do sujeito.

O falante tem acesso apenas ao estado presente da língua. A dimensão diacrônica - para o falante - estaria obliterada pela dimensão sincrônica. Para de Lemos(*op.cit.*), Saussure, nesse movimento, chega a uma radical oposição entre língua e fala separando as “(...)properties which belongs to ‘la parole’, i.e., to the sphere of individual actions.”<sup>41</sup> Contudo, é preciso considerar com de Lemos(2000:172) que “*The product of that*

---

<sup>39</sup> - Compreendemos como **os laços internos** de um tal pensamento puderam ser encobertos já na redação dos editores, o empreendimento autêntico sendo encoberto por acréscimos e enxertos. (Tradução nossa)

<sup>40</sup> - Para ser mais precisa: para ele [Saussure] assumir o ponto de vista do falante equivale a fazer do ponto de vista sincrônico aquele que apreende a relação do falante com a sua língua. Ao mesmo tempo, um ponto de vista sincrônico aponta para a necessidade de definir o funcionamento sistêmico que responderia pela obliteração dos acontecimentos históricos que deram origem às mudanças responsáveis por aquele estado particular de língua experienciado pelo sujeito-falante. (Tradução nossa)

<sup>41</sup> - (...)propriedades que pertencem à ‘fala’, isto é, à esfera das ações individuais. (Tradução nossa)

*conceptual operation is 'la langue', defined as an autonomous system 'qui ne connaît que son ordre propre'.*<sup>42</sup>

Ou seja, se por um lado podemos entender como a separação entre língua e fala, nessas condições, pode deixar de herança para a lingüística a 'ordem própria da língua'; por outro lado, o resto dessa operação é a própria diacronia visto que ao lingüista resta apenas "*Ignorer la diachronie', the methodological procedure present in such quotation, adopted by Saussure and, later on, by structuralist linguistics(...)*"<sup>43</sup> (de Lemos;2000:173).

Até aqui procuramos colocar algumas observações importantes para pensar o estatuto do CLG na fundação da lingüística: é possível afirmar com Béguelin(1990) que a gramática comparativa é fundamental nas elaborações de Saussure; e com de Lemos(2000), a partir do CLG, é possível concluir que a descoberta da obliteração da história da língua no sujeito falante foi um processo que permitiu a Saussure, através da sincronia, chegar até a 'ordem própria da língua'. E, não obstante, é preciso considerar que Harris(2001), por sua vez, nos coloca que A Edição mostra um processo de apagamento da gramática comparativa embora ela seja fundamental na compreensão dos processos sincrônicos.

É a partir desse ponto que pretendemos interrogar o CLG: diacronia e sincronia têm que tipo de laço na teorização de Saussure? Ou melhor: como a relação entre o ambiente de formação, tanto de Saussure quanto dos seus editores, com a gramática comparativa, o indo-europeu e o movimento neo-gramático se presentificam na edição?

Teria acontecido com a edição o mesmo que Saussure descobriu que acontecia com o falante: a sincronia cega o sujeito para a diacronia? E, se assim for, como alguns autores lêem, por exemplo Milner, no CLG a preponderância da gramática comparativa na elaboração de Saussure? A afirmação de Harris, com a qual Béguelin é solidária, e a reflexão de De Lemos estariam equivocadas? Evidente que não é o que pensamos. Trouxemos esses autores porque eles nos ajudam a colocar essa questão sobre a edição que toca a relação entre a gramática comparativa e a 'ordem própria da língua'.

Assim, uma vez colocado que diacronia e a sincronia não são sem nenhuma ligação no trabalho de Saussure, para avançarmos um pouco mais, vamos recorrer à análise de um capítulo do CLG e buscar recortar alguns momentos que permitam uma problematização dessa relação e dessa forma poder dizer das marcas, dos traços que os

---

<sup>42</sup> - O produto dessa operação conceitual é 'la langue' definida como um sistema autônomo 'que só conhece a sua ordem própria'. (Tradução nossa)

processos de elaboração de Saussure ou de edição dos seus alunos deixaram na Edição que marcou a fundação da lingüística.

## 6 - ATENÇÃO À TENSÃO<sup>44</sup>

---

“Sem a erupção do inconsciente não há como a lingüística sair da luz duvidosa com que a universalidade, sob o nome de ciências humanas, ainda eclipsa a ciência.” (Lacan;Radiofonia:3)

Recuperemos, então, três pontos importantes das reflexões que estabelecemos anteriormente: **a)** houve um movimento que é próprio da edição e que leva a marca tanto de Saussure quanto dos editores, conforme afirmamos no item 2.2; **b)** Saussure se mantém no CLG e o que atesta essa presença é a originalidade da teoria do valor nos estudos lingüísticos, conforme trouxemos no item 2.4 e, além disso, **c)** é preciso considerar que as elaborações de Saussure, que lhe renderam o título de fundador da lingüística, não são sem relação com a sua formação que está totalmente ancorada na gramática comparativa do século XIX conforme apontado no item 2.5.

Considerando esses três pontos pensamos que é importante nos determos por um momento em um capítulo do CLG para examinar a complexidade dessa edição e verificar como esses pontos que levantamos até então podem favorecer uma reflexão pontual sobre a edição.

Nós nos deteremos especificamente no capítulo IV da segunda parte do CLG. Esse capítulo originalmente foi um manuscrito das últimas aulas do terceiro (e último) curso ministrado por Saussure entre 30 de junho e 4 de julho de 1911<sup>45</sup>, em Genebra.

De Mauro (1986:461) afirma que Saussure ministrou as aulas que deram origem a esse capítulo em um momento em que os seus alunos já pareciam iniciados e assim ele poderia expor os pontos mais árduos de sua doutrina sobre a língua. No entanto, ressalta que esse ponto não exprime o pensamento final de Saussure mas um momento de passagem. Contudo, é preciso lembrar que além das marcas de Saussure encontramos nesse

---

<sup>43</sup> - ‘Ignorer la diachronie’, o procedimento metodológico presente nessa citação, adotado por Saussure, e, mais tarde, pela lingüística estruturalista. (Tradução nossa)

<sup>44</sup> - Esta secção é consequência da leitura parcial do Curso de Lingüística Geral realizada na PUC/SP com a Profª Maria Francisca Lier de Vito no primeiro semestre de 1998 apesar de, recentemente, termos acrescentado a ela as questões específicas sobre a operação da edição, além de termos remetido algumas das reflexões para o capítulo seguinte em que discutimos o signo e a teoria do valor. Ainda assim, **chamar atenção à tensão** é efeito das discussões realizadas em São Paulo em 1998.

capítulo também as marcas da edição: está entrecortado por informações contidas nos manuscritos do segundo curso, como é o caso do início do primeiro parágrafo da página 131 (1973) há ainda substituições de termos feitas pelos seus editores, como é o caso de *língua*, nesse mesmo parágrafo, usado em substituição ao termo original *linguagem*<sup>46</sup>.

É por serem aí reconhecidas tanto as marcas de Saussure quanto as dos editores que tomamos esse capítulo como exemplo de um funcionamento próprio à edição já que não é possível tratar do CLG todo no âmbito deste trabalho e porque em outros momentos deste trabalho<sup>47</sup> voltaremos a essa análise. Esse capítulo tem a seguinte ordem: na primeira parte, a teoria da língua enquanto sistema, na segunda, o significado, na terceira, o significante e, na quarta, o signo na sua totalidade. O trabalho de Saussure é árduo, tanto ao definir as propriedades de cada um desses termos quanto, a partir dessas propriedades, dizer das relações entre eles.

Ao nos determos nesses dois aspectos - propriedades e relações -, percebemos que é impossível não tocar naquilo que costuma se chamar de perturbação à compreensão no CLG ou mesmo de contradições da teoria. No entanto, essas contradições não precisam necessariamente ser tratadas como o “fracasso” de Saussure mas podem ser qualificadas como o material próprio da constituição de um objeto de conhecimento do qual a língua é exemplar, como afirma Benveniste (1991:45): “Certos lingüistas censuram a Saussure o comprazer-se em sublinhar paradoxos no funcionamento da linguagem. A linguagem, porém, é realmente o que há de mais paradoxal no mundo, e infelizes daqueles que não o vêem.” (1991:45).

Antes de iniciar a análise propriamente dita, acompanharemos alguns autores que reconheceram nesse capítulo um problema de compreensão e atentam, portanto, ao examinar o CLG, para a *dificuldade* na leitura desse capítulo.

De Mauro (1986) atesta essa *dificuldade* ao apontar que Saussure reservara para as últimas aulas suas lições sobre o valor porque, certamente, com um auditório já reduzido e devidamente preparado, ele poderia expor “os pontos mais árdus de sua

---

<sup>45</sup> - Cfe. Tulio de Mauro op.cit; nota 224 p.461.

<sup>46</sup> - “O papel característico da **língua** frente ao pensamento não é criar um meio fônico material para a expressão das idéias mas servir de intermediário entre o pensamento e o som em condições tais que uma união conduza necessariamente a delimitações recíprocas das unidades. O pensamento, caótico por natureza, é forçado a precisar-se ao se decompor. Não há, pois, nem materialização de pensamento, nem espiritualização de sons; trata-se antes do fato, de certo modo misterioso, de o ‘pensamento-som’ implicar divisões e de a **língua** elaborar suas unidades constituindo-se entre duas massas amorfas. (...)” (Grifo nosso; op.cit.p.131)

doutrina”. Embora de Mauro desloque essa dificuldade para as próprias condições dos cursos ministrados por Saussure no início do século XX, sua hipótese nos autoriza a deduzir que também ele percebeu pontos de tensão na leitura nesse capítulo.

Normand (2000), ao escrever um livro sobre Saussure no auge das questões suscitadas pelos manuscritos, centrando a sua atenção no CLG, afirma:

*Les trois chapitres (II, III e IV de la 2<sup>o</sup> partie) qui développent le terme valeur sont en effet d'une grande complexité sous la lisibilité apparent. C'est qu'il s'agit plus que jamais d'aller contre les évidences d'une pensée traditionnelle du signe. Une analyse attentive montre que, plutôt qu'une démonstration, le Cours développe une argumentation sinuée marquée de fausses hésitations, ponctuée de reprises et d'affirmations tranchées, soit un discours de persuasion visant à faire admettre, concernant les unités de la langue, l'équivalence **signe, rapports, valeurs, différences**. L'enjeu est d'importance puisqu'il s'agit des éléments que le linguiste se donne pour objectif de décrire dans leur fonctionnement concret. (p.68)<sup>48</sup>*

Essa impressão, ‘uma grande complexidade sob uma legibilidade aparente’, já é indicadora de que esse capítulo merece uma reflexão. Afinal, dessa observação se deduz que há algo mais a ser lido nesse capítulo. Aposta que interessa a esse trabalho.

Além do mais, a percepção de uma falha de compreensão nesse capítulo é recorrente<sup>49</sup>. Entretanto, não há a intenção de sermos exaustivos nesse ponto, pretendemos apenas situar o leitor em relação às dificuldades colocadas por um capítulo responsável por questões importantes da teoria saussureana, assim como desmotivá-lo a pensar que seria um problema de leitura nosso especificamente, ou mesmo seu particularmente<sup>50</sup>.

---

<sup>47</sup> - No próximo capítulo, quando discutiremos a relação entre teoria do valor, anagramas e indo-europeu.

<sup>48</sup> - Os três capítulos (II, III e IV da segunda parte) que desenvolvem o termo valor são realmente de uma grande complexidade sob a legibilidade aparente. É que se trata mais que nunca de ir contra as evidências de um pensamento tradicional sobre o signo. Uma análise atenta mostra que, mais que uma demonstração, o Curso desenvolve uma argumentação sinuosa marcada de falsas hesitações, pontuada de retomadas e de afirmações interrompidas, ou seja, um discurso de persuasão visando a fazer admitir, concernente às unidades da língua, a equivalência *signo, relações, valores, diferenças*. A aposta é importante já que se trata dos elementos que o lingüista se propõe descrever em seu funcionamento concreto. (Tradução nossa)

<sup>49</sup> - Também Rodrigues (1975) nos dá um testemunho dessa dificuldade em uma nota de rodapé: “O capítulo em que Saussure trata especificamente do problema do Valor, denominado “O valor lingüístico” (cap.IV, da segunda parte do *Cours de Linguistique Générale*), é considerado o mais difícil do *Cours* e o mais concentrado.” (p.115) Além disso, afirma o autor, quando signo e valor estão em jogo ao mesmo tempo a questão tende a ficar mais complexa: “Em todo o *Cours*, Saussure define a língua como um sistema. Ora é um sistema de signos, ora um mecanismo criado pela coletividade com vistas à expressão de conceitos; um sistema em que todas as partes devem ser consideradas em sua solidariedade e não em sua singularidade e, por fim, um sistema de valores puros. Algumas destas definições parecem de certo modo contraditórias e podemos, **sem nenhuma dúvida**, imputar tais contradições ou aos redatores, ou ao caráter inacabado da obra.” (Grifo nosso;op.cit.:97)

<sup>50</sup> - De Lemos, em comunicação pessoal, conta que, no final dos anos noventa, Claudine Normand em palestra feita no IEL/UNICAMP, referiu-se ao grupo de leitura formado por ela, Henry, Pêcheux e outros com o objetivo de estudar o CLG e nesse grupo constataram as dificuldades de ler o capítulo aqui em questão, dificuldades essas que levaram o grupo a longas discussões.

Vê-se que entrar na obra saussureana pelo CLG é incorrer em tais implicações: contradições, argumentação sinuosa, informações fragmentadas, caráter inacabado da obra. No entanto, é o CLG, enquanto fusão dos manuscritos de Saussure e das anotações dos seus alunos, nele condensados e alternados segundo a necessidade ou a preferência de alguns desses alunos, que figura enquanto reconhecimento de um *trabalho* do lingüista.

Dessa forma pensamos que é importante notar, a partir desse capítulo, que há um movimento próprio do texto que a tensão parece denunciar. O jogo inscrito nesse capítulo é um jogo de significantes que resistem à significação dando lugar, portanto, à interpretação. Daí as paradoxais conclusões a respeito da teoria saussureana que, não obstante, gerou todo um movimento na teoria do conhecimento que é o estruturalismo.

Passemos, então, ao capítulo do CLG ao qual devemos a noção de língua como um sistema e que nos dá elementos para melhor colocar a seguinte questão sobre a edição: há um movimento próprio que a tensão parece denunciar. Passemos ao capítulo IV *O valor lingüístico* da segunda parte cujo título é *Lingüística Sincrônica*.

## **6 . 1 - SISTEMA, SIGNO E TEORIA DO VALOR**

---

*“Pour mieux saisir l’ensemble, il convenait de faire droit aux singularités des sujets qui on fait exister le programme. Car il faut prendre conscience de ceci: le programme de recherches structuraliste ne préexistait pas aux sujets; ils ne l’ont pas trouvé, mais proprement inventé, par une décision à chaque fois singulière. Certains, je pense à Saussure, ont rencontré sur leur chemin la solitude et le chaos, alors que le monde était paisible; d’autres ont rencontré le bonheur, alors que le monde se couvrait de décombres.” (Milner:2002:p.8)<sup>51</sup>*

Nesse capítulo, o CLG trata de questões cruciais para que se possa falar da ordem própria da língua e toca diretamente à constituição do signo já abordada nos capítulos I e II de sua primeira parte. É assim que, nesse mesmo capítulo, encontra-se a seguinte afirmação: “estas considerações [realizadas nesse capítulo] fazem compreender melhor o que foi dito à p.81 sobre o arbitrário do signo” (CLG:132). Esta observação é dos editores e mostra a preocupação com o ‘todo orgânico’.

---

<sup>51</sup> - Para melhor apreender o conjunto, convinha fazer justiça às singularidades dos sujeitos que fizeram com que o programa viesse a existir. Pois é necessário ter consciência disso: o programa de pesquisas estruturalista não preexistia aos sujeitos; eles não o encontraram, mas propriamente o inventaram, por uma decisão a cada vez singular. Alguns deles, eu penso em Saussure, encontraram pelo seu caminho a solidão e o caos, enquanto o mundo era pacífico; outros encontraram a felicidade, enquanto o mundo se cobria de escombros. (Tradução nossa)

Para introduzir as questões em torno das quais versa esse capítulo é importante começar pela colocação de Milner(1989) relativamente ao movimento de Saussure entre a gramática comparativa, ambiente de sua formação, e a formulação do signo lingüístico:

*Il ne faut pas dissimuler le caractère remarquable de cette combinaison entre contingence et nécessité. Dans le cadre de l'interrogation générale qu'adressait Saussure à la grammaire comparée c'est sur ce point particulier qu'a porté son effort maximal. On connaît sa réponse: elle est formulée en termes de signe et d'arbitraire du signe. Grâce à ces notions, il peut résoudre ce qu'on pourrait appeler le paradoxe de la grammaire comparée: non seulement il n'y a pas contradiction entre le caractère contingent des formes foniques et la constance de leurs rapports mais encore seule la contingence des formes phoniques permet d'expliquer la constance de leurs rapports. (op.cit.; p.96)<sup>52</sup>*

Ou seja, para Milner, a elaboração sobre o arbitrário do signo por Saussure foi possível porque este surpreendeu um paradoxo na gramática comparativa: o funcionamento da forma fônica entre a contingência e a necessidade. É essa questão que constituiu o que Milner chama de 'quadro de interrogação geral' que Saussure endereçaria à gramática comparativa. É claro que afirmar a arbitrariedade da relação entre significado e significante é apenas uma das respostas a essas interrogações que extrapolam os níveis de reflexão da gramática comparativa e que abrirão caminho para a lingüística geral. O *Mémoire*<sup>53</sup> aqui não deve ser esquecido.

De Mauro(1986:330) sustenta que o *Mémoire* marcou profundamente a formação de Saussure, pois através dele entrou em contato com os problemas de reconstrução de um sistema lingüístico necessariamente a-substancial, já que sua realização em palavras não era conhecida. Assim ele buscava considerar as unidades lingüísticas como puras entidades opositivas e relacionais na sua co-funcionalidade sistêmica e não como átomos isolados. Com efeito, no próprio *Mémoire* é possível apreender um pouco mais dessa posição de Saussure:

*Étudier les formes multiples sous lesquelles se manifeste ce qu'on appelle l'a indo-européen, tel est le objet immédiat de cet opuscule: le reste de voyelles ne sera pris en considération qu'autant que les phénomènes relatifs à l'a en fourniront l'occasion. Mais si, arrivés au bout du champ ainsi circonscrit, le tableau du vocalisme indo-européen s'est modifié*

<sup>52</sup> - Não é necessário dissimular a característica desta combinação notável entre contingência e necessidade. É sobre este ponto particular que ficou seu esforço máximo no quadro da interrogação geral que encaminharia Saussure à gramática comparada. Conhece-se sua resposta: ela é formulada em termos de signo e de arbitrário do signo. Graças a essas noções, ele pode resolver isso que se podia chamar o paradoxo da gramática comparada: não somente não há contradição entre a característica contingente das formas fônicas e a constância de suas relações mas, além disso, somente a contingência das formas fônicas permite explicar a constância de suas relações. (Tradução nossa)

<sup>53</sup> - SAUSSURE, F. "*Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*". Leipzig, Teubner, 1879. Trabalho escrito por Saussure enquanto fazia a sua formação na Alemanha.

*peu à peu sous nos yeux et que nous le voyions se grouper tout entier autour de l'a, prendre vis-a vis de lui une nouvelle attitude, il est clair qu'en fait c'est le système des voyelles dans son ensemble qui sera entré dans le rayon de notre observation e dont le nom doit être inscrit à la première page. (Mem.1-2=Rec.3 apud De Mauro;1986: 327)<sup>54</sup>*

É preciso observar que nesse momento se desenha uma passagem para Saussure. Afinal, se as formas múltiplas se ordenam em torno do *a* urge tomar uma atitude nova: dar relevância ao sistema das vogais em seu conjunto. Que para ele tratava-se de uma 'peregrinação por difíceis caminhos' podemos depreender do que se segue:

*Aucune matière n'est plus controversée; le opinions sont divisées presque à l'infini, et les différents auteurs ont rarement fait une application parfaitement rigoureuse de leurs idées. A cela s'ajoute que la question du a est une connexion avec une série de problèmes de phonétique et de morphologie dont les uns attendent encore leur solution, dont plusieurs n'ont même pas été posés. Aussi aurons-nous souvent, dans le cours de notre pérégrination, à traverser les régions le plus incultes de la linguistique indo-européenne. Si néanmoins nous nous y aventurons, bien convaincu d'avance que notre inexpérience s'égarrera maintes fois dans le dédale, c'est que, pour quiconque s'occupe de ces études, s'attaquer à de telles questions n'est pas une témérité, comme on le dit souvent: c'est une nécessité, c'est la première école où il faut passer; car il s'agit ici, non de spéculations d'un ordre transcendant, mais de la recherche de données élémentaires, sans lesquelles tout flotte, tout est arbitraire et incertitude. (Mem.1-2=Rec.3 apud De Mauro; 1986: 327-8)<sup>55</sup>*

O que notamos, ao recorrer a essas passagens do *Mémoire* para cernir o movimento de Saussure da gramática comparativa à lingüística geral, é que ainda que não seja possível identificar um caminho claro das leis fonéticas em direção à **noção de sistema** não há dúvida quanto ao reconhecimento, por Saussure, da necessidade de uma mudança de metodologia. Ou melhor, que a própria metodologia que leva ao

---

<sup>54</sup> - Estudar as formas múltiplas sob as quais se manifesta o que se chama de *a* indo-europeu, tal é o objeto imediato deste opúsculo: o resto das vogais só será tomado em consideração na medida em que os fenômenos relativos ao *a* fornecerem a ocasião para isso. **Mas se, chegados ao fim do campo assim circunscrito, o quadro do vocalismo indo-europeu se tenha modificado pouco a pouco aos nossos olhos e que nós o vejamos agrupar-se inteiramente em torno do *a*, toma-se em face dele uma nova atitude, é claro que de fato é o sistema das vogais em seu conjunto que será admitido no raio de nossa observação e cujo nome deve ser inscrito na primeira página.** (Tradução nossa)

estabelecimento das leis fonéticas pode dar visibilidade a um sistema. Sistema esse a ser apreendido por uma outra metodologia.

Tratar dessa questão específica, das diferenças ou semelhanças entre o que era desenvolvido pelos neogramáticos e o que foi elaborado por Saussure, não é tarefa fácil. De Mauro (1996:328) coloca esse problema sem simplificá-lo ao afirmar que Osthoff dirige uma crítica muito dura a Saussure e em especial à necessidade, defendida por Saussure, de um 'sistema'. Contudo, lembra De Mauro:

*En contraste seulement apparent avec ces critiques, certains points du Mémoire se glissent, sans mention d'auteur, dans les traités de certains néogrammatiques, comme dans la Griechische Grammatik (Leipzig 1880) de Gustav Meyer, le premier à tenir compte des élaborations et des découvertes des dix années précédentes, selon Meillet (1937.477), mais aussi 'le premier à ignorer mon nom' comme Saussure l'écrira avec amertume (Souv.23) em 1903."* (p.329)<sup>56</sup>

Segundo De Mauro, esse tipo de apropriação parcial mostra o quanto Saussure e a sua posição permaneceram incompreensíveis aos lingüistas de sua época.

Dessa forma, Saussure teria partido dos estudos históricos e de lá tirado os elementos que lhe permitiriam supor as bases da sincronia. E o primeiro desses elementos seria, segundo Milner(1989:96-7) a arbitrariedade do signo que deixa ver o quão estreitas são as relações entre o trabalho feito pelo Saussure comparatista e o Saussure fundador da lingüística geral. Além disso, Milner (2002:35) observa a estreita relação que a questão do signo entretém com a teoria do valor<sup>57</sup>.

Até aqui procuramos mostrar, valendo-nos da reflexão de De Mauro, Harris e Milner, que o Saussure comparatista e as suas formulações fundantes da lingüística não são sem relação. Dizer dessa relação não é fácil mas é possível desde que o próprio CLG seja

---

<sup>55</sup> - Nenhuma matéria é mais controvertida; as opiniões são divididas quase ao infinito, e os diferentes autores raramente fizeram uma aplicação perfeitamente rigorosa de suas idéias. A isto se acrescenta que a questão do *a* é uma conexão com uma série de problemas de fonética e de morfologia entre os quais uns esperam ainda sua solução, muitos outros não foram sequer colocados. Nós também teremos, freqüentemente, no curso de nossa peregrinação, que atravessar as regiões mais incultas da lingüística indo-européia. Se, contudo, aqui nos aventuramos bem convencidos de antemão que nossa inexperiência se desgarrará muitas vezes no dédalo, é que, para quem quer que se ocupe destes estudos, abordar tais questões não é uma temeridade, como se diz freqüentemente: é uma necessidade, é a primeira escola por onde é necessário passar; pois trata-se aqui, não de especulações de uma ordem transcendente, mas da pesquisa de dados elementares, sem os quais tudo flutua, tudo é arbitrário e incerteza. (Tradução nossa)

<sup>56</sup> - Em contraste somente aparente com estas críticas, certos pontos do *Mémoire* deslizam, sem menção de autor, nos tratados de certos neogramáticos, como na *Griechische Grammatik* (Leipzig 1880) de Gustav Meyer, o primeiro a se dar conta das elaborações e descobertas dos dez anos precedentes, segundo Meillet (1937.477), mas também 'o primeiro a ignorar meu nome' como Saussure escreverá com amargura. (Tradução nossa)

<sup>57</sup> - Essas relações estão mais detalhadas no próximo capítulo quando tratamos especificamente da elaboração de Saussure sobre o signo lingüístico e a teoria do valor.

considerado e o leitor não se deixe levar pelo ideal de linearidade procurada pelos editores na constituição do CLG. Ou seja, não é possível dizer do movimento de Saussure quando se nega o CLG e se parte para a busca do ‘Saussure verdadeiro’ ou quando se ignoram os pontos de tensão presentes na edição. Dessa forma, é condição, para a apreensão do movimento que funda a lingüística, um reconhecimento do CLG nessa fundação bem como uma subversão da sua linearidade.

Esse caminho que possibilita localizar os pontos de tensão presentes no CLG não deve ser desconsiderado, pois ele permite recuperar as marcas de um percurso de elaboração teórica que, depois de realizado, se perde. Saussure, nesse percurso, deixa os indícios de uma difícil passagem ao não se conformar com as respostas que seus pares lhe davam como vemos na carta que ele endereça, em 04 de janeiro de 1894, a seu amigo Meillet:

*Sans cesse l'ineptie absolue de la terminologie courant, la nécessité de la reformer, et de montrer pour cela quelle espèce d'objet est la **langue em general**, vient gâter mon plaisir historique, quoique je n'aie pas de plus cher voeu que de n'avoir pas à m'occuper de **la langue em general**. Cela finira malgré moi par un livre où, sans enthousiasme ni passion, j'expliquerai pourquoi il n'y a pas un seul terme employé en linguistique auquel j'accorde un sens quelconque. Et ce n'est qu'après cela, je l'avoue, que je pourrai reprendre mon travail au point où je l'avais laissé. (Grifo nosso; De Mauro;1986:355)<sup>58</sup>*

Saussure dá mostras de um mal-estar com a ‘terminologia corrente’, contudo, só se pode modificar essa terminologia mostrando qual espécie de objeto é a língua em geral. Assim, ele se propõe a suspender a lingüística que se fazia até então e se ocupar dos problemas que lhe causavam esse mal-estar para que pudesse retornar ao seu ‘prazer histórico’. Caminho sem volta. Essa suspensão abriu a possibilidade de uma nova lingüística a partir da qual o ‘prazer histórico’ estava interdito visto que a estrutura (termo depreendido das elaborações de Saussure) desde então lhe fez sombra.

Dessa forma pensamos que vale a pena retornar ao CLG e ali pontuar alguns momentos de tensão com o objetivo de situar o movimento de fundação da lingüística.

---

<sup>58</sup> - Incessantemente a inépcia absoluta da terminologia corrente, a necessidade de reformá-la e de mostrar para isto que espécie de objeto é **a língua em geral**, vem estragar meu prazer histórico, ainda que eu não tenha um desejo mais caro do que não ter que me ocupar da **língua em geral**. Isto terminará a despeito de mim em um livro onde, sem entusiasmo nem paixão, eu explicarei porque não há um único termo empregado em lingüística ao qual eu atribua qualquer sentido. E é **apenas depois disso**, eu confesso, que eu **poderei retomar meu trabalho no ponto onde eu o havia deixado**. (Tradução nossa)

O capítulo IV da segunda parte do CLG merece nossa atenção visto que, como afirma Gadet & Pêcheux (1981), ali encontramos o que eles nomeiam de *a novidade de Saussure na teoria do valor*. Segundo eles, é a partir daí que se pode pensar na possibilidade de na língua algo ser movimentado por um ausente e este ausente ser a própria materialidade da língua, isto é, a negatividade. É realmente o que A Edição nos aponta ao expor a teoria sobre o valor lingüístico considerado em seu aspecto conceitual e material embora seja importante notar os impasses dessa elaboração.

## 6. 2 - O CARÁTER DIFERENCIAL DA PROPRIEDADE NO SEU ASPECTO CONCEITUAL E MATERIAL

No capítulo IV da segunda parte do CLG, temos um item dedicado especificamente a tratar do caráter diferencial da propriedade [do signo] no seu aspecto conceitual. O princípio básico desse funcionamento pode ser dito assim:

Seu valor (da palavra) não estará então fixado, enquanto nos limitarmos a comprovar que pode ser “trocada” por este ou aquele conceito, isto é, tem esta ou aquela significação; falta ainda compará-la com os valores semelhantes, isto é, com as palavras que se lhe podem opor. Seu conteúdo só é verdadeiramente determinado pelo concurso do que existe fora dela. Fazendo parte de um sistema, está revestida não só de uma significação como também, e sobretudo de um valor, e isso é coisa muito diferente. (CLG:134)

No que se refere à parte material da língua, temos um funcionamento regido pelos mesmos princípios que regem o caráter diferencial no seu aspecto conceitual. Ou seja:

Se a parte conceitual do valor é constituída unicamente por relações e diferenças com os outros termos da língua, pode-se dizer o mesmo da sua parte material. O que importa na palavra não é o som em si, mas as diferenças fônicas que permitem distinguir essa palavra de todas as outras, pois são elas que levam a significação. (CLG:137)

O significante é, portanto, a-substancial e nada se pode dizer dele a não ser pela relação que ele entretém no sistema lingüístico. Assim, o som não é responsável pela sua delimitação; serão as diferenças fônicas que estarão inscritas na língua.

Contudo, essa formulação não deve ser tomada como independente de todo e qualquer trabalho realizado na história dos estudos da linguagem anteriormente:

Dans sa forme achevée et classique, la grammaire comparée définit donc son objet d’investigation: les correspondances phonétiques. En conséquence, le phonème indo-européen n’est rien d’autre que le sténogramme d’une série de correspondances entre phonèmes, le mot indo-européen n’est rien d’autre qu’une suite de séries de correspondances entre mots, analysables en

phonèmes, l'indo-européen dans son ensemble n'est rien d'autre qu'un ensemble de phonèmes organisés en racines et morphèmes divers. (Milner; 1996:95)<sup>59</sup>

Assim dizendo, Milner mostra como a gramática comparativa foi o fértil terreno para as elaborações de Saussure. Sabemos que as leis fonéticas derivam desse tipo de trabalho, mas também a fonologia, ainda que tenha sido suposta pela gramática comparativa, é absolutamente devedora de tais elaborações. Para que se chegasse à fonologia foi necessário o trabalho realizado por Saussure que delinea a materialidade e o funcionamento do significante na língua.

Ou seja, da diacronia<sup>60</sup> à sincronia<sup>61</sup> ou, da fala à língua e, entre eles o corte inaugural de Saussure. Contudo, o corte que se dá com a diferença constitutiva da língua e lega uma herança aos lingüistas que lhe sucedem, não é sinônimo de não-relação. O corte incide antes na não-diferenciação dessas instâncias e tem como efeito a possibilidade de cernir um outro funcionamento da língua. Ou seja, o deslocamento teórico é dado por um descolamento da fala em relação à língua e da sincronia em relação à diacronia, movimento esse que funda a ordem própria da língua.

Até este momento a questão da diferença como eixo do funcionamento sistêmico da língua é perfeitamente apreensível pelo leitor do CLG e podemos dizer que a história assim o atesta através dos efeitos da teoria do valor no que diz respeito ao funcionamento do significante quer esse se atualize no fonema, quer tenha o seu estatuto redesenhado na constituição do sujeito como Lacan o fez. Contudo, quando se trata da contraparte do significante no signo, o significado, ou o conceito, há problemas para a compreensão desse mesmo funcionamento.

Ao procurar especificar o que é valor na língua, A Edição o diferencia de significação e qualifica o valor como uma presença (podemos pensar aqui na *palavra*, mas também em qualquer manifestação da língua) desprovida de propriedades intrínsecas. Para se dizer sobre a presença, isto que comparece como positivo, é necessário recorrer a uma ausência, ou ao negativo, que, contudo, opera na presença. É preciso notar que esse

---

<sup>59</sup> - Em sua forma acabada e clássica, a gramática comparada define pois seu objeto de investigação: as correspondências fonéticas. Em consequência, o fonema indo-europeu não é nada mais que o estenograma de uma série de correspondências entre fonemas, a palavra indo-europeia não é nada mais do que uma seqüência de séries de correspondências entre palavras, analisáveis em fonemas, o indo-europeu em seu conjunto não é nada mais que um conjunto de fonemas organizados em raízes e morfemas diversos. (Tradução nossa)

<sup>60</sup> - Em que o dado empírico cede lugar a hipótese de um funcionamento cego ao qual deve corresponder uma lei.

<sup>61</sup> - Em que a lei estabelece as propriedades do significante: ele é o que os outros não são.

negativo não parece ser de outra ordem que a da própria língua. Quanto às propriedades de um termo da língua, é importante notar que: "seu conteúdo só é verdadeiramente determinado pelo concurso do que existe fora dela" (CLG:134; grifo nosso). Importante sublinhar que o valor depende das relações existentes no sistema:

Quando se diz que os valores correspondem a conceitos, subentende-se que são puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com outros termos do sistema. (CLG:136; grifo nosso)

A alteridade de qualquer elemento da língua só poderia estar no próprio sistema da língua e assim, se ele for encontrado no social, ou no cultural, ou no ideológico, cabe perguntar se essas "instâncias", ao se constituírem enquanto discurso, têm alguma possibilidade de não serem produzidas como uma linguagem e assim, também estarem sujeitas a um mesmo funcionamento estrutural<sup>62</sup>. As propriedades na língua estão subditas às relações e estas se dão com outros termos do sistema. O valor na língua não depende de uma exterioridade que não seja a própria língua e a significação depende da relação que confere à negatividade o papel regulador de qualquer positividade na língua.

No entanto, é preciso chamar a atenção para o fato de que a diferenciação entre significação e valor está presente na edição e que essa diferenciação pode nos levar àquilo que Normand(2000) chama de 'aparente legibilidade' do CLG. Haroche, Henry & Pêucheux têm uma contribuição a dar no que se refere à pertinência dessa diferenciação:

*Pour les grammairiens et néo-grammairiens, la sémantique était réduite à l'étude du changement de sens des mots. Si nous nous reportons au Cours de linguistique générale, il faut d'abord remarquer que le mot sémantique n'y figure pas. Si nous rassemblons néanmoins ce qui peut être rapporté à la question, il y a lieu de faire une distinction entre, d'une part ce qui concerne l'opposition valeur-signification ainsi que les rapports associatifs, et, d'autre part, les chapitres consacrés à l'analogie et agglutination. Cette distinction est en fait recouvert par l'opposition de la linguistique synchronique et de la linguistique diachronique, mais à propos des changements analogiques, Saussure esquisse une analyse des rapports entre ce deux ordres qui appelle quelques commentaires. (...) Ce rapport de l'idée et de analogie nous ramène à la opposition valeur-signification. (In Langage 24; 1971; p.95)*<sup>63</sup>

<sup>62</sup> - Segundo Benveniste: "Essas investigações inovadoras [de Saussure] levam a crer que o caráter natural da língua, de ser composta de signos, poderia ser comum ao conjunto de fenômenos sociais que constituem a cultura." (1991:47)

<sup>63</sup> - Para os gramáticos e neo-gramáticos, a semântica estava reduzida ao estudo da mudança de sentido das palavras. Se nós nos reportamos ao Curso de Linguística Geral, é necessário de início assinalar que a palavra semântica não aparece aí. Se reunirmos, contudo, isto que pode ser relacionado à questão, pode-se fazer uma distinção entre, de um lado o que concerne à oposição valor-significação assim como às relações associativas, e, por outro lado, os capítulos consagrados à analogia e aglutinação. **Esta distinção é na verdade recoberta pela oposição da lingüística sincrônica e da lingüística diacrônica**, mas a propósito das mudanças analógicas, Saussure esboça uma análise das relações entre essas duas ordens que merece alguns comentários. (...) Essa relação da idéia e de analogia nos remete à oposição valor-significação. (Tradução nossa)

Os autores em questão sustentam que, no capítulo sobre analogia, Saussure defende a posição de que a analogia não seria um processo de mudança mas de criação, portanto individual, ou seja da esfera da fala, e não da língua, além disso, a analogia não é livre da idéia, o que faz com que ambas estejam na esfera da fala<sup>64</sup>.

Sendo assim, a questão do significado, ou conceito, exigiria uma articulação entre sincronia e diacronia, já que a questão do valor é do domínio da língua e a da significação é do domínio da fala. Assim, por um lado, o conceito – que é uma maneira particular de ver o significado – seria da ordem da fala e da diacronia. Por outro lado, o valor seria da ordem da língua e da sincronia. A questão assim colocada certamente não favorece a compreensão rápida da teoria do valor elaborada por Saussure. Contudo, ousar não ignorar esse tipo de problema da Edição pode nos ajudar a encontrar as marcas do movimento de Saussure.

### 6.3 - A TENSÃO ENTRE A PROPRIEDADE DIFERENCIAL E A POSITIVIDADE NO SIGNO

A Edição foi bastante enfática ao definir *o valor lingüístico considerado em seu aspecto material e em seu aspecto conceitual* enquanto completamente desprovido de substância<sup>65</sup> funcionando, portanto, como formas que se definem apenas pela diferença malgrado os impasses quanto ao aspecto conceitual do signo. No entanto, quando se trata do signo<sup>66</sup> A Edição almeja vê-lo na sua totalidade. Como conciliar essa idéia de sistema que funciona na pura diferença com a noção de positividade que A Edição preserva no signo? Vejamos:

Mas dizer que na língua tudo é negativo só é verdade em relação ao significante e ao significado tomados separadamente: desde que consideramos o signo em sua totalidade, achamo-nos perante uma coisa positiva em sua ordem.(...) Conquanto o significado e o significante sejam considerados, cada qual à parte, puramente diferenciais e negativos, sua combinação é um fato positivo; *é mesmo a única espécie de fatos que a língua comporta, pois o próprio da instituição lingüística é justamente manter o paralelismo entre essas duas ordens de diferenças.* (CLG:139-40;grifo nosso)

<sup>64</sup> - É importante notar que Haroche, Pechêux e Henry procuram mostrar que a semântica é da ordem do discurso, aspecto importante desse artigo que, contudo, foge ao escopo desse trabalho.

<sup>65</sup> - Conforme se observa no CLG da página 132 à página 139.

<sup>66</sup> - O título do item que se ocupa do signo (item 4) é: "O signo considerado na sua totalidade" (CLG; p.139)

Caberia perguntar como o signo pode ser considerado positivo, se ele mesmo só pode funcionar subdito à idéia de sistema, ou seja, não se define por propriedades intrínsecas. A Edição mesmo apresenta um exemplo capaz de elucidar a questão:

No interior de uma mesma língua, todas as palavras que exprimem idéias vizinhas se limitam reciprocamente: sinônimos como *recear*, *temer*, *ter medo*, só tem valor próprio pela **oposição**; se *recear* não existisse todo o seu conteúdo iria para os seus concorrentes. Inversamente existem termos que se enriquecem pelo contato com outros(...) O que se disse das palavras aplica-se a qualquer termo da língua, por exemplo às entidades gramaticais. (CLG:134-5; grifo nosso)

Apesar dessas perturbações, reconhecem-se no CLG os efeitos resultantes da elaboração precedente, como se pode confirmar na página 140:

Aplicado à unidade, o princípio de diferenciação pode ser assim formulado: os caracteres da unidade se confundem com a própria unidade. Na língua, como em todo sistema semiológico, o que distingue um signo é tudo que o constitui. A diferença é o que o constitui. A diferença é o que faz a característica, como faz o valor e a unidade. (CLG:140-1)

Pode-se concluir então que o caráter diferencial é a única **propriedade** que se pode atribuir a qualquer elemento lingüístico e mesmo ao signo lingüístico e esse mesmo caráter é capaz de constituir um valor? Mas se é assim como pensar na unidade – naquilo que pode constituir um? Esse apelo ao um que se escuta na gramática, em especial, ou em geral em toda tentativa de estratificação da língua também está presente no CLG: "Unidade e fato de gramática não se confundiriam se os signos lingüísticos fossem constituídos por algo mais do que diferenças." (p:141) No entanto, aí se sustenta que os signos são constituídos por diferenças e assim unidade e fato de gramática podem ser confundidos. Contudo, se é a propriedade do signo que deixa essa possibilidade de equívoco, a asserção presente no CLG produz uma inquietação, pois dela se depreende precisamente que signo difere de unidade. Assim, o signo, embora positivo, não é da mesma ordem de uma unidade?

Talvez seja prudente indagar um pouco mais sobre o que nos diz o CLG a respeito das propriedades e das relações que o signo tem e mantém, mas sem nos afastar do capítulo em questão.

Deve-se notar que a última frase, grifada por nós na passagem citada da Edição (139-40): “(...) é mesmo a única espécie de fatos que a língua comporta, pois o próprio da instituição lingüística é justamente manter o paralelismo entre essas duas ordens de diferenças” é acrescentada ao texto de Saussure pelos seus editores. De Mauro (1986) aponta que esta passagem é de grande importância teórica pois aí se desenha o signo, uma entidade positiva, enquanto combinação do significante e do significado constituindo uma entidade concreta. Contudo, subsiste entre os signos, continua De Mauro, uma relação de oposição que Saussure tende a conceber como distinta da diferença.

Essa frase (dos editores) determina uma análise; ou seja, a partir dela há dificuldades em considerar como distintas as relações existentes entre significado e significante e entre um signo e outro. Segundo De Mauro, no entanto, Saussure considerava que as relações entre significados e significantes estariam marcadas pela pura diferença e a relação entre os signos marcada pela oposição. Certamente as conseqüências de distinguir esses tipos de relações constituem apenas uma das possibilidades de sobrepor Saussure ao CLG ou À Edição.

No entanto, é preciso notar que, em determinado momento, a diferença é dada como propriedade dos elementos lingüísticos, embora uma diferença só se constitua em uma relação, já noutro momento, trata-se da diferença unicamente enquanto relação e na possibilidade de haver distinção. Ou seja, pode ser uma relação de diferença ou de oposição sem com isso alterar a propriedade do que está em um ou outro tipo de relação. Por exemplo: o significante e o significado têm propriedades diferenciais, funcionam na pura diferença, por isso são formas. O signo, desde que estabeleça uma relação entre o significante e significado, se encontra grávido de uma positividade e passa a funcionar em uma relação de oposição. Haveria aí a suposição de uma substância para o signo?

Se até o presente momento nos limitamos à diferença enquanto propriedade, doravante nos ateremos ao que se desenha nesse capítulo como uma característica relacional da diferença que merece atenção em especial pela dissociação que se faz de diferença e oposição enquanto tipos de relação, dissociação esta que incidirá posteriormente na distinção entre signo e unidade.

A observação de De Mauro sobre a possibilidade de distinção entre esses tipos de relação (oposição/diferença) acaba por circunscrever um outro ponto de tensão nesse capítulo. Encontramos no CLG:

Quando se comparam os signos entre si – termos positivos – não se pode mais falar de diferença; a expressão seria imprópria, pois só se aplica bem a comparação de duas imagens acústicas, por exemplo *pai e mãe*; dois signos que comportam cada qual um significado e um significante, não são diferentes, são somente distintos. Entre eles existe apenas *oposição*. Todo o mecanismo da linguagem, que será tratado mais adiante, se funda em oposições desse gênero e nas diferenças fônicas e conceptuais que implicam. (p.140)

Logo a seguir será dito, na Edição, que o que é verdadeiro do valor também o é da unidade. No CLG há inúmeras referências à unidade como algo muito difícil de ser definido:

(...) a língua tem o caráter de um sistema baseado completamente na oposição de suas unidades concretas. Não podemos dispensar-nos de conhecê-las, nem dar um passo sem recorrer a elas; e, no entanto, sua delimitação é um problema tão delicado que nos perguntamos se ela, a unidade, existe de fato.(124) (...)qualquer noção primordial depende diretamente da idéia que se faça da unidade.(125) Todavia, apesar da importância capital das unidades, seria preferível abordar o problema pelo aspecto do valor(...) (p.129).

Há ainda muitos outros lugares em que se pode perceber essa posição no CLG, o que importa porém neste trabalho é apontar, minimamente, que signo (termo positivo) e unidade não são a mesma coisa. O ‘princípio de diferenciação’ pode ser aplicado à unidade mas não ao signo: “aplicado à unidade, o princípio de diferenciação pode ser assim formulado: os caracteres da unidade se confundem com a própria unidade.”(CLG; p:140).

Assim, tanto o valor quanto a unidade são definidos negativamente, ou seja, a unidade não é um fato positivo porém o signo o é e, se entre um e não-um as relações regulam-se pela diferença, entre signos isso se dá pela oposição entre formas já constituídas.

Mais adiante, no CLG, lemos ‘(...)o que distingue um signo é tudo que o constitui e a diferença é o que faz a característica, como faz o valor e a unidade.’(p.140-1) Sendo assim, a diferença caracteriza e engendra as propriedades e, portanto, constitui o signo (e também o valor e a unidade).

Diferença e oposição não são da mesma natureza, contudo, elas constituem o signo. A primeira se sustenta no princípio da negatividade (é o que os outros não são) a segunda requer alguma positividade para que haja oposição. Milner (2002), chama a

atenção para o fato da (...) *rapport du signe à lui-même est de même nature que le rapport du signe aux autres signes. L'interne est retraversé par l'externe.* (p.35).<sup>67</sup>

Não é possível evitar nem dissolver a tensão que caracteriza esse capítulo. Por isso mesmo chamamos a atenção para ela com o objetivo de localizar as marcas do movimento de Saussure na constituição da lingüística moderna.

O CLG segue nomeando como uma conseqüência paradoxal desse mesmo princípio<sup>68</sup> o que se chama comumente de um fato de gramática. Nesse momento, o CLG problematiza a noção de unidade, dizendo que unidade e fato de gramática são apenas nomes diferentes para designar aspectos diversos de um mesmo fato geral: o jogo das oposições lingüísticas.

## 7 - UMA OPERAÇÃO

---

Procuramos trazer alguns momentos de tensão na leitura de um capítulo da Edição para que pudéssemos situar alguns elementos que permitam pensar que houve uma operação específica na Edição.

Se por um lado podemos mostrar como o corte fundamental de Saussure que funda a lingüística se lê no referido capítulo do curso, por outro lado, podemos mostrar que há uma tensão no decorrer do capítulo que dificulta a leitura do texto e o seu entendimento. Essa tensão pode ser nomeada como uma ameaça ao caráter diferencial da língua – parece que a qualquer momento ele pode ceder o seu lugar a uma propriedade intrínseca – o que não passa de uma insinuação nesse capítulo. Dessa forma a tensão se faz entre essas duas propriedades da língua: o UM e o NÃO-UM. Quanto a esta propriedade Milner (1987) a define bem:

Pois vê-se bem que uma locução trabalhada pelo equívoco é ao mesmo tempo ela mesma e uma outra. Sua unicidade se refrata seguindo séries que escapam à contagem, visto que cada uma, apenas nomeada – significação, sonoridade, escrita, etimologia, sintaxe, trocadilho ... – se refrata por sua vez indefinidamente: não a árvore que faz cálculo desse múltiplo, mas o cristal do aleph com o qual Borges talvez metaforize o lugar não-idêntico onde todo ser falante, enquanto tal se coloca. De forma recíproca, pode-se ouvir na célebre afirmação de Saussure, 'a língua é uma forma e não uma substância', a

---

<sup>67</sup> - (...) a relação do signo a si mesmo é da mesma natureza que a relação do signo com os outros signos. O interno é atravessado de novo pelo externo. (Tradução nossa)

<sup>68</sup> - Lembrando: "Aplicado à unidade, o princípio de diferenciação pode ser assim formulado: os caracteres da unidade se confundem com a própria unidade. Na língua, como em todo sistema semiológico, o que distingue um signo é tudo que o constitui. A diferença é o que faz a característica, como faz o valor e a unidade." (p.140).

fórmula que salva o idêntico, a substância da língua revelando, enfim, o que ela é: o não idêntico a si. ( p.13)

Esse funcionamento específico do significante e que antes de Saussure não tinha existência visto que não havia um discurso sobre ele, o discurso de Saussure o funda, eis o seu corte.

Contudo, o que dizer da unidade que ronda a teoria do valor? Aqui será preciso introduzir um outro aspecto desse corte: o sujeito que o suporta. Colocar a lingüística e o lingüista em relação é uma preocupação de Milner(1987):

A relação do lingüista à sua própria língua é estruturalmente desdobrada. Ele se atém ao ponto onde o não todo deve ser projetado no todo. Ele está sempre em condições de imaginar um significante que preencheria a falta da língua e a faria toda, digamos, uma palavra mestra. A disciplina, então, parece se ordenar inteiramente em torno dela, e poder, através dela, desfazer todos os nós da linguagem – o que a consagra a ocupar uma posição de mestria universal sobre todos os discursos dos quais ela é reputada a evacuar toda falta. Quanto ao sujeito que primeiro profere a palavra mestra, ele está por isso mesmo, em posição de mestre e sua pessoa sozinha basta para atestar àqueles que o ouvem que a falta se encobre.”(p.28)

Pensamos, portanto, que a tensão é uma báscula entre o ‘quadro de interrogao geral endereçado  gramática comparativa’ e a possibilidade de haver um ‘sujeito suposto saber’. Ou uma báscula que oscile entre uma posio em que a gramática comparativa colocou Saussure e uma posio demandada por aquilo que ele não sabia que fundava (a lingüística e não sem seus sintomas). Vale lembrar que a báscula é um funcionamento próprio do inconsciente, permitindo a emergência do sujeito do desejo, daquele que é capaz de, a partir do outro, falar sem repeti-lo, descolando e operando um deslocamento. É isso que no domínio da lingüística se chama o corte saussureano e a edio não apagou. Não apagou o corte e nem as marcas do movimento que o fundou.

Para além da lingüística, interessa-nos agora a questão do sujeito. Nesse aspecto Lacan é bastante preciso ao apontar os limites da lingüística:

A lingüística oferece o material de análise, e até mesmo o aparelho com o qual se opera. Mas um domínio só se domina por sua operao. O inconsciente pode ser como eu dizia, a condio da lingüística. Nem por isso ela tem quaisquer meios de agir sobre ele. (Lacan; Radiofonia:6)

Dessa afirmao pode-se depreender que, para dizer da lingüística é necessário considerar o inconsciente visto que ele é condio da lingüística e isso só é possível a partir da psicanálise. Tarefa, evidentemente, ambiciosa da qual esperamos pelo menos nos

aproximar. Contudo, é preciso também dizer que partimos da psicanálise com o objetivo de dizer do movimento de fundação da lingüística. Não se trata aqui de buscar um sujeito ou o indivíduo Saussure na edição ou nos manuscritos. Nesse sentido, o percurso que estamos fazendo pela psicanálise é delimitado pelos nossos objetivos e nesse momento passa, prioritariamente, pelas relações entre saber e verdade.

## 7.1 - O SABER E A VERDADE

---

“Que se aprenda nisso a marca a não perder de vista do estruturalismo. Ele introduz em toda ‘ciência humana’ – entre aspas – que conquista uma modalidade muito especial do sujeito, aquele para o qual não encontramos nenhum índice senão o topológico, digamos, o signo gerador da Banda de Moébius, que chamamos de oitão interior. O sujeito está, se nos permitem dizê-lo, em uma exclusão interna ao seu objeto.” (Lacan;1966:875)

É preciso não esquecer que a teorização de Lacan sobre o sujeito, considerando-o em relação ao saber, pode ser diferenciada a partir de alguns pontos importantes. Começamos com a proposição de Lacan (1960)<sup>69</sup> ao se referir à filosofia que, para ele, “(...) tem o interesse de nos apresentar uma mediação fácil para situar o sujeito: por uma relação com o saber” (Lacan;1960:808). Apesar desse interesse pela filosofia, ele remete essa relação do sujeito com o saber à verdade, verdade esta submetida ao não-saber próprio do inconsciente.

Porge(1996)<sup>70</sup> coloca a questão do inconsciente desde Freud na encruzilhada do saber e do não-saber: “No momento em que expôs sua *hipótese do inconsciente*, Freud formulou uma pergunta que pôde ser repetida como objeção: ‘como chegar ao conhecimento do inconsciente?’” (p.502). A objeção pode ser dita da seguinte forma: como chegar ao pensamento inconsciente senão pelo conhecimento consciente e assim, o primeiro (pensamento inconsciente), ainda guardaria as suas propriedades ou estaria submetido às propriedades do segundo (conhecimento consciente)? Um apagaria o outro?

Segundo Porge, Freud se dava conta da fragilidade do valor de separação dos dois sistemas (consciente/inconsciente) e conclui que “para nós o problema permanece” (*op.cit.*:502).

---

<sup>69</sup> - Apresentação de Lacan no Congresso de Royaumont “Colóquios filosóficos internacionais” que resultou no texto “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano”.

<sup>70</sup> - No verbete *sujeito* no Dicionário de Psicanálise organizado por Pierre Kaufmann em “Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud e Lacan” .

A resposta a essa objeção poderia ser alcançada? Porge aponta Lacan como aquele que “torna possível operar com a hipótese do inconsciente sem aniquilar a sua dimensão fundamental de não sabido (*insu, Unbewusste*)” (*op.cit.*:503) A definição de sujeito (do inconsciente) por Lacan, nesse primeiro passo, pôde então assim ser resumida por Porge:

Ele [o sujeito do inconsciente] não é sujeito no inconsciente, imaginado como um reservatório das pulsões, ele é essa pulsação, essa fenda por onde algo de não sabido – de inconsciente – se abre e se fecha assim que é apreendido pela consciência. O sujeito não é nada de substancial, ele é momento de eclipse que se manifesta num equívoco (*bévue, Unbewusste*) (*op. cit.*: p. 503)

O sujeito, então, é a própria hipótese e Lacan retoma, literalmente, a expressão ‘hipótese do inconsciente’ e substitui *hipótese* por *sujeito*, afirma Porge. A trajetória de Lacan nas elaborações acerca do sujeito do inconsciente, conforme o percurso desenhado por Porge, continua atravessando a questão do saber. Lacan afirma que proceder nessa via só é justificável pela experiência que a psicanálise proporciona. Qual é essa experiência? Sabemos que o saber na psicanálise, desde Freud, opera nessa qualidade de não sabido e tem sua materialidade marcada pelo significante<sup>71</sup>. Relembremos aqui *Psicopatologia da Vida Cotidiana* (1901) no qual Freud não se cansa de trazer exemplos desse saber (lá onde mora o desejo) que se mostra pela fratura do signo formado pelo significado e pelo significante<sup>72</sup> e que Lacan(1960) assim o coloca:

O inconsciente, a partir de Freud, é uma cadeia de significantes que em algum lugar (numa outra cena, escreve ele) se repete e insiste, para interferir nos cortes que lhe oferece o discurso efetivo e na cogitação que lhe dá forma. Nessa fórmula, que só é nossa por ser conforme tanto ao texto freudiano quanto à experiência que ele inaugurou, o termo crucial é o significante (...) (p.814)

A inserção do termo “significante” na definição do inconsciente determina uma nova concepção do sujeito que coloca em dificuldades as interpretações pós-freudianas que vêem o inconsciente como um reservatório no qual os pensamentos inconscientes estivessem depositados à espera de uma oportunidade para dominar os pensamentos

---

<sup>71</sup> - Trata-se aqui do significante tal qual ele é pensado por Lacan. Foge ao escopo do nosso trabalho estabelecer as distinções entre o funcionamento do significante para Saussure e para Lacan. Quanto a este último remetemos a Porge(2000) em especial o item: ‘L’ inconsciente est structuré comme un langage’.

<sup>72</sup> - É preciso aqui lembrar Giannotti(2001), já citado neste trabalho, ao falar de Marx: “Como então pretender ouvir a voz de Marx descartando as experiências que se fizeram em seu nome?”. Ou seja, a própria elaboração que nos permite aceder a um momento anterior à criação da Linguística Moderna, não dispensa a elaboração de Saussure posterior a esse momento e dessa forma para abordar a elaboração de Saussure recorremos a sua formulação sobre o significante e o signo.

conscientes ou então que o psicanalista estivesse à espreita de localizá-los para lhes aplicar uma interpretação ou mesmo uma medicação, dependendo do diagnóstico. Essa nova concepção ou a releitura que Lacan faz de Freud implica, para Lacan, em uma outra forma de abordar o inconsciente ou o sujeito do desejo. É pelo corte que isso é possível:

Esse corte da cadeia significante é o único para verificar a estrutura do sujeito como descontinuidade no real. Se a lingüística nos promove o significante, ao ver nele o determinante do significado, a análise revela a verdade dessa relação, ao fazer dos furos do sentido os determinantes de seu discurso. (1960:815).

Lacan, no caminho de Freud, percebe a importância do *pas de sens* (passo de sentido, ou sem sentido), mas como tratar isso a não ser pelas vias que o significado impõe? Ou seja, como abordar o significante a não ser pelas vias do significado? Esse problema exigia uma outra abordagem do sujeito que saísse dos domínios do dizer e passasse a um outro domínio: a mostração. Eis que Lacan se encontra com a topologia<sup>73</sup>.

Podemos dizer que esse *pas de sens* é íntimo à verdade. Observemos que se para Lacan: “A verdade não é outra coisa senão o que o saber só pode aprender que sabe ao pôr em ação a sua ignorância.” (*op.cit.*:812), no caso da ciência, ele adverte que não é bem assim que acontece: “é em outro lugar que tem de soar a hora da verdade” (*op.cit.*:812).

Lacan diferencia a relação entre o saber e a verdade a partir de quatro possibilidades de pensar a causa desse saber e que dará um lugar específico à verdade: 1)na ciência temos causa formal; 2)na religião a causa é entregue a Deus e 3) na magia, a verdade opera como causa eficiente enquanto que 4)na psicanálise, a verdade opera enquanto causa material, ou seja, pela incidência do significante absolutamente separado do significado. O efeito é que, na primeira, a verdade é foracuída; na religião, recalçada; na magia, denegada e, na psicanálise, tal articulação permite a emergência do sujeito do desejo.

Vejamos então como é possível, para Lacan, essa articulação entre esse saber que emerge das tramas do desejo enquanto um *não-sabido* e a ciência, que dará um certo lugar à verdade. Porge (1998) assinala essa articulação de Lacan:

Segundo Lacan, Sócrates é o iniciador da lei da coerência do significante, que procede por pares opostos: um saber que se pode afirmar unicamente pela coerência do discurso, mas **trata-se de um saber transparente para si mesmo**. A partir disso, Freud descobriu que **há um saber que não se sabe a si mesmo, que há um sujeito em eclipse do saber**. Por que Sócrates, tendo dado um primeiro passo, não descobriu o inconsciente? Lacan responde: **porque ainda não havia o sujeito da ciência**, cujo ato inaugural é o ato de Descartes. **Como pode o cogito ao mesmo tempo estar na origem do sujeito suposto saber, de que devemos prescindir, e ser o sujeito sobre o qual opera a psicanálise?** (Grifo nosso; *op.cit.* p.508)

Lacan reconhece, portanto, de forma radical, a divisão do sujeito em relação ao saber e, mais do que isso, situa essa divisão em um determinado momento: aquele da fundação da ciência moderna que o cogito cartesiano efetua. A noção de sujeito da ciência permitirá que se possa compreender melhor o que se passa na fundação de uma ciência considerando ali a sutura do sujeito assim como, na sutura, a sua presença. Além disso, também a noção de sujeito na obra de Lacan sofrerá os efeitos dessa formulação porque, a partir desse momento, a teoria do sujeito terá que incluir ao mesmo tempo a sua emergência e o seu evanescimento.

Nesse roteiro, que considera a articulação do sujeito com o saber e com o lugar que a verdade ocupa nessa constituição, julgamos importante dar relevância ao lugar que ocupa a fórmula do cogito cartesiano: “penso, logo existo”. Esta fórmula é, justamente, um marco da divisão do sujeito entre o saber e a verdade, visto que pensar e existir estão, ali mesmo, separados e alinhados, ou seja, a conjunção *logo* não engendra, como se espera, uma conseqüência entre saber e verdade ou entre pensamento e existência, mas marca a sua co-existência e assim a sua separação dando origem ao homem do *logos* ou, de acordo com a formulação lacaniana, ao sujeito da ciência.

Segundo Porge(1998), o ato separador de Descartes, correlativo da marcha da ciência moderna, instala uma divisão do sujeito da ciência em que sujeito do inconsciente e sujeito suposto saber não são dois termos que traçam uma fronteira visível – eles redobram

---

<sup>73</sup> - A topologia é definida por Granon-Lafont (1986:12) como “(...)o estudo, a ciência dos espaços e suas propriedades.” E, após um exemplo de funcionamento de um objeto topológico, ela afirma: “Vê-se por aí como estas relações estruturam o espaço, o tornam materializável, ainda que muito freqüentemente **isto escape a nossa percepção**. O objeto específico dos topólogos é, portanto, esta noção de espaço e as relações que o estruturam. É nesta medida que a topologia diz respeito à psicanálise. Ela é, com efeito, **um estudo da estrutura desembaraçada de um objeto psíquico único substantivado. Mas a tendência geral do pensamento é de dar corpo, subjetividade a um de seus conceitos**, como, por exemplo, ao de sujeito ou de inconsciente.” (Granont-Lafont:18)

a fundamental divisão do sujeito e formam uma banda de Moébius<sup>74</sup>. É assim que se pode entender que o sujeito sobre o qual a psicanálise opera é o sujeito correlato da ciência, ou seja, é o sujeito da divisão entre o saber e a verdade. Para Porge (1998:509), Lacan se ocupou da topologia como a única possibilidade de atar a divisão do sujeito com a verdade do saber.

Essa concepção de sujeito que, a partir de Lacan, a banda de Moébius pode figurar, traz uma subversão da noção de sujeito que só é possível perceber através do manejo desse objeto. A constituição do sujeito no campo do Outro, a sua alteridade constitutiva passa a ser localizada na sua própria estrutura sem que isso deixe possibilidades de dicotomização, o sujeito e o outro, nem de sobreposições ou mesmo hierarquizações. Essa alteridade constitui o sujeito e essa marca se encontra na sua superfície como se percebe percorrendo a banda; além disso, lembra Porge (1998:505):

A banda de Moébius permite situar o sujeito com um rigor que a linguagem comum, que tende a substantificar o sujeito, não alcança. 'Cada vez que falamos de alguma coisa que se chama o sujeito, fazemos dele um *um*. Ora o que se trata de conceber é justamente isto, é que o nome do sujeito é este: falta o um para designá-lo' (Lacan em 15 de dezembro de 1965)

A banda de Moébius, portanto, permite que possamos nos aproximar da natureza evanescente própria do inconsciente. Isso porque, sem direito nem avesso e constituído a partir de uma torção que “desempenha um papel primordial, (...) em torno da diferença especular e não especular (...) e o desconhecimento próprio à organização do Eu (...) a torção tem seu lugar fundamental nessa distorção.” (Grannont-Lafont:113)

Eis como a banda de Moébius se constitui: na figura 1, temos uma tira de papel com as suas extremidades marcadas; na figura 2, ao realizar a torção, a extremidade direita tem seus pólos invertidos e na figura 3 finalmente unimos as duas extremidades:

---

<sup>74</sup> - Objeto topológico que Lacan introduz na sua teoria e, segundo Porge, em 15 de dezembro de 1965 a nomeia como “suporte estrutural da constituição do sujeito como divisível”. Este objeto subverte o espaço comum de representação, pois apresenta direito e avesso contidos um no outro, diferenciados apenas por um acontecimento temporal.



Fig. 1



Fig. 2

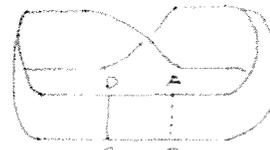
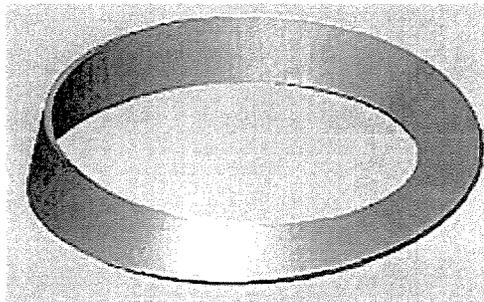


Fig. 3

Constituída assim nós teremos o seguinte objeto topológico:



É nesse sentido que a banda de Moébius adquire o seu estatuto na nossa reflexão: um objeto topológico que por um funcionamento específico permite situar uma distorção a respeito da Edição. A saber, a querela a respeito da autoria no movimento de fundação da lingüística.

A banda de Moébius vem para dar uma outra solução à dicotomia entre saber e verdade e colocar o tempo como operador dessa relação. Granon-Lafont(1986) afirma que a Banda de Moébius tem muitas funções na teorização de Lacan, uma dentre elas e que nos interessa aqui é a de ‘representar um certo tipo de relação entre duas noções’ (p.33).

## 8 - A OPERAÇÃO

“Havemos nós de pôr esse ser na balança com o que Hegel forjou como sujeito, por ser o sujeito que sustenta sobre a história o discurso do saber absoluto? (...) Mas outra coisa é aquilo de que se trata em Freud, que é efetivamente um saber, mas **um saber que não comporta o menor conhecimento**, já que está inscrito num discurso do qual, à semelhança do grilhão de antigo uso, o sujeito que traz sob a sua cabeleira o codicilo que o condena à morte não sabe nem o sentido

nem o texto, nem em que língua ele está escrito, nem tampouco que ele foi tatuado em sua cabeça raspada enquanto ele dormia.” (Lacan;1960:817-8; grifo nosso)

A partir dessas considerações, que dão à psicanálise o lugar que pretendemos neste trabalho, voltamos a nossa questão específica nesse momento: A Edição do Curso de Lingüística Geral. Agora iremos nos valer mais efetivamente da reflexão de Lacan e articular as nossas considerações até aqui sobre A Edição com as elaborações desse psicanalista.

Iniciemos por Harris(2001) que discute a edição a partir do que ele caracteriza como rejeição pelos editores do ponto de vista comparativo. Assim, ele aponta um aspecto importante desta: a supressão das questões relativas às mudanças fonéticas do cerne da lingüística sincrônica. No entanto, é preciso considerar que se, por um lado, esse aspecto não está presente na edição, por outro lado, ele não deixa de operar na constituição do texto. O nosso objetivo, ao evidenciar os momentos de tensão e trazer as observações de De Lemos(2000) e Béguelin (1990) foi, justamente, mostrar que **há um ausente que movimenta esse texto e propomos as questões próprias da gramática comparativa como esse ausente.**

Ao mesmo tempo sabemos que a gramática comparativa tem um papel no CLG, já que, aparentemente, é por uma recusa do método historicista que a lingüística sincrônica toma força. Ou seja, a gramática comparativa é aquela que se oferece ao corte, sem o qual não haveria a lingüística moderna e, ao mesmo tempo, é a que desaparece por efeito desse corte. Assim, podemos afirmar que a gramática comparativa opera na constituição dessa muito mal-dita<sup>75</sup> edição. Ou seja, **enunciar o novo não era possível sem essa relação com o que já havia; passar para outro lugar implica em sair de algum.** Há dois lugares em jogo. Resta então perguntar por que é na segunda parte, na qual se trata de lingüística sincrônica, que a ausência de qualquer referência à gramática comparativa aparece com tanta força?

Pensamos que já apontamos e sustentamos suficientemente a existência e a potência dessa ausência pelas observações de outros autores no decorrer desse capítulo assim como pela nossa análise de um capítulo do CLG. Sendo assim, parece-nos que essa falta é inequivocamente notada nos enigmas que a teorização sobre a sincronia nos coloca

---

<sup>75</sup> - No sentido que falta um bem dizer dela que a tire desse lugar de maldição (condenada, amaldiçoada) e mau dizer (equivocada, alterada).

justamente porque este é o lugar onde ele (o ausente, o indo-europeu, a gramática comparativa, a Gramática Histórica) é menos esperado. Afinal a gramática comparativa deve ser esperada lá onde ela opera, ou seja, na diacronia. Assim, lá onde ela não é esperada, mas onde teve um lugar na constituição de princípios sobre a linguagem, continuará a operar como um ausente.

Ainda subsiste uma interrogação: o motivo pelo qual os editores foram insensíveis à importância da gramática comparativa na constituição da lingüística sincrônica. Algumas hipóteses não devem ser negligenciadas e tentaremos enumerar aquelas que nos parecem as mais evidentes ou mesmo inevitáveis. São quatro, inicialmente, as hipóteses nessas condições: **a)** porque emprestaram à lingüística um suposto princípio geral das ciências: uma teoria nova vem sempre superar e, não raro, contradizer a antecedente; **b)** porque eles próprios não tinham a gramática comparativa em alta estima e supunham, portanto, que as questões colocadas pelo Mestre não deviam ser misturadas com o que não lhes parecia uma boa teoria da língua; **c)** porque realmente não enxergaram o movimento do Mestre e lhe atribuíram uma invenção tão original que não era possível supor um antecedente na história dos estudos da linguagem; **d)** porque o estilo da ciência aristotélica impregnava de tal forma os editores que a novidade trazida pelo Mestre acabou por ser filtrada pela posição dos editores; ou ainda.... Não é possível esgotar ou adivinhar a hipótese dos editores, só é possível constatar que algo precedeu a composição da edição, algo a movimentou.

Contudo, a questão sobre o que motivou a supressão da gramática comparativa no capítulo específico sobre a sincronia é uma questão falsa. Interessa observar que ela não está lá, mas perguntar-se por que os editores assim o fizeram não leva a mais do que suposições. Importante, ao nosso ver, é pensar como essa característica faz parte da fundação da lingüística. E um exame mais atento, como o que realizamos sobre o capítulo que trata da Teoria do Valor, demonstra que as questões que movimentavam a gramática comparativa estavam absolutamente presentes no próprio capítulo ainda que em ausência. Por isso, o mérito da edição é não apagar as marcas de um movimento que para Saussure, de fato, se passava na ordem do não-sabido. Dessa forma, interessa menos se foi Saussure

que falou tal ou tal frase que está no curso e mais como esse texto pode transmitir<sup>76</sup>, e não comunicar<sup>77</sup>, a operação realizada por Saussure.

É possível, pois, a partir de Lacan, sustentar a hipótese de que a constituição dessa Edição se deu a partir de um funcionamento específico. Segundo Lacan, não se lê do mesmo lado do pergaminho o que é da ordem do saber e o que é da ordem da verdade e essa divisão não impede que, a despeito do que sabe o sujeito, a verdade deixe as suas marcas no saber. A partir do que dissemos até aqui, é possível afirmar que saber e verdade não se encontram na Edição, mais especificamente no capítulo do CLG sobre o qual nos debruçamos.

Com Lacan, podemos lançar mão da banda de Moébius enquanto objeto topológico que permite uma mostraçãõ disso que constitui a Edição para que possamos colocar em uma certa relação o saber e a verdade que constituem o CLG. Mais especificamente aquilo que se produziu como lingüística sincrônica e aquilo que opera como causa material dessa produção, ou seja, a sua verdade. Vislumbrando, então, a presença em ausência, ou seja, do outro lado do pergaminho temos as elaborações próprias da gramática comparativa.

Se pegássemos uma tira de papel e, de um lado, a impregnássemos de uma cor, ou nela escrevêssemos **teoria do valor** e, do outro lado, a impregnássemos de uma outra cor ou nela escrevêssemos **gramática comparativa**, teríamos uma separaçãõ. Mas seria uma separaçãõ sem condições de relação, teríamos uma dicotomizaçãõ.

No entanto, se uníssemos essa tira de papel, ao modo da banda de Moébius, e então percorrêssemos essa banda com uma caneta colorida, teríamos uma surpresa: a dicotomizaçãõ desapareceria e **teoria do valor** e **gramática comparativa** entrariam em relação, pois a caneta passaria por uma e pela outra. Ao fazer a torçãõ que forma a banda, vemos que a relação entre os dois lados é temporal e não de direito e de avesso. Desse modo poderíamos supor que a banda serviria como artifício para diluir a fronteira entre a teoria do valor e a gramática comparativa ou entre sincronia e diacronia.

---

<sup>76</sup> - Para a psicanálise, na transmissão, o que é próprio do funcionamento do inconsciente - o não sabido - opera a despeito do seu desconhecimento.

<sup>77</sup> - A noção de comunicação implica o princípio de objetividade em que algo possa ser transmitido de forma integral sem perda ou sem desconhecimento daquilo que se comunica. É o princípio que rege a ciência e a noção de conhecimento.

Não se trata disso: a banda as separa de vez, elas jamais poderão se sobrepor. É um requisito lógico desse objeto topológico. Além disso, para que uma e outra estejam em relação é necessário um sujeito, aquele que os coloca nessa relação.

Para que houvesse essa edição foi necessária, certamente, a consideração de um sujeito suposto saber – Saussure o era para os editores como atesta a história. Contudo, colocá-lo nessa condição implica deslocá-lo da posição do sujeito que funda uma ciência, ou seja, do sujeito que é ‘pego’ por um não-saber sobre a língua. Essa é a posição própria de Saussure diante dos anagramas. Parece-nos, portanto, que, entre uma posição e outra, há um ponto de balança ao qual os editores não foram insensíveis e, assim, há mais do que o Saussure ‘diurno’ na Edição, como querem muitos autores do século XX que o comentaram. Contudo, não é, apenas, o Saussure ‘noturno’ (aquele dos manuscritos, dos anagramas) que encontramos na edição. Poderíamos dizer que se pode surpreender um Saussure ‘crepuscular’.

Assim, considerando o CLG na fundação da lingüística e enfrentando alguns pontos enigmáticos desse texto, procuramos cernir um movimento próprio dessa fundação. Esse movimento, uma vez delineado, faz entrar em cena o que no domínio da sincronia estava velado: os trabalhos realizados no domínio da gramática comparativa.

No próximo capítulo, procuraremos estabelecer uma reflexão que considere a possibilidade de uma relação entre os mais conhecidos trabalhos de Saussure: o trabalho com os anagramas, a sua formação em gramática comparativa e a Teoria do Valor de maneira a não sobrepor-los nem hierarquizá-los, privilegiando ainda a noção de movimento na fundação da lingüística.

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL  
SEÇÃO CIRCULANTE

## **CAPÍTULO II**

### **O MOVIMENTO DE UM LINGÜISTA: SAUSSURE ENTRE O INDOEUROPEU, OS ANAGRAMAS E A ORDEM PRÓPRIA DA LÍNGUA**

*Manifester qu'un point de l'univers est comme il est, cela requiert que soient lancés les dés d'un univers possible où ce point serait autre qu'il n'est. A l'intervalle de temps où les dés tourbillonnent, avant de retomber, la doctrine a donné un nom: émergence du sujet, le quel n'est pas le lanceur (le lanceur n'existe pas), mais le dés eux-mêmes tant qu'ils sont en suspens. Dans le vertige de ces possibles mutuellement exclusifs, éclate enfin, à la instant ultérieur où les retombés, qu'ils portent un autre nombre sur leur face lisible. Où l'on voit que l'impossible ne se disjoint pas de la contingence, mais en constitue le noyau réel. (Milner;1991:341)<sup>78</sup>*

Neste capítulo, partimos do caminho já percorrido no capítulo anterior quando examinamos uma das formas pelas quais A Edição participa da fundação da lingüística, a saber pelo velamento da gramática comparativa no estabelecimento das bases da perspectiva sincrônica. Para cernir um estatuto próprio da Edição, recorreremos à banda de Moébius que permite estabelecer uma relação particular entre a lingüística sincrônica e a diacrônica.

Introduziremos, então, um terceiro elemento, se é que podemos chamá-lo assim, nas nossas considerações sobre a fundação da lingüística: os anagramas. A partir desse terceiro elemento deixaremos para trás as querelas da Edição e procuraremos dar relevo apenas ao movimento de Ferdinand de Saussure. Por isso mesmo as qualificações desse movimento como: '*a fundação de uma ciência*'; ou de Saussure como: '*o pai da lingüística*', estão suspensas por um momento.

Em primeiro lugar, porque essas qualificações nomeiam um efeito retroativo desse movimento, dando-lhe um sentido em duas acepções do termo sentido, isto é, significado e direção. Em segundo lugar, porque esses sentidos cernem desse movimento apenas o seu produto, isto é, o que se presume como a elaboração final de Saussure que culminou no "acontecimento editorial"<sup>79</sup>: *Cours de Lingüistique General* ou, como nós preferimos chamar, A Edição. É, portanto, necessário um passo atrás, ou seja, a suspensão dessas qualificações para surpreender o movimento.

---

<sup>78</sup> - Declarar que um ponto do universo é tal como ele é, requer que sejam lançados os dados de um universo possível em que este ponto seria diferente do que ele é. Ao intervalo de tempo em que os dados turbilhonam, antes de tornar a cair, a doutrina deu um nome: emergência do sujeito, o qual não é o lançador (o lançador não existe), mas os próprios dados enquanto estão em suspenso. Na vertigem desses possíveis mutuamente excludentes salta à vista enfim, no instante ulterior àquele em que os dados caíram, que eles trazem um outro nome sobre sua face legível em que se vê que o impossível não se separa da contingência, mas constitui o seu núcleo real. (Tradução nossa)

<sup>79</sup> - Como é referido por Bouquet(2002) em *Introdução à Leitura de Saussure* .

Ao tratarmos da operação que constituiu A Edição, nos referimos repetidamente ao corte de Saussure. Esse corte, que a edição não desmente, aconteceu logicamente antes da edição e é esse passo atrás que daremos. A Saussure são atribuídos trabalhos, realizados antes da Edição, que são qualificados como díspares: o trabalho comparatista, a pesquisa sobre os anagramas e a elaboração da teoria do valor. Interessa-nos examinar a relação entre esses trabalhos que têm sido tratados como ilhas da elaboração do lingüista genebrino.

Alguns autores dedicaram-se, na última década, a examinar o movimento de Saussure<sup>80</sup>. No Brasil, Claudia Lemos tem colocado essa questão em alguns dos seus artigos nos quais a autora procura subverter a ‘dicotomia fácil’<sup>81</sup> entre os anagramas e o CLG. Para ela “O Curso é uma obra que não desmente os anagramas” (1995:46). A autora se coloca a questão sobre Saussure a partir do seu percurso nos estudos de aquisição da linguagem e de questões que suscitaram um retorno à lingüística inspirado por Lacan.

Um outro autor que será importante nesse percurso é Milner, em especial em alguns capítulos do seu livro *L’amour de la langue*(1978), no qual ele procura dar um estatuto a cada uma das elaborações de Saussure oferecendo uma possibilidade de pensá-las como movimento do sujeito.

Assim, embora os autores acima não tenham tido como objetivo de seus respectivos trabalhos o percurso do lingüista genebrino, trilharemos nosso caminho considerando a perspectiva assumida por eles que desloca as produções de Saussure das várias posições em que foram imobilizadas. A referência a esses autores é necessária e importante em especial pela forma particular como esses lingüistas ousaram interrogar a lingüística a partir da psicanálise ao colocar em questão a crítica vigente no que diz respeito à obra de Saussure. Contudo, este nosso trabalho deles se diferencia na medida em que parte de uma reflexão específica de Lacan a respeito do sujeito, já iniciada no capítulo anterior e que, neste momento, se valerá, particularmente, da topologia do nó borromeano.

A partir da utilização deste recurso que a psicanálise lacaniana permite, pensamos estabelecer uma reflexão a respeito do movimento de fundação da lingüística de maneira a não tratá-lo como dirigido para a fundação. Ou seja, ao se desenhar esse movimento, não é possível dizer se ele fundará ou não uma ciência. O nó borromeano permite isso: dizer

---

<sup>80</sup> - Parret, Bouquet e Arrivé, além de Gadet e Pêcheux, entre outros são os mais conhecidos embora Tulio de Mauro, Godel e Starobinski tenham realizado um trabalho de inestimável valor que muito contribui para qualquer reflexão que se faça atualmente sobre Saussure.

<sup>81</sup> - Expressão da autora para referir-se à frequência com que se opõem os “dois Saussures”. Oposição essa que implica desviar as dificuldades de se considerar uma relação entre as produções de Saussure.

sobre um movimento marcado pelos anagramas, o indo-europeu e a teoria do valor sem ordená-los ou hierarquizá-los.

## 2 - O NÓ BORROMEANO

---

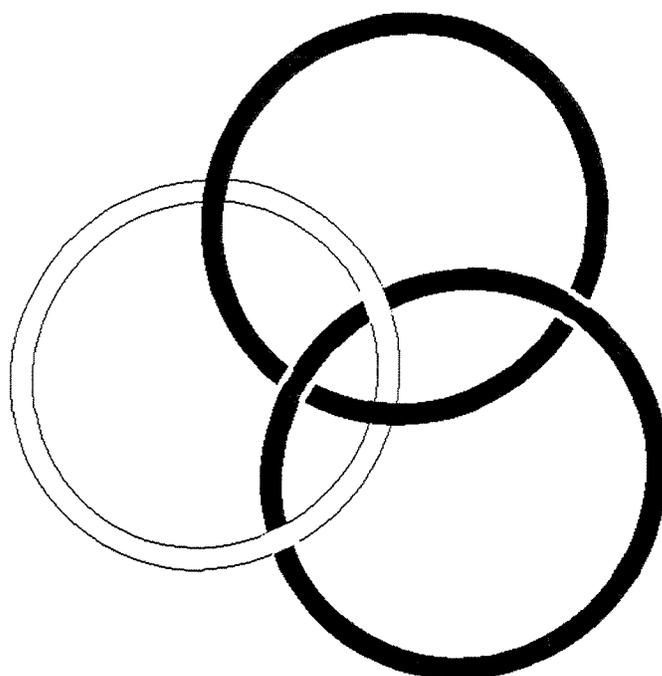
“O que gira em volta do consistente mas que faz intervalo, e que, nesse intervalo, tem  $n$  maneiras de se atar, justamente na medida em que não temos, com os nós, a menor familiaridade manual nem mental. O que é a mesma coisa aliás.” (Lacan;1974:17)

Lacan no Seminário RSI dá um testemunho de como esses registros, designados por R S I – Real, Simbólico e Imaginário – foram introduzidos em sua teorização até o momento de serem borromeinizados:

Freud não tinha idéia do Simbólico do Imaginário e do Real, mas tinha todavia uma desconfiança, fato é que pude extrair isso para vocês, com tempo sem dúvida, e com paciência, que eu tenha começado pelo Imaginário e, em seguida, precisado um bocado mastigar essa história de Simbólico com toda essa referência lingüística sobre a qual efetivamente não encontrei tudo aquilo que me teria facilitado. E depois, esse famoso Real, que acabei por lhes apresentar sob a forma mesmo do nó. (1974:18)

À cronologia que Lacan esboça acima se deve acrescentar que a elaboração de cada registro teve um efeito sobre a elaboração dos demais. Por isso mesmo se pode dizer que esses registros nunca foram mantidos em paralelo e muito menos ordenados. Contudo, não se pode deixar de lado que foi a elaboração de Lacan sobre o Real que exigiu uma nodulação desses registros pelo nó. Nodulação essa que é borromeana.

O nó borromeano é uma certa maneira de nodular elos, informa Granon-Lafont (1985:128). O desenho seguinte mostra como um único elo, em branco, por uma alternância de por cima-por baixo, liga os outros dois:



Apontaremos agora o que se pode apreender do funcionamento específico dos registros Real Simbólico e Imaginário para depois dizer do seu funcionamento no nó propriamente dito.

Milner (1983) define o Real como aquele que designa a existência tal que não é possível dizer que existe, ou, nas suas palavras: *há* (p.7). Mais precisamente o Real aparece como o irrepresentável e impossível como tal (p.9). O Real é definido como impossível justamente por não poder ser simbolizado. Por isso o Real não cessa de não se escrever presentificando-se como falta o que põe em cena a contingência, isto é, o que poderia ser de outro modo. Isso justifica que Milner o qualifique ainda como *o indistinto e o disperso* (p.9).

A reflexão sobre o Real faz emergir a já antiga questão filosófica da relação imediata entre o sujeito do conhecimento e o objeto. Considerando o Real na sua dimensão de resistência à construção de um sistema que o simbolize de uma vez por todas, infere-se que a relação imediata entre o sujeito do conhecimento e o seu objeto é impossível. O Real, embora resista à simbolização, comparece em qualquer produção humana de modo a se inscrever como uma falta, a qual provoca um movimento claudicante que denuncia uma estrutura.

Sendo assim, o Real é isso que, nas palavras de Milner(1983), *jamais cessa de existir* (p.10) e, além do que, *não se escreve* (p.9).

Referir o Real como o que não se escreve mostra que para essa definição se convoca o simbólico: *nada poderia se escrever senão pelo Simbólico* (Milner;1983;p.9). Essa observação permite introduzir uma propriedade importante do nó ainda que os registros não se sobreponham ou não se confundam, só se pode dizer de cada um convocando os outros.

A elaboração de Lacan sobre o Simbólico sempre se fez por sua leitura particular do funcionamento da língua que inclui o significante, embora com ela o Simbólico não se confunda e se deve notar que em sua elaboração, nem o estatuto do Simbólico nem o da linguagem se mantiveram inalterados<sup>82</sup>.

Com relação ao Simbólico, lembremos que Lacan(1975) afirma: “(...)um saber só é suposto a partir de uma certa relação com o Simbólico, isto é com **esse algo que se encarna de um material como o significante(...)**” (grifo nosso; RSI:37). Lembremos ainda que para Milner o Simbólico é o que distingue ou *aquele que faz um* (1983:11). Referir-se ao Simbólico dessa forma pode levar ao equívoco de supor que esse registro compartilha as funções do Imaginário que é de fazer um. Entretanto, no Simbólico o *um que distingue* o faz pela pura diferença e não como consistência que é o caso do Imaginário sem o qual *nada poderia se imaginar, isto é, se representar* (Milner;1983:8).

O caráter borromeano desses registros implica que eles sejam nodulados de uma forma específica tal que ao soltar um nenhum dos outros continua enlaçado como afirma Lacan na primeira aula do RSI em fevereiro de 1974: “A definição de nó borromeano parte de três. É, a saber, que se de três vocês rompem um dos anéis, eles ficam livres todos os três, ou seja, os dois outros se soltam.”(p.5) Por que foi necessária essa nodulação? Porque a partir daí nenhum dos registros pode, sozinho, nomear um funcionamento e ainda mais “(...) só encontrei uma única forma de dar a estes três termos Real, Simbólico e Imaginário, uma medida comum, que é enlaçando-os neste nó bobô...borromeano.” (Lacan;1974:5) Essa homogeneização dos registros na forma do nó evita uma hierarquização embora não desfaça a distinção entre eles mesmo a partir da nodulação. Tal nodulação é capaz de dizer daquilo que Freud nomeou como ‘realidade psíquica’.

---

<sup>82</sup> - Ver Porge (2000) o capítulo: *Le symbolique. L'inconscient est structuré comme un langage* (pp.73-110)

Acrescentamos, ainda, uma observação de Milner(1983) que aborda a especificidade do nó:

*On sait ce que cela [a nodulação borromeana] signifie: qu'il est impossible – c'est le réel du noeud – de défaire un des ronds, sans que du même coup, les deux autres – ils sont distinguables: c'est le symbolique du noeud – soient libérés. Par là, s'image pour la représentation – c'est l'imaginaire di noeud – ceci que rien n'existe comme réel qui ne doive comme tel s'écrire – au point qu'y vaille l'impossible à écrire -, et se représenter – au point qu'y vaille l'irreprésentable. (p.11)<sup>83</sup>*

Os anéis, ou registros, Real, Simbólico e Imaginário, no nó borromeano são nodulados de maneira que o nó só se mantém com esses três elementos, ao soltar qualquer um deles o nó se desfaz. Na verdade, o anel se faz com um barbante que será entrelaçado particularmente com os outros para que, então, se possa fechar o barbante e constituir um anel.

Milner (1983) assinala que se pode distinguir os três registros (RSI) em todos os objetos e acrescenta que:

*De même que le noeud borroméen lui-même est tour à tour passible de chacune de trois suppositions et y suscite un style à chaque fois différent, de même on pourrait pour toute chose s'exercer à la plonger successivement dans les trois éléments et à décliner ainsi la triple pertinence. (p.12)<sup>84</sup>*

Porge(1998:42) reitera essas características ao definir RSI de forma a trazer uma observação que é importante para este trabalho: nenhum deles resiste à dicotomização interno, externo:

Tomemos o imaginário. O estádio do espelho permite que **a unidade do eu se constitua através de uma antecipação da imagem externa**. A exterioridade da imagem é aquilo com que o sujeito depara quando quer apreender a interioridade do seu eu. Aliás, isso é o que se verifica em algumas passagens ao ato psicóticas. Tomemos o simbólico. O enunciado que diz que o inconsciente se estrutura como uma linguagem quer dizer que o inconsciente não é um saco de pulsões, mas, ao contrário, que é uma exterioridade íntima ao sujeito, cujos efeitos basicamente, são efeitos de superfície. As formações do inconsciente dependem do estado da língua comum que as transmite num dado momento. **Antes que uma palavra exista na língua comum, é um pedaço de inconsciente que fica foracluído**. E o real, por fim, não designa apenas alguma coisa externa,

<sup>83</sup> - Sabe-se o que isso (a nodulação borromeana) significa: que é impossível – é o real do nó – desfazer um dos elos, sem que ao mesmo tempo os dois outros – é possível distingui-los: é o simbólico do nó – sejam liberados. Por essa via faz-se imagem para a representação – é o imaginário do nó – isso que nada exista como real que não deva como tal se escrever – ao ponto de que valha aqui o impossível de escrever -, e se representar – a ponto de que valha o irrepresentável. (Tradução nossa)

<sup>84</sup> - Do mesmo modo que o nó borromeano é em si mesmo alternadamente passível de alguma das três suposições e nisso suscita um estilo a cada vez diferente, do mesmo modo se poderia para qualquer coisa experimentar mergulhá-la sucessivamente nos três elementos e declinar assim a tripla pertinência. (Tradução nossa)

mas também a relação do sujeito com sua própria divisão (...) (Grifo nosso)

Dessa forma a dicotomização sujeito/objeto como habitando, no caso do primeiro, um espaço interior, e no caso do segundo, um espaço exterior fica certamente questionada.

Sendo assim, a relação entre o saber e a verdade para questionar a fundação de uma ciência pode ser tratada de uma perspectiva diversa já que, segundo Porge(1996), “Não se trata de uma exterioridade de fronteira. É uma exterioridade topológica, íntima, inerente à estrutura do saber(...)” (p.506). Essa exterioridade topológica e íntima encontra seu suporte de consistência no nó em que participam o Imaginário, o Simbólico e o Real. Ainda é preciso notar que o nó se faz em torno daquilo que Lacan chama de objeto *a*, e que Porge (2000) assim o define:

*De ce noued surgit l'objet a qui n'a d'autre substance, surface, consistance que d'être ce manque au point de croisement des trois ronds dont aucun ne tient à un autre et qui pourtant tiennent ensemble, un objet a 'pas ça', congédié d'une quelconque représentation. (p.213)<sup>85</sup>*

Do que foi dito até aqui é possível afirmar que temos um recurso topológico para dizer/mostrar o funcionamento do sujeito. Pensamos que a nodulação borromeana pode diferenciar as produções de um lingüista.

O Real enquanto falta, insistência de furo em toda produção humana e dessa forma presentificado enquanto excesso; o imaginário como possibilidade de realizar alguma unidade representável e o simbólico como a emergência da pura diferença. Dependendo da maneira como eles se entrelaçam, teremos a natureza da relação entre o saber e a verdade nesse movimento do sujeito na fundação da lingüística sem, contudo, que isso signifique uma exterioridade do objeto dessa ciência, a saber a língua, ao sujeito implicado na sua fundação.

Contudo, é importante salientar que nos interessa o lingüista Saussure enquanto um lugar – o suporte de um movimento – e não enquanto indivíduo ou enquanto sujeito do inconsciente na relação analisando/analísante. Assim, para nós, Saussure é nomeado como suporte desse movimento que fundou a lingüística a partir de um efeito retroativo da Edição que lhe outorgou a autoria – não de um livro – mas de uma teoria.

---

<sup>85</sup> - Deste nó surge o objeto *a* que não tem outra substância, superfície, consistência senão aquela de ser essa falta no ponto de cruzamento dos três elos em que nenhum dos quais se prende num outro e que, entretanto, se mantém juntos, um objeto *a* ‘não isso’, isento de uma representação qualquer. (Tradução nossa)

Interessa-nos, a partir de agora, dar alguma visibilidade a esses registros no que diz respeito à relação de Saussure com o indo-europeu, os anagramas e a teoria do valor. Esperamos, dessa forma, *desengessar* a produção saussureana.

### 3 - O INDO-EUROPEU

---

“- é por este entrecruzamento que se pode descobrir o ponto onde o desejo vem corromper uma ciência humana, onde se entrelaça, se mantivermos a cautela, uma relação inteligível com uma teoria possível do desejo.” (Milner; 1987:17;Grifo nosso).

Os estudos lingüísticos passaram a ter um caráter comparatista no início do século XIX, quando Franz Bopp, com o livro *Sobre o sistema de conjugação da língua sânscrita, em confronto com o das línguas grega, latina, persa e germânica*, estabeleceu que as semelhanças existentes entre essas línguas (em particular as semelhanças referentes ao domínio da gramática) só poderiam ser explicadas pela origem comum. O projeto de Bopp, que foi logo retomado por outro erudito da época, Jacob Grimm, sai do campo estritamente filológico e faz aparecer a preocupação em reconstituir, pela comparação, a língua hipotética que encarnaria a origem comum dessas línguas e que foi nomeada indo-europeu. O indo-europeu<sup>86</sup> seria então a *protolíngua* construída pelos lingüistas a partir das semelhanças entre as línguas já citadas.

Essa passagem, do filológico à comparação, envolve outros níveis e esferas de abordagem do fenômeno lingüístico implicando o abandono da perspectiva antropológica e literária, por exemplo, e centrando-se especificamente na língua. Mais especificamente, a gramática comparativa pode ser explicada, no seu período inicial, pelo que, segundo Milner (1989:93), constituiu fenômeno empírico. Ou seja, constata-se entre certas línguas algumas semelhanças que não se deixam explicar nem pela geografia, nem pela história, nem por eventuais propriedades gerais do espírito humano e tampouco por restrições fisiológicas que pesem sobre a articulação ou audição. A partir desse fenômeno empírico o trato com as várias línguas determinou mudanças que vieram a constituir um método: o método histórico-comparativo. Lê-se em Milner(1989:94-5), por exemplo, que os dados pertinentes

---

<sup>86</sup> - Assim, utilizamos aqui o indo-europeu como um índice do que representaram os estudos comparatistas e um lugar a partir do qual se pode dizer de uma posição em relação ao saber sobre a língua em um certo momento da história dos estudos da linguagem.

passaram a concernir fundamentalmente à forma fônica: as significações constituem somente os índices de confirmação e o critério de verdade deixa de ser a semelhança e passa a ser a correspondência cuja unidade mínima será o fonema e não a palavra.

As correspondências fonéticas, portanto, constituem o cerne desse método e de seu produto. Um exemplo elucidativo de tais correspondências é apresentado em um fragmento do trabalho de Meillet citado por Milner (1989:95). Tal exemplo permite que se perceba a empreitada dos comparatistas e situe algumas das nossas observações:

<u>sânskrito</u>	<i>Bharami</i>	‘eu tenho’
<u>armênio</u>	<i>berem</i>	
<u>germânico</u>	<i>haira</i>	
<u>grego</u>	φερω	
<u>sânskrito</u>	<i>Nabhah</i>	‘nuvem’
<u>saxônico</u>	<i>nebal</i>	
<u>hittita</u>	<i>nepis</i>	‘céu’
<u>grego</u>	νεφοζ	

As duas séries citadas mostram a correspondência entre o sânskrito *bh* e grego φ e armênio *b* e germânico *h*. Segundo os comparatistas, tal correspondência, permitia concluir a presença de \*bh<sup>87</sup> no indo-europeu.

Dessa forma, teríamos o que Milner(1989:96) chama de ‘os dois tempos necessários da pesquisa em gramática comparada’: **a)** um tempo empírico no qual se descrevem os dados: os dados documentários são estabelecidos e as correspondências são construídas assim como as leis fonéticas são formuladas, o que possibilita o segundo tempo: **b)** tempo em que essas leis serão consideradas como constantes e também desligadas das qualidades sensíveis que podem ter as leis físicas.

Sendo assim, o trabalho de reconstrução empreendido pela gramática comparativa mostra que a presença de um ou de outro fonema é contingente, mas a partir dessa presença, engendra-se uma lei que é da ordem da necessidade. Daí que as correspondências apontadas acima passassem a ser lidas como leis, conforme nota Lyons(1971:26) “For, in the case of those languages which have been most successfully investigated from a comparative point of view, the vague notion of resemblance has been abandoned in favour

---

<sup>87</sup> - O asterisco indica a forma atribuída à língua hipotética, origem de todas, o indo-europeu.

of the more precisely definable concept of *systematic correspondence*.<sup>88</sup> Parte dessas correspondências sistemáticas mais tarde receberam o nome de Lei de Grimm:

*Some fifty years later, a strikingly different principle was proclaimed by a group of scholars who saw themselves as revolutionaries and rejoiced in the label which their opponents contemptuously applied to them—the ‘junggrammatiker’ (the ‘Young Grammarians’ or ‘Neogrammarians’). As expressed by Wilhelm Scherer (1875), the principle is this: ‘The sound changes which we can observe in documented linguistic history proceed according to fixed laws which suffer no disturbance save in accordance with other laws.’ The claim that all sound-change could be accounted for by laws which operate without exceptions was highly controversial, but now appeared more reasonable than it would have done in Grimm’s day. (op.cit.:28)<sup>89</sup>*

Ainda que breves, essas considerações provêm uma base para abordar o indo-europeu pelos registros que Lacan aponta como constituintes da realidade psíquica: Real, Simbólico e Imaginário. Evidentemente não se trata de assimilar o indo-europeu a um desses registros, mas de servir-se de uma nodulação particular deles para mostrar a posição de determinado sujeito diante do indo-europeu. Para isso é necessário verificar como as várias formas de tratamento dispensado ao indo-europeu, pela gramática comparativa, podem ser cernidas por cada um desses registros.

Iniciaremos pelo modo de presença do Real no indo-europeu. Há duas observações de Milner que apontam para isso. A primeira mostra o encontro do comparatista com a contingência representada ‘pelos cruzamentos indefinidos’ e ‘por uma arborescência de ramificações incessantes’:

Cada forma indo-européia é, em si mesma, um nó de associação, ao mesmo tempo a origem e o eco de um conjunto de formas observadas que se encontram assim reunidas em **uma série de entrecruzamentos indefinidos**. O dicionário etimológico se propõe, de fato, como **uma arborescência de ramificações incessantes, oferecendo-se para que um sujeito aí se inscreva**. (Grifo nosso; 1987:67)

A segunda observação de Milner também vai na mesma direção:

*(...)le phonème indo-européen n’est rien d’autre que le sténogramme d’une série de correspondances entre phonèmes, le mot indo-européen n’est rien*

---

<sup>88</sup> - Para o caso dessas línguas as quais haviam sido sucessivamente investigadas de um ponto de vista comparativo a vaga noção de semelhança havia sido abandonada em favor de uma definição mais precisa do conceito de correspondência sistemática (Tradução nossa)

<sup>89</sup> - Cerca de cinquenta anos mais tarde um princípio surpreendentemente diferente foi proclamado por um grupo de estudiosos que se viam como revolucionários e se regozijavam com o rótulo que seus opositores aplicavam a eles isolentemente ‘*the Young Grammarians*’ or ‘*Neogrammarians*’ (os jovens gramáticos ou os neogramáticos). Conforme expresso por Wilhelm Scherer (1875), o princípio é este: ‘as mudanças fonéticas que podemos observar na história lingüística documentada se dão de acordo com leis fixas que não sofrem perturbações a não ser em conformidade com outras leis’. A proposta de que toda mudança fonética pode ser explicada por leis que operam sem excessões era altamente controvertida mas nesse momento parecia mais razoável do que o seria na época de Grimm. (Tradução nossa)

*d'autre qu'une suite de séries de correspondance entre mots, l'indo-européen dans son ensemble n'est rien d'autre qu'un ensemble de phonèmes organisés en racines et morphèmes divers. (1989:95)<sup>90</sup>*

Essas afirmações indicam como a contingência pôde ser lida como correspondência.

Percebe-se, a partir dessas observações, que em um certo momento do trabalho dos comparatistas tudo era uma derivação infinita. Isto é, as línguas em comparação se apresentavam em semelhanças ou diferenças sem nenhuma ordenação.

Milner observa que, quando a questão é a relação de Saussure com o saber sobre a língua, o que, no seu caso, passava obrigatoriamente pela gramática comparativa, o registro do Real é determinante. Assim, Milner(1987) se pergunta se 'podemos entender que o indo-europeu é uma articulação com vistas a eliminar todo traço de um excesso onde um sujeito teria feito signo?' Em resposta a essa questão, conclui que é justamente o contrário. Para ele, esse saber que constitui o indo-europeu está inteiramente infectado de desejo - o do indo-europeísta - já que para esse o indo-europeu se presentifica como um conjunto de todas as arborescências ou ecos fônicos das línguas particulares submetidas ao trabalho dos comparatistas. Milner ainda acrescenta quanto ao desejo que anima o indo-europeísta:

Neste sentido ele concentra em si mesmo e encarna os pontos que, em cada língua particular, atestariam uma instância que a excede: são estes pontos mesmos que fazem causa para o indo-europeísta, e suscitam seu desejo quanto à língua. Este desejo pode ser dito assim: escrever o próprio excesso, escrever alíngua. (1987:67)

Dessa perspectiva, o indo-europeu está alinhado com a instância inexplicável que excede a compreensão do funcionamento de cada língua particular e, como afirma Milner, se presta à escrita de todos os equívocos que o desejo do lingüista possa enunciar.

Podemos dizer então que o indo-europeu é mais do que eles pensam e menos do que eles querem. Falta-lhe qualquer garantia de ser a proto-língua e sobram-lhe lugares para associações:

Em poucas palavras, o indo-europeu não é simplesmente uma língua morta, semelhante ao latim, que não é mais falado, mas que é sempre possível de relacionar com sujeitos: o indo-europeu nunca está em posição de ser suposto língua materna para sujeitos, mesmo desaparecidos. À primeira vista, temos uma língua que é inteiramente elocubração de saber. (Milner;1987:67)

---

<sup>90</sup> - (...)o fonema indo-europeu não é nada mais que o estenograma de uma série de correspondências entre fonemas, **a palavra indo-européia não é nada mais do que uma seqüência de séries de correspondências entre palavras**, analisáveis em fonemas, o indo-europeu em seu conjunto não é nada mais que um conjunto de fonemas organizados em raízes e morfemas diversos. (Tradução nossa)

Contudo, diante desse inexplicável, mais de uma resposta pode ser dada. Considerando os estudos do indo-europeu apenas como a busca da língua-mãe, por exemplo, podemos dizer que ele se apresenta para o lingüista pela via do imaginário, já que a imagem da proto-língua resume a sua relação com a gramática comparativa. Ou seja: para a primeira geração de comparatistas o indo-europeu podia encarnar, de uma forma consistente, unificante, uma língua – a originária.

Por outro lado, a busca da língua originária suscitou métodos tais que “(...) *toutes ces lois sont considérées comme aussi constantes et aussi détachées des qualités sensibles que peuvent l’être les lois physiques.*” (Milner;1989:96)<sup>91</sup>. Tais leis, as leis cegas, defendidas pelos neo-gramáticos, evocam um funcionamento que se aproxima do Simbólico pois as propriedades da língua ficam subditas às relações que elementos de cada língua podem manter com outros elementos das outras línguas. Dessa forma, o indo-europeu se apresenta pela via do Simbólico quando o que interessa na comparação das línguas é a escrita de uma lei comum de funcionamento entre estas línguas. O que produziu a fonologia, por exemplo.

Milner (1983) observa que esses registros, Real, Simbólico e Imaginário, estão entrelaçados e “*Le borroméanisme n’existe que par cet instant du dénouage où, d’une coupure unique, les ronds se retrouvent dispersés*”<sup>92</sup>. Essa dispersão, para Milner, é o próprio Real que o Imaginário se esgota em representar. Contudo, é importante lembrar que “(...) *rien de S ni de I ne donne accès à R et que – c’est même là l’essence du noeud – l’être parlant est incessamment requis d’imaginer R.*”(p.13)<sup>93</sup> Milner(1983) ainda faz uma observação a respeito de Saussure que é particularmente importante para este trabalho:

*C’est à ce point précis que s’atteste la béance où un sujet passible des miroirs se découvre, comme autrefois Saussure devant le cause réelle de son propre désir, abandonné de toutes les analogies du ciel et de la terre. Rien ne subsiste alors que les traits de la **dispersion pure**, dont la libération des ronds donne l’image plus aseptique.* (grifo nosso;op.cit:13)<sup>94</sup>

---

<sup>91</sup> - Todas essas leis são consideradas tão constantes e além disso destacadas de qualidades sensíveis quanto são as leis físicas. (Tradução nossa)

<sup>92</sup> - O borromeanismo não existe senão por este instante de desenlaçamento onde, de um corte único, os elos se encontram de novo dispersados. (Tradução nossa)

<sup>93</sup> - (...) nada de S, nem de I, dá acesso a R e que – está mesmo aí a essência do nó – o ser falante é incessantemente requisitado a imaginar R. (Tradução nossa)

<sup>94</sup> - É nesse ponto preciso que se atesta a hiância em que um sujeito passível de espelhos se descobre, como outrora Saussure diante da causa real de seu próprio desejo, abandonado por todas as analogias do céu e da terra. Nada subsiste então a não ser os traços da **dispersão pura**, da qual a liberação dos elos dá a imagem mais asséptica. (Tradução nossa)

Assim, é preciso notar que Saussure manteve uma posição singular diante do indo-europeu. Milner(1989), como já citamos no capítulo anterior, enuncia assim a posição de Saussure: *“Il ne faut pas dissimuler le caractère remarquable de cette combinaison entre contingence et nécessité. Dans le cadre de l’interrogation générale qu’adressait Saussure à la grammaire comparée c’est sur ce point particulier qu’a porté son effort maximal.”* (p.96).<sup>95</sup>

Milner ressalta que chamavam a atenção de Saussure a contingência que afeta as formas fônicas em várias línguas indo-européias assim como a constância das correspondências que foram escritas como leis.

Além disso, sabemos que a reconstrução de uma protolíngua não interessava a Saussure; tanto que ele participou, de uma certa forma, do movimento dos neogramáticos que, segundo Ilari (2000:19), “Fizeram troça do propósito que havia animado seus predecessores no domínio da lingüística indo-européia – encontrar a protolíngua que estava na origem das línguas modernas”. Contudo, não se pode afirmar que ele encontrou seu lugar entre os neogramáticos e tampouco se deteve na construção das leis que escreveriam as correspondências.

Para que possamos tirar mais conseqüências dessa posição de Saussure diante do indo-europeu, será necessário que passemos diretamente a uma certa nodulação desses três registros.

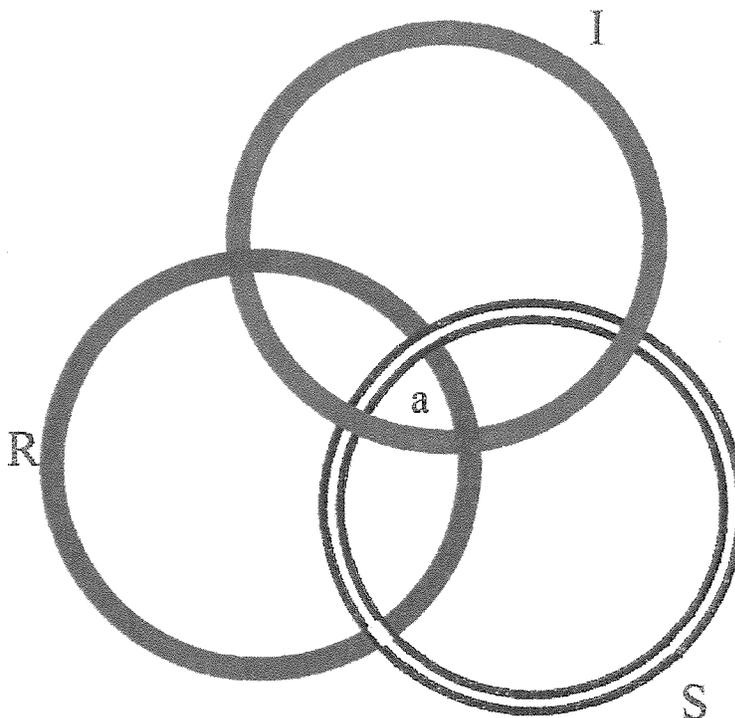
Consideremos, inicialmente, que o nó borromeano pode mostrar a posição do sujeito em relação à língua, posição essa que se apresenta na articulação do Real, Simbólico e Imaginário e de suas nodulações possíveis. Assim, diante do indo-europeu, o que é da ordem do real, ou contingente, pode engendrar uma ordem simbólica: as correspondências, que poderiam cristalizar-se, imaginariamente, na língua-mãe. Contudo, essa posição não foi a única, como atesta o movimento de Saussure. A partir da forma como o indo-europeu estava presente para os primeiros comparatistas, para os neo-gramáticos e para Saussure, estamos autorizados a pensar que a posição de cada lingüista permitirá que a língua se apresente a ele de forma distinta. Saussure, por exemplo, nos parece que foi afetado singularmente pelo Real.

Recorremos, então, a esse recurso para tentarmos uma mostração de uma posição possível de Saussure diante do indo-europeu. Em uma cadeia borromeana, dois elos são

---

<sup>95</sup> - Não é necessário dissimular a característica desta combinação notável entre contingência e necessidade. É sobre este ponto particular que ficou seu esforço máximo no quadro da interrogação geral que encaminharia Saussure à gramática comparada. (Tradução nossa)

colocados um sobre o outro sem relação, livres um do outro. Eis o Imaginário colocado sobre o Simbólico<sup>96</sup>. Em seguida, um terceiro os nodula. Assim, os dois primeiros são enlaçados pelo Real. Tal disposição implica que o Simbólico, em dois pontos, encobrirá o Real que, por sua vez, em dois pontos encobrirá o Imaginário. O que nos interessa neste momento é esta condição do Imaginário recoberto pelo Real:



Considerando a hipótese de Milner(1987) de que o Real pode comparecer nos ecos fônicos supostos a herança da língua mãe, o indo-europeu, percebemos, nesta nodulação, que o Real recobre em dois pontos o Imaginário, que pode ser representado pela língua-mãe, ou o ponto de origem para as línguas indo-européias. Dessa forma, Saussure estaria em posição de reconhecer o Real da língua a partir do indo-europeu e não de encarná-lo na língua mãe. Esse encontro com o Real leva a uma simbolização pela qual a noção de sistema<sup>97</sup> parece responder; é assim que o anel do Simbólico, no nosso nó, recobre o anel do Real.

Contudo, observamos que também o anel do Imaginário está sobre o Simbólico e a esse respeito é preciso notar um aspecto Imaginário da noção de sistema desenvolvida por

<sup>96</sup> - O Real será representado pela cor azul, o Simbólico, pela branca e, o Imaginário, pela vermelha.

<sup>97</sup> - Presente no *Mémoire* como tratamos no capítulo anterior.

Saussure por ocasião do *Mémoire*. Ou seja, o Imaginário que pode evocar a unidade da língua e figurar a língua-mãe também é capaz de permitir o **agrupamento de propriedades que constituem classes**, isto é, **extratificar** para que se possa reconhecer um funcionamento como representável de **UMA** língua. O *Mémoire* não escapa desse apelo imaginário. Sabemos que no *Mémoire* ele chega à noção de sistema mas não à noção de um ‘sistema de valores’ como chama atenção Normand (2000:67). Este último legaria ‘a ordem própria da língua’, segundo ela e, o sistema a que Saussure se referia no *Mémoire*, nós sabemos que está nos limites da **extratificação da vogais** e da **unidade de uma língua**: o indo-europeu.

Assim, procedemos uma nodulação que procura mostrar a relação de Saussure com um certo saber sobre a língua, mas ainda é preciso que, diante disso, possamos pensar quais os seus desdobramentos já que supomos que há movimento na elaboração de Saussure, ou seja, procuraremos mostrar, com Milner(1987), que a Teoria do Valor ou os anagramas, a partir dessa perspectiva, têm outro lugar na produção de Saussure.

---

#### 4 - DA POESIA LATINA AOS ANAGRAMAS

---

“O que um dia eu vou saber, não sabendo eu já sabia.”<sup>98</sup>

Os estudos de Ferdinand de Saussure sobre os anagramas<sup>99</sup> que ele encontra nas poesias latinas não circularam entre os seus pares a não ser através de observações em cartas a amigos íntimos, Meillet em particular. Tornaram-se conhecidos especialmente depois da publicação de Starobinski; mas sempre foram colocados em posição de exceção em relação às produções do lingüista. Nos meios acadêmicos, lugar de circulação de um lingüista, os anagramas permanecem presentes mas sem relação com as elaborações de Saussure que comparecem no CLG. Ninguém desconhece, porém, que Saussure penetrou nos estudos dos anagramas concomitantemente à exposição dos cursos que deram origem ao CLG, o que nos dá pelo menos uma pista de que estas elaborações ou indagações não são tão dissociadas quanto parecem, visto que de dia (nos cursos) ou à noite (nos

---

<sup>98</sup> - ROSA, J.G.- *Tutaméia- terceiras estórias*. Rio de Janeiro. Livraria José Olympio, 1969:130.

anagramas) a questão ainda era sobre a língua. Vale notar que a psicanálise talvez seja responsável, desde a sua entrada na lingüística, por colocar em relação as produções de Ferdinand de Saussure, seja nos artigos de de Lemos (1995,1998,2000) ou no citado trabalho de Milner(1987), fundamentalmente porque ela possibilita pensar a causa e o efeito sincronicamente.

Se, para Saussure, na experiência com o indo-europeu, o Imaginário desfalece sob o Real, ao voltar-se para a poesia latina e encontrar os anagramas a montagem do nó é outra.

Para que nos aproximemos dessa relação de Saussure com os anagramas acompanharemos Milner e recorreremos à Starobinski que nos auxiliará a entender melhor a posição de Saussure nesse momento de sua elaboração.

Milner começa por apontar que o Real é com o que Saussure tem que se haver diante dos anagramas, já que ele tenta encontrar uma resposta para o fato de haver homofonias. Segundo Milner: “O anagrama revela-se, então, ambíguo: de um lado, ele fala da pertença da homofonia à língua, como objeto da lingüística; mas por outro lado, ele diz do não assimilável disto” (1987:57). Sendo assim, a experiência de Saussure com os anagramas promove um certo encontro de Saussure com um Real da língua, algo que insiste mas não consiste. Esse real causa ao sujeito um desconcerto que pode ter diversos destinos, um deles pode ser negá-lo. Saussure o enfrenta e o desconcerto aumenta:

Quando um primeiro anagrama surge parece uma luz. Quando se vê que se pode acrescentar-lhe um segundo, um terceiro, um quarto (...) começamos a não ter mais confiança no primeiro: porque chegamos a perguntar-nos se não poderíamos encontrar definitivamente todas as palavras possíveis em cada texto, ou até que ponto, aquelas que se ofereceram sem que as procurássemos são verdadeiramente cercadas de garantias características, e implicam uma maior soma de coincidências que as da primeira palavra ou aquela a que não se prestava atenção. Estamos a dois passos do cálculo das probabilidades como recurso final, mas como este cálculo neste caso desafiaria as forças dos próprios matemáticos(...) (Saussure, *apud* Starobinski; 1974:89)

Saussure está, portanto, diante de algo que não cessa de comparecer; no entanto, lhe escapam as *garantias características*. Paradoxalmente é a própria insistência do

---

<sup>99</sup> - Palavra ou frase formada pela transposição das letras(ou fonemas) de outra palavra ou frase. No caso dos poemas investigados por Saussure: “(...)o fato de que o nome da divindade a que o poema era dedicado ou o nome daquele que havia encomendado o poema para a lápide de um túmulo compareciam no poema através de segmentos, sílabas, consoantes, vogais presentes nas palavras dos versos. Assim, em um poema dedicado a Apolo, pode-se ler seu nome no verso “Ad temPLa pOrtatO”. (tradução: ‘levado diante dos templos’)” (de Lemos; 1998b:15)

anagrama que o leva a duvidar daquilo que encontra. Falta, de fato, ao sujeito um estatuto para esse encontro e Milner(1987) assinala que:

Assim o anagrama representa, incluído na rede do impossível da língua, um 'a mais' que dele se distingue. De um lado ele é inteiramente formulável em termos de fonemas, e supõe uma análise fundamentada, por sua vez, no princípio que torna contingente a homofonia – de sorte que esta só ganha um estatuto através de um sistema que a desvaloriza -; por outro lado, ele nomeia um real que excede toda fonologia possível: por aí, pelo incontornável de seu real, ele coloca a língua em excesso, que a tomemos em si mesma ou na sua representação calculável: esta função de excesso, nós a chamamos alíngua. (op.cit.:57)

Todavia, Saussure não se detém onde esse incontornável do Real da língua a coloca em excesso. Ele busca um outro caminho. Observemos, com Starobinski, que Saussure passa a perseguir nos seus estudos sobre os anagramas a similitude, o eco esparso e encontra os fonemas da palavra-tema a redobram-se, difracionam-se. Nessa busca, ele percebe “(...) a **lei de acoplamento** que pretende que seja redobrada, no interior de cada verso toda vogal e toda consoante utilizadas uma primeira vez. A aliteração deixa de ser um eco ocasional, repousa numa duplicação consciente e calculada.” (Starobinski:16; grifo nosso). Em uma carta de 14 de julho de 1906, a destinatário desconhecido, é patente o seu interesse pelo funcionamento de uma lei no interior da poesia latina:

(...) A totalidade de versos saturninos obedece a uma lei de aliteração, da primeira à última sílaba; e sem que uma única consoante, - nem uma vogal a mais, - nem uma única quantidade de vogal a mais, seja escrupulosamente levada em conta. (...) Eu precisaria de uma epístola considerável para alinhar exemplos, mas bastam-me duas linhas para dar a lei: 1) Uma vogal não tem direito de figurar no saturnino a não ser que tenha sua contravogal em um lugar qualquer do verso. (...) 2) Lei das consoantes. Ela é idêntica e não menos estrita, nenhuma consoante, mesmo entre as implosivas (...) Há sempre um número par para toda consoante e sobretudo é preciso esquecer as consoantes que aparecem nos grupos. (...) Mas a coisa vai tão longe que 3) Se há um resíduo irreduzível (...) nada se perde desse resíduo (...) e vemo-lo então reaparecer no verso seguinte como novo resíduo correspondente à sobrecarga do precedente. Aqui está a mais divertida verificação da lei, da qual tenho todos os exemplos desejados (...) (Saussure *apud* Starobinski:17-8)

Starobinski qualifica esse aspecto do interesse de Saussure pelos anagramas afirmando que “A leitura, aqui, se aplica em decifrar combinações de fonemas e não de letras” (p.22). Saussure busca uma lei. Ainda é preciso notar que essa lei, para Saussure, não é sem relação com a ciência da linguagem:

Que os elementos que formam uma palavra se sucedem, é uma verdade que seria melhor não considerar, em lingüística, como uma coisa sem interesse pelo fato de ser evidente, mas que dá ao contrário, de antemão o **princípio**

**central de toda reflexão útil sobre as palavras.** Num domínio infinitamente especial como temos que tratar, é sempre em virtude **da lei fundamental da palavra humana** em geral que se pode colocar uma questão como a da consecutividade ou não consecutividade, e desde a primeira<sup>100</sup> (Saussure *apud* Starobinski:34; grifo nosso)

Interessa-nos que essa lei, que lhe parece uma verdade para a lingüística, acaba por ser tocada quando ele formula a teoria do valor afetando, assim, a concepção de signo. Ou seja, a consecutividade, enquanto verdade, nada é se não considerarmos a relação entre os elementos e a natureza de cada elemento (significante, significado – signo). Esta verdade que, segundo ele, *seria melhor não considerar como coisa sem interesse pelo fato de ser evidente*, também retorna no CLG quando se fala das relações sintagmáticas e também está presente nos vários momentos em que se coloca a pergunta sobre a unidade na língua. Vemos aqui, justificada, a observação de Cláudia Lemos(1995) apontada no início do capítulo: o curso é uma obra que não desmente os anagramas.

Se procuramos mostrar que diante do Real da língua, configurado na homofonia presente nos anagramas, Saussure buscou, em determinado momento, ater-se a essa faceta do anagrama que o mostra regido por uma lei é porque gostaríamos de fazer notar que uma das vias de encaminhamento desse Real pode ser o Simbólico. Ou seja, um jogo combinatório entre significantes e que, para além da determinação de qualquer sujeito, preside à constituição de um lugar de significação. Como Saussure mesmo diz “uma palavra-tema que oferecesse um certo estofa” (*apud* Starobinski;p.40). Sabemos, então, que Saussure buscou formular uma lei para os anagramas e elaborou hipóteses sobre o funcionamento dessa lei. Mas, para ele, era preciso uma confirmação e então o lingüista genebrino nos leva mais longe.

Saussure não se contentava com a descoberta de uma ‘estranha’ lei que fosse capaz de reger a linguagem, mesmo que fosse só nos versos saturninos, ele precisava de uma prova e a buscou fora da linguagem, já que esta não se cansava de repetir apenas o jogo simbólico sem mostrar a causa. Como aponta Veras (p.127), o anagrama aparece como um incidente verbal que excede a dualidade interna da língua “escrevendo sua impossibilidade como um excesso não domesticável, resistindo a todos os cálculos, deixando Saussure na soleira da porta\*, da porta da lei.” É assim que entendemos a reflexão

---

<sup>100</sup> - Fragmento de um manuscrito de Saussure apresentado no livro de Starobinski. Ao final da transcrição das palavras de Saussure o autor aponta em nota de rodapé que se trata de uma frase inacabada.

\*- J.Starobinski, op.cit.:73.

de Milner(1987): o inexplicável para Saussure, da ordem do Real, que comparece nos anagramas e que poderia se inscrever do lado de uma lei no funcionamento da língua soçobrou ao chamado do Imaginário.

Essa posição de Saussure é apontada com clareza por Starobinski:

Certamente, o grande benefício será saber de onde parte o anagrama... Mas não partiria ele da decisão de Saussure de ler a poesia de Virgílio e de Homero como lingüista e foneticista? Economista, ele aí teria decifrado sistema de trocas; psicanalista, uma rede de símbolos do inconsciente. Não encontramos senão aquilo que procuramos, e Saussure procurou uma restrição fonética acrescentada à métrica tradicional do verso.(*op.cit.*:84)

A hipótese de que a decifração depende do leitor é a primeira e logo é descartada visto que ela, sozinha, não pode oferecer-se como prova mas como indício de um funcionamento e, assim “Faltaria verificar se aquilo que ele procurou e achou, lendo os poetas antigos, corresponde a uma regra conscientemente seguida por estes.” (*op.cit.*:84) É nesse momento que Saussure prende-se a uma característica inteiramente diferente do funcionamento simbólico da língua e, daí para frente, tende a ‘encarnar’ a causa desse funcionamento, encontrar uma imagem unificadora que justificasse tal funcionamento. Em determinado momento do seu empreendimento ele chega à seguinte conclusão:

(...) eu afirmo efetivamente (como sendo minha tese a partir de agora) que o poeta se entregava, e tinha como ‘métier’ comum entregar-se à análise fônica das palavras; que é esta ciência da forma vocal das palavras que constituía provavelmente, desde os mais antigos tempos indo-europeus, a superioridade, a qualidade particular, do kavis dos hindus, dos Vates dos latinos etc. (Saussure, *apud* Starobinski; 1974:27)

Essa análise fônica servia à intenção do poeta em cifrar uma palavra. O leitor que recolhesse os ecos esparsos, resultado do ‘métier’ do poeta, encontraria então, às custas da combinação desses fonemas, a palavra-tema. Empreendimento semelhante propuseram os primeiros comparatistas ao buscar as correspondências fônicas entre as línguas a fim de reconstruir, a partir dessas correspondências, a protolíngua, a língua-mãe que fosse capaz de justificar um funcionamento comum às línguas. Empreendimento que não seduziu Saussure naquele momento mas que o traiu diante dos anagramas.

Saussure tateia em busca de uma solução: “(...)seria somente por um jogo voluntário do poeta (...)que existiria de vez em quando, como imagem poética, como onomatopéia pitoresca, uma repetição desejada de sílabas.” (*op.cit.*:88)

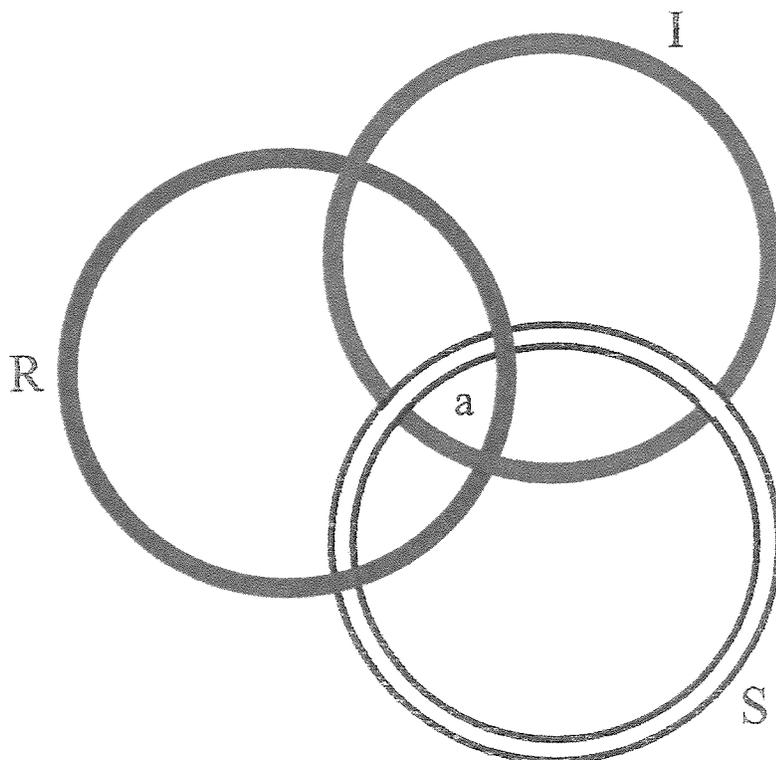
Saussure, então, começa a voltar-se a essa imagem do poeta e preocupar-se com a intenção, a vontade do poeta:

Tornando-nos mais pessoais à medida que avançamos no tempo, reconheço que a questão liga-se então de perto a uma intenção poética, o que neguei ou apresentei sob outros aspectos para a soma dos séculos antes dessa poesia pessoal. (*Apud* Starobisnki:86)

É a essa figura imaginária, o gênio poético, na qual pode residir a causa da homofonia de maneira unificada e constituindo um sentido em que Saussure busca apoio. Para Milner(1987), no capítulo “Um lingüista desejanste”, o que foi recalçado, afastado na relação de Saussure com o indo-europeu, retorna.

Isto é, diante do Real da língua, presente nos anagramas, Saussure procurou uma resposta mas frente ao incompreensível, ao inominado e, portanto, desconhecido ele não deixou de recorrer a algo aceitável: a vontade secreta dos poetas. Essa foi uma das soluções de Saussure diante dos anagramas e aquela que Milner destaca. No entanto, sabemos que Saussure não sustentou explicitamente essa posição diante dos anagramas. Quanto a eles, o lingüista esteve sempre na corda bamba o que para nós é indicativo de um movimento do qual só se pode dizer ‘num só depois’, mais precisamente quando a Teoria do Valor é elaborada.

Se sabemos, a partir de Granon-Lafont(1985), que é uma das funções do nó borromeano mostrar como o que está excluído é necessário, podemos pensar em uma outra nodulação dos três registros com o objetivo de esboçar o movimento de Saussure:



Diante da potência do Real, Saussure recorreu à tela do Imaginário como uma proteção ao desconcerto total do sujeito diante do inominado. Nessa nodulação que propomos, o Imaginário, aqui encarnado pela intenção do poeta em codificar uma palavra-tema, recobre em dois pontos o Real – a homofonia. Este por sua vez sobrepõe-se ao Simbólico que podemos alinhar a uma lei de funcionamento da língua percebida por Saussure nos anagramas. Sendo assim, podemos dizer que o Real não está em condições de ser simbolizado e é tomado pelo Imaginário. Ou seja o Real, nos anagramas, literalmente, ‘tomou corpo’, apareceu mais e, vultuoso, encarnou em uma imagem nesse momento do percurso de Ferdinand de Saussure entre o indo-europeu, os anagramas e a Teoria do Valor.

Concordamos, portanto, com Milner quando este aponta que o que não deixava de comparecer nos anagramas calou Saussure, escandalizou os simpatizantes da sua obra e provocou suspeitas de loucura por parte dos *sábios ortodoxos* (1987:p.58). É esta última reação que pode, segundo Milner, explicar o embargo imposto aos manuscritos de Saussure sobre os anagramas.

Milner conclui que o movimento de Saussure frente aos anagramas representa uma certa operação do saber sobre a língua que se distingue do recurso cultural habitual:

O fundamental é, pois, que **Saussure tenha posto em termos de saber subjetivável o ponto onde a alíngua faz nó com a língua**. Saber imaginário sem dúvida, visto que ele só faz colmatar um pouco o passo intransponível que separa uma da outra – mas ao menos **Saussure não se prestou a tornar esse último habitável por um recurso cultural**. Ao contrário, ao querer abordá-lo mais de perto, ele beirou o delírio (...) (grifo nosso; op. cit.:59)

Língua e alíngua<sup>101</sup>. A primeira ocupava Saussure, a segunda ele não ignorava mas não tinha para ela uma nomeação, um estatuto explícito ou alguma forma de reconhecimento. Para ele, era algo que por um lado dificultava o seu trabalho em dizer da língua e, por outro lado, movia-o a dizer mais alguma coisa sobre a língua. Saussure, evidentemente,<sup>102</sup> nada sabia sobre essa divisão que experimentava. O que importa é que ele foi afetado por esse Real da língua e com ele se debateu, como o relato de Starobinski deixa concluir: diante do real dos anagramas e sem recursos para nomeá-lo, nós o vemos às voltas com outras formas de abordagem dos anagramas.

---

<sup>101</sup> - Termo cunhado por Lacan e que Milner(1987:57) utiliza para dizer da relação de Saussure com os anagramas “ele(Saussure) nomeia um real que excede toda fonologia possível: por aí, pelo incontornável de seu real, ele coloca a língua em excesso, que a tomemos em si mesma ou na sua representação calculável: esta função de excesso nós a chamamos alíngua.”

Mas, para os nossos fins, interessa a abordagem de Milner (1987) que afirma, em resumo, que o lingüista genebrino, confrontado com a homofonia da língua, tenta integrá-la ao campo da filologia, relacionando-a a uma causa inteiramente contingente: um nome, unidade lexical ordinária mas que é escolhida por um técnico para fins de codificação e subsistindo, distinto, como chave criptográfica. Ou seja, o engodo de centrar-se na dimensão imaginária da língua ou supor uma unidade (a língua-mãe) que Saussure não compartilhou com os primeiros comparatistas retorna para ele, diante dos anagramas, quando supõe a vontade consciente do poeta em cifrar um nome que representasse o tema da poesia e assim, “a pesquisa dos anagramas vira uma atuação cansativa e vã de uma cena primitiva, onde se anula, na sucessão de um relato e na subjetivação do *locus princeps*, a distância entre a língua e o que a excede.” (*op.cit.*:58)

Parece-nos lícito pensar que o Real da língua tocado por Saussure, ou, tocando Saussure, empurra-o a outras elaborações sobre a língua. Contudo, não se deve pensar que o Real da língua pode ser dispensado e sendo assim toda forma de redução do Real a outro registro, ou tentativa de integrá-lo em outro registro, implica seu reaparecimento em outro lugar.

Milner(1987) afirma que o anagrama nega o signo saussureano justamente através das categorias que são fundantes do signo. Esta afirmação implica considerar que as elaborações sobre o anagrama e o signo estão em relação já que o que está em questão são as mesmas categorias: negadas nos estudos sobre os anagramas e fundantes quanto ao signo. Abordaremos então, com Milner, as elaborações saussureanas sobre o signo mas operando um deslocamento que restitua à Teoria do Valor seu devido lugar na elaboração de Ferdinand de Saussure.

---

## 5 – A ORDEM PRÓPRIA DA LÍNGUA

---

Se a lingüística deixou de reconhecer o que traziam de novo as elaborações de Saussure, esse não é o caso do signo lingüístico, como aponta Pavel(1990):

Desde Saussure, entretanto, tendo a lingüística ascendido ao estatuto de verdadeira ciência – graças ao princípio de arbitrariedade do signo lingüístico, princípio que enuncia a ausência de laços motivados entre sons e significações – os sucessos mais invejáveis dessa disciplina foram obtidos em

---

<sup>102</sup> - Já que o sujeito do desejo ignora o movimento que o rege e que se inscreve na sua elaboração teórica.

fonologia estrutural, onde foi possível provar que desprovidos de sentido, os sons de uma língua formam no entanto um sistema.(p.20)

A partir de então, o objeto da lingüística estava em condições de ser reconhecido na sua especificidade e seu funcionamento era passível de ser apreendido, já que, a partir da noção de arbitrariedade do signo, foi possível sustentar uma particularidade que autenticava o objeto da lingüística, conforme aponta Milner em “*Reflexions sur l’arbitraire du signe*”:

*Du principe de dualisme – parallélisme (ou d’arbitraire) il suite une conséquence importante: puisque le dualisme exclut l’intervention dans l’ordre des signes d’aucune cause qui appartienne à l’ordre des êtres, l’étude des langues n’a d’autre causalité à connaitre que la causalité interieure à la langue.(s/d; p.75)<sup>103</sup>*

Milner(1996) também observa que Saussure teria partido dos estudos históricos e de lá tirado os elementos que lhe permitiriam supor as bases da sincronia. E o primeiro desses elementos seria, segundo ele, a arbitrariedade do signo:

*Si en effet le signe n’était pas arbitraire, dit Saussure (cf.en particulier le chapitre II de la première partie du Cours), si la forme phonique entretenait avec le signifié une relation fondée en raison alors les données empiriques que se propose de traiter la grammaire comparée seraient strictement impossibles: que le même signifié puisse repondre à des formes phoniques non identiques, que des formes phoniques démontrablement reliées puissent répondre à des signifiés disjoints, que l’on puisse raisonner sur les formes phoniques en elles-mêmes sans décider dans le détail de ce qu’elles signifient. Ou pour dire les chose de façon plus frappante: les conditions de possibilité de la mutabilité du signe sont aussi les conditions de possibilite de sa constance; les conditions de possibilite de la constance de lois régissant les relations entre les formes. (1996:p.96-7; grifo nosso)<sup>104</sup>*

Já Milner(2002) trata do caráter contingente do signo lingüístico retomando a analogia da onda (presente no CLG; p.131). A onda emerge do encontro da água e do vento; o signo, do encontro do significante e com o significado:

*De la même manière, dit Saussure, la langue est articulée en signes par la rencontre pensée/son; chaque signe peut être envisagé comme la rencontre*

<sup>103</sup> - Do princípio de dualismo – paralelismo (ou de arbitrário) advém uma consequência importante, visto que o dualismo exclui a intervenção na ordem dos signos de qualquer coisa que pertença à ordem dos seres. O estudo das línguas não tem outra causalidade a conhecer que a causalidade interina à língua. (Tradução nossa)

<sup>104</sup> - Se realmente o signo não fosse arbitrário, diz Saussure, (cf. em particular o capítulo II da primeira parte do Curso), se a forma fônica mantivesse com o significado uma relação fundada na razão então os dados empíricos que a gramática comparada se propõe a tratar seriam estritamente impossíveis: que o mesmo significado possa corresponder à formas fônicas não idênticas, que formas fônicas demonstravelmente religadas possam responder a significados disjuntos, **que se possa pensar sobre as formas fônicas por si mesmas sem se deter na particularidade do que elas significam.** Ou, para dizer as coisas de maneira mais evidente: as condições de possibilidade da mutabilidade do signo são também as condições de possibilidade de sua constância; as condições de possibilidade da constância de leis regendo as relações entre as formas. (Tradução nossa)

*particulière de telle pensée et de tel son, mais en vérité cette pensée et ce son particuliers ne préexistent pas à la rencontre elle-même (...) (op.cit.p.33)*<sup>105</sup>

Ora, não há nada mais imotivado – ou contingente - do que esse encontro. Para Milner(1987:37) “O arbitrário, nesse sentido, só faz nomear o encontro: o que Lacan nomeia melhor de contingência, e também o que Mallarmé nomeava Acaso” é essa contingência que define o que será nomeado como ordem própria da língua. Isto é, nada de externo à língua pode justificar esse encontro.

É importante perceber que esse Real, com o qual Saussure se depara nas ‘arborescências’ que resultam do seu trabalho como comparatista ou ‘nos ecos esparsos’ dos anagramas e que comparece como a arbitrariedade do signo, não resume sua elaboração sobre a ordem própria da língua.

Um dos destinos do signo lingüístico pode ser, como mostramos no capítulo anterior, dotá-lo de propriedades e referi-lo a uma unidade, isto é, dar a essa contingência própria do signo lingüístico uma consistência própria do Imaginário. Consistência paralela à dos primeiros comparatistas ao evocarem a figura da língua-mãe. E ainda paralela ao recurso de Saussure diante dos anagramas, isto é, ao recorrer ao gênio poético para dar uma solução para os ‘ecos esparsos’.

Contudo, de Lemos (1995) levanta uma ponto importante a esse respeito: “A questão que enuncia o objetivo deste trabalho (...) leva-me também de volta à noção de signo enquanto unidade da língua ameaçada pela teoria do valor do mesmo (?) Saussure.” A partir daí, é preciso nos perguntar como essa perspectiva própria do Imaginário, que é dotar de unidade o signo lingüístico, pode ser ameaçada.

Acompanhemos Milner (2002) que observa a estreita relação que a questão do signo entretém com a teoria do valor:

*De même qu'une vague naît de la rencontre de l'eau et du vent, une entité linguistique n'existe que par la rencontre entre son et pensée. Or, cette rencontre, c'est cela que Saussure, faute de mieux, appelle un signe. On comprend mieux alors combien l'on s'est éloigné du modèle classique: le signe ne représente rien; il est seulement un point de contact entre des flux. Le signifiant et le signifié d'un signe donné ne tiennent ensemble que par l'enserrement où ce signe est pris. Ce signe n'a de propriétés que par les relations de différence qu'entretient son signifiant avec tous les autres signifiés de la langue. Le rapport d'association interne à un signe donné requiert le rapport ou plutôt les rapports des signes entre eux. Autrement dit,*

---

<sup>105</sup> - Da mesma maneira, diz Saussure, a língua é articulada em signos pelo encontro pensamento/som; cada signo pode ser considerado como o encontro particular de tal pensamento e tal som, mas na verdade este pensamento e este som particular não preexistem ao próprio encontro. (Tradução nossa)

*le rapport du signe à lui-même est de même nature que le rapport du signe aux autres signes. L'interne est retraversé par l'externe. (p.35)<sup>106</sup>*

Considerando então que a teoria do valor é que sustenta a formulação de Saussure sobre o signo lingüístico e que garante a afirmação de que há uma ordem própria da língua, é preciso também não esquecer o conceito base da teoria do valor: uma rede de diferenças na qual cada elemento não possui identidade por si próprio, mas apenas na relação com os outros elementos do sistema. Assim, o destino que Saussure dá para o signo lingüístico não foi, certamente, aquele da consistência do Imaginário mas aquele próprio do funcionamento Simbólico.

Podemos dizer então que se nos anagramas o sistema fonêmico é governado pelo diferencial que imprime uma lei ao verso latino embora esta lei fique sob a sombra de um nome, no signo, inversamente, o diferencial se impõe e coloca sob a sua sombra a unidade, ou seja: “Dentre as propriedades do signo, o diferencial assegura a sutura desejada: a identidade só se sustenta da ausência de todo em si para o signo.” (op. cit.:54)

Tentaremos ainda indicar em que ponto o signo e o indo-europeu se encontram. Lá onde se buscava uma língua-mãe ou origem comum às línguas comparadas encontraram-se apenas semelhanças entre elas, as quais foram lidas como correspondências que dariam a possibilidade de isolar algo comum. Esse algo comum para Saussure não compareceu como a língua-mãe, nem como leis, mas sim como o próprio objeto da lingüística. Talvez seja esse o passo a que Milner se refere ao dizer que a gramática comparativa apenas ignora o que pode tornar a lingüística possível. Ou melhor: essa diferença de perspectiva, que a mudança de posição de Saussure diante da língua implica, torna possível o que parecia uma busca errante na gramática comparativa. É assim que o signo lingüístico abre a possibilidade para uma lingüística geral que já se insinuava pelo trabalho dos comparatistas como afirma Milner (1987):

(...) para dizer a verdade, como Saussure tinha percebido desde o seu Mémoire, de 1878, é a gramática comparada que é aqui decisiva\*, e não,

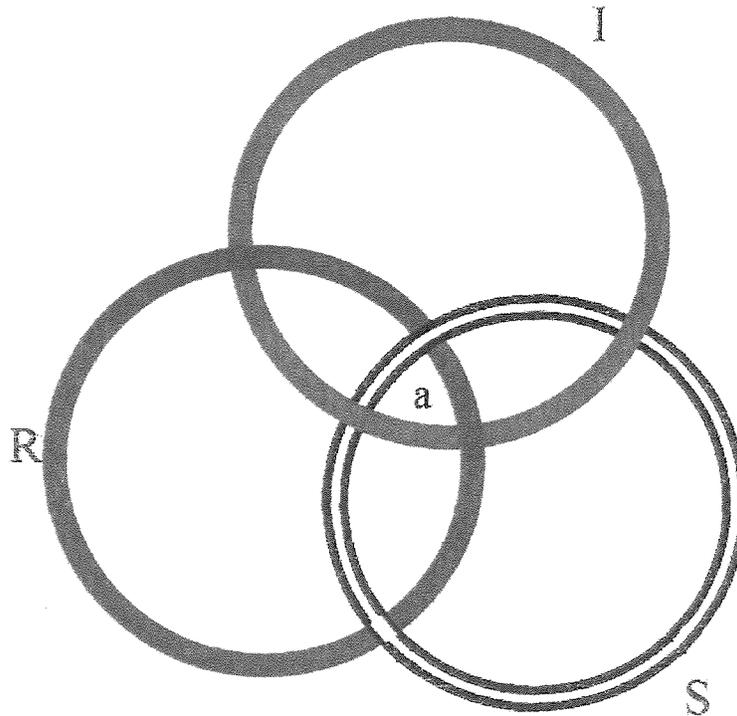
---

<sup>106</sup> - Assim como uma onda nasce do encontro da água com o vento, uma entidade lingüística não existe senão pelo encontro entre som e pensamento. Ora, esse encontro é aquilo a que Saussure, na falta de melhor nome, chama um signo. Compreende-se melhor então o quão longe se está do modelo clássico. O signo não representa nada; ele é somente um ponto de contato entre fluxos. O significante e o significado de um dado signo não formam um conjunto senão pelo modo de encapsulamento em que esse signo é tomado. Esse signo tem propriedades apenas pelas relações de diferença que seu significante entretém com todos os outros significados da língua. A relação de associação interna a um dado signo requer a relação, ou melhor, as relações dos signos entre eles. Ou seja, a relação do signo a si mesmo é da mesma natureza que a relação do signo com os outros signos. O interno é atravessado de novo pelo externo. (Tradução nossa)

como se pode pensar as gramáticas racionais. Estas últimas, de fato, puderam fazer referência à ciência, não somente à de Aristóteles, mas também à de Descartes e à de Newton (leia-se sobre esse ponto o prefácio da *Grammaire Générale e Raizonnée, de Beauzée*), mas elas nunca cumpriram o mínimo exigido: a construção de uma escrita(...) (p.21)

No entanto, ao considerar o signo em relação aos anagramas a situação já não é a mesma e não nos parece suficiente apenas apontar Saussure como aquele que reconhece o que torna a lingüística possível. A própria operação de reconhecimento funda outra posição do sujeito diante do objeto; posição essa que, nesse caso, tem conseqüências também fundantes para a lingüística. Dessa forma, a ordem própria da língua, como efeito da Teoria do Valor e do signo não deixa de fora nada que não estivesse presente quando Saussure se deparou com o indo-europeu ou com os anagramas. Não se efetua, porém, uma síntese dessas questões, mas se dá um passo que diz da relação entre o sujeito e o saber - nesse caso, sobre a língua - e é isso que temos em mente quando nos referimos a uma outra posição do lingüista.

O nó que corresponde a essa posição é o que se segue:



---

\* - As fontes manuscritas do CLG são bem claras sobre este ponto cf. a edição crítica de Engler B, pp 18-25 e de Mauro pp.411-2.

Deparamo-nos aqui com a articulação apresentada antes sobre o indo-europeu. No entanto, não se trata de uma repetição, já que o que importa agora é o fato do Simbólico se sobrepor ao Real. Assim, a articulação dos três registros não se repete porque cada um deles está em condições de atualizar outros significantes na elaboração sobre a língua. Ou seja, se podemos dizer de uma mudança de posição é porque os significantes não se repetem na mesma posição. Isto é, houve um deslocamento que permitiu o comparecimento do novo: a ordem própria da língua.

O que percebemos nessa articulação é que retorna um resto da operação que permitiu a Saussure uma posição diferenciada diante do indo-europeu. Resto esse que permite a elaboração sobre a ordem própria da língua.

Dessa forma o signo, regido pelo diferencial, é ali mostrado pelo Simbólico e se sobrepõe ao esfacelamento que o Real promove na língua. O Real, por sua vez, recobre o Imaginário e mostra que o signo não está livre dele ao trazer a alteridade radical da língua que quebra a unidade própria do Imaginário. Esta subversão da unidade já se dava a ver pelo submetimento do signo à Teoria do Valor.

No entanto, isso que Saussure poderia sustentar como novo ficou à sombra de algo que o tomou, assustou-o e intimidou-o como atesta o fato de ele só ter publicado os seus trabalhos no âmbito da gramática comparativa. O movimento de Saussure teve uma parada “(...) na inibição é da detenção do movimento que se trata.”<sup>107</sup> Saussure imobilizado pela angústia não tirou conseqüências desse novo que foi colocado em circulação pelos seus alunos. Nesse sentido é que o CLG foi capaz de ‘transmissão’ como mostramos na primeira parte desse trabalho.

---

## 6 - O DRAMA PARTICULAR DE UM SUJEITO

---

Gostaríamos, então, de retomar uma citação de Milner(1987) evocada no início desse capítulo, visto que ela permite pensar o lingüista e sua relação com a língua a partir de um outro ponto de vista:

Pois, se fosse absolutamente verdade que a língua não toca nenhum real, seria o desejo do lingüista que se encontraria condenado à caricatura; em contrapartida se os rumores no tocante à língua [atribuir a língua inteira ao imaginário] são infundados eles concorrem a um único fim: fazer o lingüista se submeter ao seu desejo.(p.16)

---

<sup>107</sup> - Lacan, Seminário *A Angústia* em 14 de novembro de 1962.

Pensamos que o que leva Milner a dizer que Saussure é um ‘linguista desejanter’ reside no fato que o mesmo registro, o Real, tem destinos distintos nas diferentes elaborações sobre a língua feitas por Saussure.

Em Saussure, conforme observa Starobinski, ‘convicção e dúvida’ convivem lado a lado:

Pode a materialidade do fato ser devida ao acaso? Quer dizer, as leis do ‘hipograma’ seriam tão amplas que sempre e infalivelmente se encontre cada nome próprio, sem que isso cause admiração, na latitude dada – tal é o problema direto que aceitamos e o objeto, propriamente dito, do livro, porque essa discussão das possibilidades torna-se a base inelutável do todo, para aquele que houver previamente dedicado a atenção ao fato material numa medida qualquer. (Saussure, *apud* Starobinski:90)

Na conclusão do seu livro, Starobinski se coloca algumas questões diante do torturado caminho seguido por Saussure:

Estaria Saussure enganado? Teria sido fascinado por uma miragem? Seriam os anagramas manchas de tinta? Mas talvez o erro de Saussure tenha sido o de ter colocado, tão nitidamente, a alternativa entre ‘efeito do acaso’ e ‘procedimento consciente’. Por que não dispensar no caso tanto o acaso quanto a consciência? Por que não se veria, um aspecto do processus da palavra – processo nem puramente fortuito nem plenamente consciente? Por que não existiria uma interação, uma palilalia geradoras que projetariam e redobriariam no discurso, os materiais de uma primeira palavra, ao mesmo tempo não pronunciada e não calada? Por não ser uma regra consciente, o anagrama pode, contudo, ser considerado como uma regularidade (ou uma lei) em que o arbitrário da palavra-tema é confiado à necessidade de um processo. (op.cit:108)

A reflexão do autor diante do torturado caminho seguido por Saussure nos dá alguns indícios de seus caminhos e descaminhos: diante do Real da língua, ele se pergunta acaso ou lei? Há possibilidade de uma regra que não seja consciente? Como pensar em uma regularidade se não é possível lhe atribuir uma necessidade?

A harmonização entre essas questões, tão díspares quanto os três registros que articulam a realidade humana, não foi a via escolhida por Saussure. Em cada um desses encontros - com o indo-europeu e com os anagramas - deu-se uma operação que engendrou um resto capaz de permitir um outro encontro, aquele com o signo lingüístico. É importante apontar o registro do Real como aquele que governa esse movimento ou que provoca as elaborações. É diante do não assimilável da língua que se é capaz de elaborar.

Não se sabe se a idéia da Teoria do Valor estava presente quando Saussure se encontrava imerso nos estudos comparatistas e por isso ele não teve diante desses estudos a

mesma reação que os seus pares. Não é possível também saber se, diante dos anagramas, era rede de diferenças que ele buscava ou se na elaboração sobre o signo era uma explicação para os anagramas que ele desejava. O antes e o depois, a causa e o efeito estão muito longe de serem localizados nesse trabalho. Não fazem parte dele.

Estabelecer, neste capítulo, qual a ordem em que se deveria apresentar o signo, o indo-europeu e os anagramas foi bastante difícil e, de certa forma, não encontramos uma solução ideal. Esta dificuldade parece estar relacionada com o fato de não haver ordenação nenhuma na relação entre as diferentes posições de Saussure diante de cada um deles. Não há uma cronologia que se imponha e tampouco uma hierarquia. A seqüência que ordena as produções de Saussure, neste capítulo, não diz da relação entre elas.

Interessa, apenas, que há articulação entre as tão diferentes elaborações do sujeito na sua relação com o saber. Ou seja, há verdade - não em oposição à mentira - mas como efeito de que há inconsciente e o saber não é disjuncto dele. Tampouco o conhecimento ou a descoberta científica podem obturar os seus efeitos.

Dessa forma, um 'antes' e um 'depois' incidindo sobre esses três momentos da elaboração de Saussure não parecem ser sustentáveis. São atualizações de uma mesma questão: o Real da língua.

O que é relevante nessa reflexão é a nodulação dos registros que articulam o sujeito e a língua na produção de Saussure e o fato de que essa nodulação não se mantém a mesma. Em outras palavras: que tenha havido nesse movimento um trabalho no sentido freudiano. No capítulo seguinte acompanharemos como se dá esse 'trabalho' em algumas páginas do manuscrito de Saussure: *Première Conférence à l'Université (cours de ouverture)* de 1891.

## **Capítulo III**

### **UM PALIMPSESTO ENTRE O CONCERTO E O DESCONCERTO**

**UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL  
SEÇÃO CIRCULANTE**

*C'est là qu'est le seul problème biographique: Saussure, vivant et productif à Paris, s'enferme de plus en plus à Genève dans un quasi mutisme, se dit atteint d'epistolophobie, ne publie guère, adresse à Meillet dès 1894 une lettre intellectuellement désespérée. Meillet lui même a essayé d'expliquer ce complexe d'inachèvement presque pathologique qui frappe les travaux genevois de Saussure par l'obsession perfectionniste d'un chercheur soucieux de donner rien que d'absolument définitif. Au contraire, Benveniste et De Mauro croient que Saussure s'est découragé devant le mur d'incompréhension qui'il pressentait ou découvrait dès qu'il envisageait d'exposer à ses meilleurs compagnons les idées révolutionnaires qui si manifesteront dans ses cours de linguistique générale en 1906-1911. (G.Mounin,1972:48 apud Fehr 2000:38)<sup>108</sup>*

O trecho, escrito por Mounin e que nos serve de epígrafe, parece sugerir justamente o que esboçamos no título do último item do capítulo anterior: o drama particular de um sujeito. Há também uma afirmação de Lacan(1965), em “A ciência e a verdade”, que nos inspirou ao nomear esse item e que merece ser trazida a esse propósito:

Se a examinarmos de perto [a ciência], não tem memória. Ela esquece os princípios em que nasceu uma vez constituída, ou seja, uma dimensão de verdade, que é exercida em alto grau pela psicanálise. (...)Existe o drama subjetivo que cada uma dessas crises custa. Esse drama é o drama do cientista. (p.884)

Esse ‘drama’, descrito por Mounin(*apud* Fehr) e referido por Lacan(1965), nos interessa. Contudo, não no seu aspecto pitoresco e biográfico como é trazido por Mounin, mas naquilo que ele é solidário a essa dimensão de verdade, que constitui a ciência mas que fica apagado por trás do que se constituiu, como aponta Lacan. É por isso que procuramos trazer o esboço do movimento de Saussure na constituição da lingüística. Esse movimento, como dissemos no final do último capítulo se dá por um trabalho. Trabalho esse que pode ser vinculado ao termo alemão *arbeiten*, utilizado por Freud ao se referir ao trabalho do sonho por *traumarbeiten*, ou, mesmo em sua tradução, *perlaboração*. A segmentação desse termo permite encontrar a palavra ‘labor’ como um indicativo de que há um trabalho sobre o sonho, a ser realizado a partir da fala. Para nós, houve um trabalho

---

<sup>108</sup> - É aí que está o único problema biográfico: Saussure, vivendo e produzindo em Paris, fecha-se cada vez mais, em Genebra, num quase que mutismo, diz-se atacado de epistolofobia, não publica quase nada, endereça a Meillet em 1894 uma carta intelectualmente desesperada. O próprio Meillet mesmo tentou explicar este complexo de nada acabar quase patológico que atinge os trabalhos genebrinos de Saussure pela obsessão perfeccionista de um pesquisador preocupado em dar apenas aquilo que fosse definitivo. Por outro lado, Benveniste e De Mauro acreditam que Saussure sentiu-se desencorajado diante do muro de incompreensão que pressentia ou descobria desde o momento que ele se propunha a expor aos seus melhores colegas as idéias revolucionárias que se farão manifestas em seus cursos de lingüística geral em 1906-1911. (Tradução nossa)

na fundação da lingüística e ele não se fez sem deixar não só o seu produto, mas também, as marcas desse movimento.

Assim, neste capítulo, manteremos a nossa aposta buscando algumas dessas marcas em um manuscrito de Saussure que é datado do início desse seu retorno à Genebra que, para alguns, é envolvida por mistérios<sup>109</sup>. Contudo, interessa-nos mais que o seu drama pessoal, é o drama que se pode surpreender na escrita das notas preparatórias de sua primeira conferência que será objeto de nossas observações. Drama esse que procuraremos abordar pelas rasuras de termos que não ‘descansam em paz’ mesmo após serem rasurados repetidamente e às vezes até quase à exaustão.

Trabalharemos com alguns grupos de rasuras selecionados por nós e presentes na primeira metade do manuscrito de Ferdinand de Saussure: *Première Conférence à l’Université (cours de ouverture)* que contém 28 folhas, localizadas e cedidas por Mme. Marie de Saussure e organizadas, catalogadas e arquivadas na Biblioteca Pública de Genebra, por Robert Godel. Essa primeira conferência, objeto de nosso interesse, faz parte de um conjunto maior de manuscritos que serviram de notas preparatórias para as três primeiras conferências de Saussure em Genebra e marca o seu retorno à terra natal.

Os autores que se dedicam a Saussure não deixaram esse momento de seu percurso à margem de suas considerações. Iniciaremos, portanto, nosso trabalho selecionando algumas passagens de alguns desses autores com o objetivo, por um lado, de apresentar ao leitor esse momento do percurso de Saussure e o conteúdo desse manuscrito e, por outro lado, de trazer alguns elementos que permitam uma elaboração a respeito da natureza do manuscrito e da maneira como se pode abordá-lo.

Atualmente, diante de uma reaproximação dos manuscritos de Saussure, temos um número grande de publicações sobre ele. Embora ainda seja muito cedo para dizer dos efeitos desse movimento, pensamos que eles podem renovar o estatuto de Saussure na lingüística. Entretanto, essa reaproximação do material produzido por Saussure implica em uma questão que escutamos mais de uma vez ao falar dos manuscritos: eles revelam o Saussure verdadeiro? Não nos parece<sup>110</sup> e, mais ainda, é preciso que estejamos atentos para não alimentar uma ‘quimera’ dos lingüistas: **encontrar o verdadeiro Saussure.**

---

<sup>109</sup> - A respeito desse ‘mistério’ há controvérsias. Fehr(1997) no item ‘Une voile de mystère’ (pp.34/49) aborda essa questão; Milner (2002) prefere dar a essa questão uma solução também muito aceita: ‘a demanda da família’ (p.18; nota5).

<sup>110</sup> - Pode-se dizer, contudo, que é possível vislumbrar uma outra via de abordagem do CLG a partir dos manuscritos, ou seja, de uma exterioridade à edição de 1916.

Normand(2000) chega mesmo a dizer que a busca do *verdadeiro* Saussure pode vir a implantar o ‘terrorismo’ dos manuscritos.

Sendo assim, mesmo correndo o risco de decepcionar àqueles que lêem este capítulo, é preciso dizer que **as quase dez mil folhas escritas por Ferdinand de Saussure não revelam o verdadeiro Saussure**. Mesmo nos manuscritos não se encontra um Saussure uno. Ele se divide entre o saber já estabelecido e aquele que ele não pode dizer, pois ainda não tem existência discursiva. Os momentos que escolhemos dessa conferência apontam para essa divisão.

É, dessa forma, com a apresentação de uma perspectiva particular dos escritos de Saussure que abordamos a *Première Conférence à l’Université (cours de ouverture)*. O trabalho que apresentaremos sobre os manuscritos e, em especial, sobre as rasuras, contudo, não é mais do que uma abordagem inicial com o objetivo apenas de mostrar o potencial de análise que essas rasuras contêm. Nessa direção, procuraremos dar atenção a dois aspectos: aquilo que Saussure escreve e como ele escreve. Nessa segunda categoria, nos deteremos principalmente nos pontos de tensão: as rasuras, os incisos e as substituições. Mas, antes de mais nada, iremos situar essa conferência no percurso de Saussure.

---

## 2 – CONTEXTUALIZANDO A PREMIÈRE CONFÉRENCE

---

*“A comparer les dates du Mémoire et du Cours, on est tenté de penser qu’une évolution assez naturelle, aidée par les circonstances a amené Saussure de la grammaire comparative à la théorie du langage, et que le Cours de linguistique générale est l’aboutissement ultime de recherches commencées et d’abord poursuivies dans un domaine plus particulier. La question mérite examen(...)” (Godel;1969:24)<sup>111</sup>*

De Mauro(1986), em um capítulo introdutório da sua edição crítica do CLG cujo título é *Paris L’École et la ‘société’* (aspas do autor), nos conta que o jovem estudante genebrino se estabelece em Paris no outono de 1887 e no ano seguinte começa a frequentar o curso de Michel Bréal na *École de Hautes Études*: “*Saussure s’affirme très rapidement.*

---

<sup>111</sup> - A comparar as datas do *Mémoire* e do Curso, fica-se tentado a pensar que uma evolução muito natural, apoiada pelas circunstâncias levou Saussure da gramática comparativa à teoria da linguagem, e que o Curso de Linguística Geral é o resultado final de pesquisas iniciadas e logo prosseguidas em um domínio mais particular. A questão merece ser examinada(...)(Tradução nossa)

*Bréal lui cède son cours à l'École: le 30 de octobre de 1881, à 24 ans, il est nommé à l'unanimité 'maître de conférences de gothique et de vieux-haut allemand'"(op.cit.:335).<sup>112</sup>*

Suas aulas eram freqüentadas por muitos alunos que vinham de diversas partes da Europa para assistir ao curso do, agora, mestre genebrino, De Mauro aponta que *"Il est impossible de dire ce que Saussure a signifié pour l'école linguistique française, et, donc, pour la culture mondiale, sans mettre au premier plan ses dons pédagogiques"* (op.cit.:336)<sup>113</sup> Meillet dirá que *"F. de Saussure était en effet un vrai maître: pour un maître, il ne suffit pas de réciter devant des auditeurs un manuel correct et au courant; il faut avoir une doctrine et une méthode et présenter la science avec un accent personnel(...)."*(apud De Mauro;1986:336)<sup>114</sup>. Ele não é o único a dar tais declarações como nos mostra De Mauro. De Crue, ex-aluno de Saussure, também o elogia e Muret, que também fora aluno de Saussure, dá o seguinte depoimento *"Il [...] enseigne pendant une dizaine d'années avec un éclat et une autorité incomparables et, parmi tant des maîtres éminents, fut l'un des plus écoutés et des plus aimés.(...)"*(apud De Mauro, op.cit.:336)<sup>115</sup>.

Há, no meio acadêmico que Saussure frequenta, unanimidade a respeito das suas qualidades intelectuais, do seu brilhantismo e dedicação à docência. No entanto, destoando desse uníssono encontramos apenas uma voz: Hudricourt. Esse autor, cujo percurso intelectual é descrito por Dosse como "um itinerário pouco clássico", dirá que aprendeu lingüística com Meillet e não reconhece nenhuma autoridade científica em Ferdinand de Saussure: "esse pobre suíço alcoólico que morreu de *delirium tremens*, essa criatura grotesca"<sup>116</sup>. Contudo, podemos afirmar que essa é a única opinião do gênero sobre Saussure; as demais opiniões daqueles que o conheceram na sua época parisiense denotam reconhecimento e admiração pelo seu trabalho.

Apesar dessa situação favorável em Paris, Saussure surpreende e, como afirma De Mauro: "En 1891, pour des raisons qui ne sont pas entièrement claires, Saussure

---

<sup>112</sup> - Saussure afirma-se muito rapidamente. Bréal cede a ele seu curso na *École*: em 30 de outubro de 1881, aos 24 anos, ele é nomeado com unanimidade 'mestre de conferências de gótico e de antigo alto alemão'. (Tradução nossa)

<sup>113</sup> - É impossível dizer isto que Saussure significou para a escola lingüística francesa, e, portanto, para a cultura mundial, sem colocar em primeiro plano seus dons pedagógicos. (Tradução nossa)

<sup>114</sup> - Ferdinand de Saussure era realmente um verdadeiro mestre: para um mestre, não é suficiente recitar diante de seus ouvintes um manual correto e atualizado; é preciso ter uma doutrina e um método e apresentar a ciência com um toque pessoal. (Tradução nossa)

<sup>115</sup> - [...]ele ensinou durante uma dezena de anos com um brilho e uma autoridade incomparáveis e, entre tantos outros mestres eminentes, foi um dos mais ouvidos e amados. (Tradução nossa)

<sup>116</sup> André-Georges Hudricourt foi entrevistado por François Dosse(1993:89) que publicou tal declaração em seu livro « História do Estruturalismo ».

décide de quitter Paris.” (op.cit.:342)<sup>117</sup>. Após uma década como professor da *École des Hautes Études*, Saussure sai de Paris, e no inverno de 1891, com 34 anos, volta à Genebra, sua terra natal, para assumir, como professor extraordinário<sup>118</sup>, a cadeira de História e Comparação das Línguas indo-européias criada exclusivamente para ele no Curso de Letras na Universidade de Genebra (Godel;1969:24).

As perguntas sobre os motivos desse retorno à terra natal não são respondidas, silêncio ao qual se soma a ausência de publicações: Saussure irá trabalhar muito e publicar pouco nesse período. Segundo Bouquet (2002) o próprio Saussure afirmou, em carta a Louis Havet, quando em 1910 foi eleito membro correspondente do *Institute de France*, que:

É verdadeiramente assustador sentir atrás de mim meus trinta anos de silêncio, face à alta distinção que parece querer recompensar meu trabalho científico (citado por G.Redard, Bulletin de la Société de linguistique de Paris, 1976, p.348) (op.cit.:63; nota 18)

Tal silêncio, na posteridade, é desmentido face aos numerosos manuscritos de que dispomos atualmente para pesquisa. Saussure trabalhou e a *Première Conférence* traz indícios importantes sobre o seu movimento na fundação de uma nova discursividade sobre o objeto da lingüística. Passemos, portanto, a um aspecto específico desse manuscrito: a maneira como Saussure o escreveu.

### **3 - COMO ELE ESCREVEU**

---

“Sei que a tendência anda nas frestas do decidir da mente”  
(C.Brown & A.Tavares)

Para além do conteúdo da *Première Conférence*, ou dos temas mais importantes nela tratados, interessa sobretudo como se constitui a materialidade desses manuscritos. Sobre isso Godel (1969) dirá que: *Les additions en marge et les retouches y sont fréquentes; souvent la phrase, plus d'une fois recommencée, reste en suspens; un mot, parfois un mot essentiel, est laissé en blanc, par endroits, l'ordre même du texte ne se révèle qu'à une recherche patiente.*(op.cit:36)<sup>119</sup>.

---

<sup>117</sup> - Em 1891, por razões que não são inteiramente claras, Saussure decide deixar Paris. (Tradução nossa)

<sup>118</sup> - O título de professor extraordinário era dado ao professor quando ele entrava na universidade. A partir daí ele poderia passar a professor ordinário – um estatuto almejado por todos os professores. Em 1896, segundo Godel, (1969:25), ele é nomeado professor ordinário de sânscrito e de línguas indo-européias.

<sup>119</sup> - Os acréscimos na margem e correções são freqüentes: repetidamente a frase, mais de uma vez recomeçada, fica em suspenso; uma palavra, por vezes uma palavra essencial, é deixada em branco, aqui e ali, a ordem mesma do texto se revela apenas através de uma pesquisa paciente. (Tradução nossa)

Jean Starobinski(1974) no seu trabalho sobre os anagramas encontrados por Saussure é levado a tomar uma posição diante de um aspecto importante desses manuscritos: “Para não complicar a leitura, não nos ocuparemos, a não ser excepcionalmente, dos termos rasurados.” (p.8/9)

Parret (1993:7), ao discorrer sobre os manuscritos de Harvard afirma que: “*Il m’est impossible de traiter exhaustivement tous ces matériaux – je manque les connaissances techniques pour embrasser l’ensemble des domaines couverts et des perspectives ouvertes par les manuscrits de Harvard.*”<sup>120</sup> Além disso, dirá que “*Tout un champ d’inquiétudes est ainsi suggéré dans les manuscrits de Harvard[...] (op.cit.:13)*”<sup>121</sup> e acrescentará algo compatível com a afirmação de Godel acima:

*Mais les notes inédites (de1954), les Sources manuscrites tout comme les fragments très importants du Fascicule 4 n’offrent précisément qu’un canevas, ce qui nous force de combler des vides, de rendre explicite ce qui n’est que suggestif, de résoudre les contradictions, voire les paradoxes. (op.cit:19)*<sup>122</sup>

Bouquet (2000:88), no entanto, tem uma outra percepção desses manuscritos e é bastante enfático a respeito desse texto, tanto quanto ao seu conteúdo como quanto às suas características textuais de manuscrito: “É uma exceção: trata-se de **um texto completo e contínuo.**” (grifo nosso; nota 13).

Bouquet e Engler, aparentemente desembaraçados dos impasses que as rasuras e incisões colocam ao leitor comum, publicam em 2002 o *Écrits de linguistique générale* - uma coletânea de manuscritos de Saussure estabelecidos por eles. Saussure figura como autor dessa obra que contém uma apresentação de Bouquet e Engler esclarecendo os critérios e procedimentos utilizados no estabelecimento do texto. Um desses procedimentos é a eliminação das rasuras:

*Pour l’ensemble de ces nouveaux documents, nous avons adopté les principes éditoriaux suivants: (...) – Établissement du texte: Le texte établi respecte au plus près le texte du manuscrit, qui demeure celui d’un brouillon, non d’un livre achevé. Les lacunes dans le manuscrit sont transcrites par des crochets vides. Les lectures incertaines sont incluses dans des crochets. Les soulignements ont été homogénéisés par les éditeurs: ils sont transcrits par des caractères italiques. Les capitales, en règle générale, ont été conservées. L’emploi ‘en mention’ de mots français ou étrangers est rendu de façon*

<sup>120</sup> - A mim é impossível tratar exhaustivamente todos esses materiais – me faltam os conhecimentos técnicos para abranger o conjunto dos domínios cobertos e as perspectivas abertas pelos manuscritos de Harvard. (Tradução nossa)

<sup>121</sup> - Todo um campo de inquietude é assim sugerido nos manuscritos de Harvard. (Tradução nossa)

<sup>122</sup> - Mas as notas inéditas (de 1954), as Fontes manuscritas tanto como os fragmentos muito importantes do Fascículo 4 não oferecem, precisamente, mais que um esboço, o que nos força a preencher os vazios, tornar explícito o que é apenas sugestivo, resolver as contradições, isto é, os paradoxos. (Tradução nossa)

*homogène par des caractères italiques. Les sautes de lignes reproduisent le plus fidèlement possible la logique graphique du manuscrit. Les passages biffés dans le manuscrit ne son pas reproduits.* (Grifo nosso; *op.cit.*:14)<sup>123</sup>

É clara a decisão dos autores pela exclusão das rasuras. Não obstante isso, Bouquet, em seu livro *Introdução à leitura de Saussure* (2000), ao se referir a um “breve texto de 1890”, depara-se com a dimensão desconcertante que esses esgarçamentos da escrita, abundantes nos manuscritos, imprimem na própria compreensão das questões teóricas tratadas por Saussure:

Por outro lado, nas duas versões que redigiu dessa breve nota, ele se interrompe de maneira semelhante no momento de definir a distinção entre lingüística e filologia, como se a heterogeneidade dos domínios atribuídos à filologia constituísse um obstáculo a essa distinção. (*op.cit.*p.216)

Contudo, deixadas as rasuras de lado, o texto, assim estabelecido segundo os critérios de Bouquet e Engler, permite uma leitura menos tensa do que quando nos deparamos com os manuscritos de Saussure. Ganhamos em compreensão com esse trabalho mas, em comparação com a leitura dos manuscritos, resta a sensação de que houve uma edição<sup>124</sup> por parte de Bouquet e Engler e não um estabelecimento<sup>125</sup> do texto. No sentido mesmo em que o termo ‘edição’ se aproxima do trabalho feito por Bally e Sechehaye.

É realmente impossível ignorar as eclipses de sentido que as rasuras do manuscrito escancaram. Os impasses quase sem sentido que se apresentam nas tentativas de escrita, na escrita e reescrita sobrepostas, nos incisos; enfim, não é possível desviar-se do que se apresenta como uma tentativa de escrever o que ainda não fora escrito por ninguém. É isso que foi editado no *Écrits de linguistique générale*, isto é, eliminado: de um lado a angústia de Saussure e, por outro lado, o desconcerto do leitor, ou o seu embaraço.

---

<sup>123</sup> - Para o conjunto desses novos documentos, nós adotamos os princípios editoriais seguintes: (...) – Estabelecimento do texto: o texto estabelecido respeita ao máximo possível o texto do manuscrito, que permanece aquele de um rascunho, não de um livro acabado. As lacunas no manuscrito são transcritas por colchetes vazio. As leituras incertas são incluídas nos colchetes. Os sublinhados foram homogeneizados pelos editores: eles estão transcritos em caracteres itálicos. As letras maiúsculas, em regra geral, foram mantidas. O emprego ‘em menção’ de palavras francesas ou estrangeiras foi reproduzido de maneira homogênea com caracteres itálicos. As mudanças de linhas reproduzem o mais fielmente possível a lógica gráfica do manuscrito. **As passagens rasuradas no manuscrito não foram reproduzidas.** (Tradução nossa)

<sup>124</sup> - Utilizamos *edição* não no sentido de *preparar para publicação* mas no sentido da edição realizada por Bally e Sechehaye, ou seja, a partir de notas reconstituir um texto.

<sup>125</sup> - Utilizamos *estabelecimento* no sentido de fixar um texto que apresenta variantes.

Por isso decidimos apresentar o texto da *Première Conférence*, conforme estabelecido por Bouquet e Engler, visto que ele dilui o mal-estar diante desse manuscrito. A nova edição talvez seja uma das portas de entrada da *Première Conférence*. Contudo, apresentamos o próprio manuscrito como uma proposta de entrever um movimento de passagem no percurso de Saussure, justamente a partir dos impasses do autor (agora Saussure) e do mal-estar do leitor.

De um lado temos o que Bouquet chama de *um texto completo e contínuo*, ou o seu conserto, e, de outro lado, temos um verdadeiro palimpsesto<sup>126</sup> efeito de angústia e causa de desconcerto. Tanto em um quanto em outro indicamos as palavras, expressões ou segmentos que selecionamos para análise.

No manuscrito, o material selecionado foi sombreado e indicado com uma **flecha** (→) a que estão apostos: o **número** que indica o grupo a que o item pertence e a **letra** que identifica o item propriamente dito. Número e letra serão colocados entre parênteses quando nos referirmos, na análise, a esse item. Na nova edição os termos em questão estão sublinhados com o número do grupo e a letra do item apostos entre parênteses. Esse procedimento favorece a localização pelo leitor da ocorrência de cada termo no manuscrito e na nova edição assim como explicita a diferença entre esses dois textos.

Muitas passagens não são, no manuscrito, tão tranqüilas quanto figuram na nova edição (*Écrits de linguistique générale*). Há muitas rasuras e incisos em várias páginas do manuscrito que estão suprimidos do texto de Bouquet e Engler. Assim, não será surpresa para o leitor quando se deparar com a redução efetuada na nova edição em comparação com os manuscritos. É um dos efeitos do estabelecimento desse texto que, por outro lado, favorece a compreensão geral da *Première Conférence*. Dessa forma, para uma melhor compreensão do que Saussure escreveu sem observar o processo de sua escrita, remetemos à edição de Bouquet e Engler reproduzida no apêndice.

O leitor também observará que não efetuamos a tradução dos fragmentos dos textos de Saussure que trazemos para análise, por outro lado traduzimos quando se trata da edição desse manuscrito realizada pelos autores em questão. Esta opção justifica-se pela necessidade do nosso trabalho da manutenção da suspensão do sentido e da incompletude quando o que está em questão são as rasuras, os incisos e as frases inacabadas.

---

<sup>126</sup> - Pergaminho sob cujo texto se podem ler escritas anteriores.

“Como achar um dentre esses caminhos que se apresentam agora escancarados?” (João Cabral de Melo e Neto em ‘Morte e vida Severina’)

Uma primeira leitura dos manuscritos nos deixa essa impressão: uma proliferação de rasuras e, portanto, muitos caminhos possíveis de serem seguidos. Por isso fizemos uma escolha, ou, escolhemos um caminho. Esse caminho, dentre tantos outros que poderíamos escolher, nos parece o mais compatível com o nosso objetivo de acompanhar o movimento de Saussure na fundação da lingüística. Sob esse aspecto e considerando a nossa opção teórica<sup>127</sup> - a psicanálise tal qual Lacan a leu em Freud - importa-nos ‘como ele escreveu’ o que não é sem relação com ‘o que ele escreveu’ visto que a forma como ele escreveu acaba por circunscrever uma série de rupturas no plano do conteúdo. O que se rompe, retorna como repetições ou mesmo integrado no texto, o que já aponta para um deslocamento na elaboração de Saussure.

Cabem aqui mais algumas observações sobre a apresentação da análise. Ao destacar um segmento maior e não uma palavra ou expressão, dada a dificuldade de reproduzir **o que** está no manuscrito **como** lá está escrito, optamos por fazê-lo usando reticências entre parênteses [ex.: ‘*les rayons de lumière(...)*’(p.5)]. Em certos pontos da análise tentaremos reproduzir a rasura utilizando o termo rasurado riscado e o inciso em um plano acima. Contudo, a linearidade da apresentação da escrita digitada parece ser incompatível com a idiossincrasia do manuscrito [ex.: “à <sup>cette</sup> ~~la~~ science ~~du~~ langage” (p.5)].

Quatro grupos foram escolhidos para análise. Os grupos são constituídos por termos que se caracterizam não só por estarem rasurados mas por estarem em incisos ou por se apresentarem repetidamente para depois serem retomados e/ou reformulados.

Mais do que estar indicado por esses aspectos formais, a escolha e a delimitação do grupo corresponde a uma interrupção do legível que por sua vez é o encontro com a hesitação do autor. O reconhecimento dessa interrupção e dessa hesitação mostra por si só que o grupo tem relação com um determinado tema. O tema do primeiro grupo parece ser caro a Saussure: o lugar dos estudos da linguagem entre as ciências humanas; o tema do segundo grupo é algo de muito caro à própria lingüística: a natureza de seu objeto; para o terceiro grupo, selecionamos questões relativas aos dois primeiros e que dizem respeito ao

---

<sup>127</sup> - Uso a expressão ‘opção teórica’ referindo-me à psicanálise e, particularmente, à obra de Lacan, com base na “Obra Clara” de Milner(1996), onde o autor apresenta e justifica sua afirmação de que Lacan tem uma teoria da ciência.

geral e ao particular na abordagem do objeto da lingüística e, finalmente, no quarto e último grupo trazemos o que parece ter ficado à sombra de uma elaboração nesse manuscrito.

Esses quatro grupos permitem mostrar momentos de tensão e/ou hesitação na elaboração de conceitos a serem precisados e a necessidade de definir aquilo que lhe pareceu sempre tão impreciso: a posição do lingüista diante da linguagem e da lingüística como ciência. Também permitem entrever as soluções que se puderam dar a essas questões assim como permitem reconhecer um ponto em que uma questão insiste mas não avança.

#### 4.1 - PRIMEIRO GRUPO: A CIÊNCIA LINGÜÍSTICA

As primeiras palavras desse manuscrito já fazem menção a “uma ordem de estudos novos”. Em seguida, porém, encontramos algumas palavras rasuradas que parecem estar dirigidas a um questionamento do que se espera desses estudos novos: *but(1a)*, *utilité(1b)* e *place(1c)*<sup>128</sup>. É aí que demarcamos o nosso primeiro grupo. Esses termos se repetem à exaustão: *place*, sete vezes e as outras duas palavras, pelo menos três vezes. Algumas vezes rasuradas, outras não, mas sempre indicativas de uma questão sobre a posição que os estudos da linguagem têm no círculo dos conhecimentos humanos, em especial em uma Faculdade de Letras. Esses termos presentificam-se de forma insistente e embaraçante como mostram as repetições e as rasuras de palavras como *utilidade*, *finalidade* e *interesse*: “*de vous introduire aujourd’hui???* ~~*entretenir du but, de l’utilité, de soit du but de ces études, soit de l’utilité de ces études, soit de leur intérêt*~~”(1d-p1).

Tais palavras guardam uma certa vizinhança semântica mas não têm a mesma significação quando se trata de definir a função de uma área de estudo, ainda mais quando é colocada a questão da legitimidade dessa área. Todas essas palavras foram dispostas em incisivos, repetidas ou rasuradas apontando um certo embaraço na qualificação de ‘*ces études*’. A palavra *legitimité(1e;p.1)* é acrescentada por Saussure às palavras *but(1a-p1)*, *intérêt (1f-p.1)* e *utilité(1b-p1)*, depois de todas as hesitações anteriores, num texto sem rasuras: *soit de l’utilité, soit de leur intérêt, soit enfin de leur but et de leur légitimité(1g-p1)*. Note-se que esse texto sem rasuras repete, reordenando, o material rasurado como se a última expressão (*leur légitimité*) operasse uma ressignificação necessária.

---

<sup>128</sup> - Todos os outros termos ou trechos que forem indicados pelo número 1 pertencerão a este grupo; embora consideremos estes três primeiros termos os desencadeadores dos demais.

O embaraço inicial parece ser da ordem de um incômodo com o lugar que os estudos da linguagem ocupavam e ao mesmo tempo indica um esforço para dizer do lugar que eles poderiam vir a ocupar no círculo dos conhecimentos humanos. Aí está um primeiro deslocamento.

Um dos pontos que sinalizam o deslocamento é, como já se acenou antes, a utilização dos termos *utilité* e *legitimité* que parecem estar marcados por uma incompatibilidade quando se trata de caracterizar uma ciência, visto que a utilidade de algum estudo pode legitimar uma técnica mas não uma ciência.

Entre algumas linhas, que no manuscrito estão rasuradas, e o inciso ao lado das rasuras, ainda na primeira página, percebemos que algo foi escrito, riscado e, além disso, acrescentado o que poderia ser o substituto daquilo que havia sido escrito inicialmente: ~~*et j'aurais en outre examiner quelle place et la place (...) elle doit occuper*~~ (1d-p.1). E o inciso: *à marquer la place qu'elle occupe dans le cercle(...)* (1h-p.1) É digna de nota a substituição operada nesse movimento. *Examiner* passa a *marquer* e deve-se dizer que esses verbos implicam em práticas distintas. 'Examinar' tem o sentido de analisar com atenção e minúcia, considerar, ponderar... enquanto que 'marcar' é pôr uma marca, um sinal, uma insígnia; nesse fragmento do manuscrito, portanto, trata-se de assinalar algo já examinado. Ao que tudo indica, enquanto um é da ordem da observação, outro é da ordem da ação. Da rasura ao inciso se delineia uma posição mais incisiva diante do que há a definir nos estudos da linguagem.

É significativo que, ao final da página que contém essas rasuras, leia-se a pergunta: *quel est le profit*(1i-p1) que pode retirar a erudição clássica dos estudos da linguagem e *l'interêt*(1j-p.1) que pode ter o mesmo estudo para a história ou para a história da civilização? É quase como uma resposta para essa pergunta que surge no texto uma série de indicações sobre o quanto os estudos da linguagem foram úteis para a resolução de questões históricas e etnológicas. Assim, embora não haja uma retomada das palavras do primeiro grupo (1a,1b,1c) podemos dizer que elas operam em ausência nessa elaboração já que, quando se trata de dizer quais os pontos em que o estudo da linguagem e aquilo que é chamado de 'ciências adjacentes'(1L-p.3) podem ou não se tocar, essas palavras, do primeiro grupo, têm importância capital e a utilização de termos como *profit* e *interêt* assim o confirma.

Surgem, então, nas páginas três e quatro, duas perguntas que iluminam a direção contrária que o texto vai tomar: a utilidade como obstáculo. Vejamos:

*(...)mais après cela, ou avant cela, je vous poserais plutôt cette simple question: pensez-vous sérieusement que l'étude du langage ait besoin, pour se justifier ou pour se disculper d'exister, de prouver qu'elle est utile à d'autres sciences?* (Saussure; 1m-p.3 *apud* Bouquet e Engler: 144;Grifo nosso)<sup>129</sup>

E além disso:

*À quelle science pose-t-on cette condition préliminaire d'exister qu'elle s'engage à livrer des résultats destinés à venir enrichir d'autres sciences s'occupant d'autres objets? C'est lui refuser tout objet propre.* (Saussure; 1n-p.3 *apud* Bouquet e Engler: 144; Grifo nosso)<sup>130</sup>

Essas perguntas mostram a necessidade de desembaraçar a lingüística dessas ciências, visto que as relações entre elas estão marcadas por *but*, *utilité* e *profit*. É, portanto, preciso saber que objeto é esse do qual a lingüística se ocupa, conforme página quatro do manuscrito, e qual o seu estatuto entre os outros campos do saber:

*On peut seulement demander à chaque science aspirant à se faire reconnaître d'avoir un objet digne d'une attention sérieuse, c'est-à-dire un objet qui joue un rôle incontestable dans les choses de l'Univers, où sont comprises avant tout les choses de l'humanité; et le rang qu'occupera cette science sera proportionné à l'importance de l'objet dans le grand ensemble des idées.* (Saussure 1o;p.4 *apud* Bouquet e Engler; p.144)<sup>131</sup>

Enfim, o objeto de uma ciência não pode ser constituído a partir da sua utilidade para as outras ciências.

Por isso, depois da hesitação há uma clara determinação em falar da autonomia dos estudos da linguagem e na página cinco abre-se a possibilidade do novo: o termo *utilité* desaparece enquanto que *but* e *place* retornam sendo que *but* (1a;p.5) é associado, especificamente, ao *développement intérieur* (1p;p.5) dos estudos da linguagem. Vejamos na nova edição:

*(...)les rayons de lumière, si intenses qu'ils aient été, qui ont pu soudain tomber de la langue sur d'autres disciplines et sur d'autres objets de*

<sup>129</sup> - (...) mas depois disso, ou antes disso, eu colocaria aos senhores esta simples questão: **pensam seriamente que o estudo da linguagem tem necessidade, para se justificar ou para desculpar a sua existência, de provar que ele é útil a outras ciências?** (Tradução nossa)

<sup>130</sup> - A qual ciência se coloca como condição preliminar para existir essa de se empenhar em fornecer resultados destinados a vir enriquecer outras ciências que se ocupam de outros objetos? **É lhe recusar todo objeto próprio.** (Tradução nossa)

<sup>131</sup> - Pode-se somente requerer de cada ciência que aspire a se fazer reconhecer que ela tenha um objeto digno de uma atenção séria, ou seja, um objeto que desempenhe um papel incontestável nas coisas do universo, em que estão compreendidas antes de tudo as coisas da humanidade; e o lugar que ocupará essa ciência será proporcional a importância do objeto no grande conjunto das idéias. (Tradução nossa)

*recherche, ne sauraient avoir qu'une importance absolument épisodique et incidente pour l'étude de la langue elle-même, pour le développement intérieur de cette étude et pour le but vers lequel elle marche.* (Saussure; 1q-p5 *apud* Bouquet e Engler; p.145- grifo nosso)<sup>132</sup>

Quanto ao lugar/terreno que esses estudos ocupam, temos uma referência clara à ciência da linguagem no que se segue:

*Le phénomène du langage, en lui-même, vaut-il ou ne vaut-il pas la peine qu'on l'étudie, soit en ses manifestations diverses soit dans ses lois générales qui ne pourront jamais être déduites que de ses formes particulières? – tel est, s'il faut l'indiquer d'une façon tout à fait claire et catégorique, le terrain sur lequel se place actuellement la science du langage.* (Saussure 1r-p5 *apud* Bouquet e Engler; p.145- grifo nosso)<sup>133</sup>

Dizer do lugar da lingüística em relação às outras ciências requer que se coloque uma interrogação sobre o seu objeto.<sup>134</sup>

De Lemos lembra o movimento saussureano de constituição da lingüística, alinhando-o com a reivindicação de autonomia que, segundo ela, se origina do reconhecimento por Saussure da ordem própria da língua e acrescenta ainda que esse reconhecimento é apenas um momento de uma insistente interrogação, como é colocado por Benveniste(1966:35):

“Naquilo que pertence à língua, [Saussure] pressente certas propriedades que não se encontram em nenhum outro lugar a não ser aí. Com o quer que a compare, a língua aparece sempre como algo de diferente. Mas em que ela é diferente? Considerando essa atividade, a linguagem, à qual tantos fatores estão associados, biológicos, físicos e psíquicos, individuais e sociais, estéticos, pragmáticos, ele se pergunta: a qual deles pertence a língua?” (*apud* De Lemos;p.23)

Ainda a respeito da relação da lingüística com as outras ciências, De Lemos nota que Saussure colocou a lingüística em relação com as outras ciências de uma maneira bastante particular, ou seja: “Não se trata, pois, simplesmente de relacionar um campo a

---

<sup>132</sup> - (...) Os raios de luz, tão intensos quanto eles tenham sido, que tenham podido repentinamente cair da língua sobre outras disciplinas e sobre outros objetos de pesquisa, teriam apenas uma **importância absolutamente episódica e incidente** para o estudo da língua em si mesma, para o desenvolvimento interior desse estudo e para o objetivo em direção ao qual ele caminha. (Tradução nossa)

<sup>133</sup> - O fenômeno da linguagem, em si mesmo, vale ou não vale a pena que se estude, seja em suas manifestações diversas, seja em suas leis gerais que não poderão jamais ser deduzidas senão de suas formas particulares? – **tal é, se é necessário indicar de uma forma bem clara e categórica, o terreno sobre o qual se situa atualmente a ciência da linguagem.** (Tradução nossa)

<sup>134</sup> - A reflexão de De Lemos(1998c), no sentido de restaurar a preocupação com o objeto da lingüística, possibilita que pensemos tal relação. A autora parte da seguinte afirmação “todo o conhecimento interdisciplinar tem um significado mais fácil e natural de ser apreendido” para se perguntar *por que tal conhecimento reuniria estas qualidades.* Vejamos a sua hipótese: “Não seria talvez por estabelecer uma relação entre campos ou disciplinas que tenderia a **atenuar os limites de seus objetos específicos**, restaurando, pelo menos em parte, um espaço homogêneo cujo significado se aproximaria do senso comum?”(grifo nosso;p.22)

outro, mas de dar uma direção a essa relação, de ordená-la a partir da língua e da lingüística.” (*op.cit.*:28).

Essas observações indicam a direção em que o movimento de Saussure se deu, assim como esses momentos de tensão no seu manuscrito, sinalizados por esse primeiro grupo de rasuras, mostram os impasses que constituem o ato de escrever o novo.

#### 4.2 - SEGUNDO GRUPO: ENTRE O GERAL E O PARTICULAR

---

*Tout le monde parle du langage en général et de la langue française en particulier comme si la linguistique n'avait pas existé. Sans excepter les linguistes eux-mêmes.* (Milner;2000:9; Grifo nosso)<sup>135</sup>.

Esse segundo grupo é composto pelos termos ‘*général*’ e ‘*particulier*’ e o que o caracteriza não é somente o fato de esses termos aparecerem rasurados, mas o modo errante como aparecem no texto. Além disso, eles funcionam como núcleo de uma constelação em torno da qual gravitam outros termos que mantêm com esse núcleo relações semânticas: *individus*, *individuel* ou *espèce*. Ou, ainda, termos derivados desse núcleo: *généralisation*, *généralement* ou *particulièrement*.

Mostremos, primeiro, como os termos derivados de ‘*général*’ vagam por essas primeiras páginas do manuscrito. É particular a insistência com que esses termos se apresentam qualificando palavras muito diversas ao longo do texto. Nesse sentido, é exemplar o que encontramos em uma mesma página:

“*Le valeur de l'étude du langage dans la connaissance générale*”  
(adjetivando conhecimento) (2a;p.5)  
“*que nous oublions généralement*” (advérbio) (2b; p.5)  
“*que la généralisation de cela*” (substantivo)(2c;p5)

Essa ‘errância’ também pode se manifestar pela insistência com que alguns termos semanticamente afins se repetem rasurados e sem destino. Nesse aspecto é relevante observar o que sucede com termos que se seguem em uma página muito rasurada, termos esses que, de uma certa forma, estão alinhados com ‘*particulier*’ e ‘*général*’. São eles: *individuel*(2d) e *espèce*(2e), encontrados, somente na página sete, pelo menos três vezes cada um, em rasuras ou em incisos. Remetemos o leitor ao apêndice

---

<sup>135</sup> - Todo mundo fala de linguagem em geral e da língua francesa em particular como se a lingüística não tivesse existido. Sem excetuar os próprios lingüistas. (Tradução nossa)

desta tese no qual se encontram localizadas, nos manuscritos, tais rasuras e incisos que, tecnicamente, são impossíveis de reproduzir.

Mas é já na segunda página dos manuscritos, enquanto as questões sobre as quais versa o primeiro grupo de rasuras estão sendo encaminhadas, que surgem os termos *particulièrement* (2f-p.2) e *individus* (2g-p.2) rasurados. Nessa página, esses termos, ainda que rasurados, se fazem presentes com o objetivo de caracterizar o trabalho de Adolf Pictet e, portanto, não têm uma relação direta e específica com a lingüística e seu objeto. Além disso, é arriscado apostar no que está escrito, de fato, nesse fragmento do manuscrito. A nova edição aqui não vem em nosso auxílio, visto que os termos rasurados e que estão em questão aqui não têm lugar lá.

É importante sublinhar que a errância que tentamos descrever acima precede o ponto em que estes termos vão encontrar o seu lugar. Isto é, antes desse ponto não há, para esses termos, destino melhor que os escombros de uma rasura, a marginalidade de um inciso ou a incerta deriva.

É na quinta página do manuscrito, contudo, que encontramos os motivos para nomear *particulier* e *général* como núcleo do nosso segundo grupo. Inicialmente há uma referência ao *estudo da linguagem no conhecimento geral* (2a-p.5) ainda com o objetivo de separar a lingüística das outras ciências e, logo a seguir, os termos ‘*général*’ e ‘*particulier*’ aparecem com clareza em “*lois générales*”(2h-p.5) e “*formes particulières*”(2i-p.5) referindo-se à linguagem. Acompanhemos na nova edição:

*Le phénomène du langage, en lui-même, vaut-il ou ne vaut-il pas la peine qu'on l'étudie, soit en ses manifestations diverses soit dans ses lois générales(2a) qui ne pourront jamais être déduites que de ses formes particulières(2b)? – tel est, s'il faut l'indiquer d'une façon tout à fait claire et catégorique, le terrain sur lequel se place actuellement la science du langage. (Saussure; 1r-p.5 apud Bouquet e Engler p.145- grifo nosso)<sup>136</sup>*

Língua e linguagem não apresentam uma distinção precisa e não parece ser o mais importante no momento em que é preciso indicar de uma forma clara e categórica o lugar em que se coloca atualmente a ciência da linguagem. Essa indicação se sustenta na afirmação de que, seja quando se trata de manifestações diversas ou seja quando se trata de

---

<sup>136</sup> - O fenômeno da linguagem, em si mesmo, vale ou não vale a pena que se estude, seja em suas manifestações diversas, seja em suas leis gerais que não poderão jamais ser deduzidas senão de suas formas particulares? – tal é, se é necessário indicar de uma forma bem clara e categórica, o terreno sobre o qual se situa atualmente a ciência da linguagem. (Tradução nossa)

leis gerais, o estudo do fenômeno da linguagem não pode prescindir de se voltar para as formas particulares das línguas.

Tal questão parece ter nesse manuscrito apenas o seu início, De Mauro(1986) afirma que Saussure:

*(...)n'abandonne pas, après 1885, les réflexions sur la theorie générale. Cette exigence, affirmé dans le compte rendu de Schimidt de 1897 (supra 351), est déjà justifiée lors des leçons inaugurales de 1891 dans lesquelles, comme nous avons dit (supra 354), il défend la nécessaire complémentarité des analyses particulières et de la theorie générale.*(Grifo nosso; p.360)<sup>137</sup>

Ou, ainda melhor, *Une dialectique incessante lie l'étude générale et l'étude historico-descriptive* (op.cit.p.354). Considerando que um dos aspectos do estudo descritivo é a abordagem particular de cada língua podemos ver nesse manuscrito que o 'geral' e o 'particular', que flutuaram errantes até um determinado momento, acabam por aterrissar e com a função de estabelecer uma relação até então inédita entre o geral e o particular nos estudos da linguagem:

*Langue et langage ne sont qu'une même chose; l'un est la généralisation de l'autre. Vouloir étudier le langage sans se donner la peine d'en étudier les divers manifestations qu'évidemment sont les langues est une entreprise absolument vaine, et chimérique; d'un autre côté vouloir étudier les langues en oubliant que ces langues sont primordialement régies par certains principes qui sont résumés dans l'idée de langage est un travail encore plus dénué de toute signification sérieuse, de toute base scientifique véritable.* (Saussure;1j- p.8-9 apud Bouquet e Engler p.145/146)<sup>138</sup>

Houve um movimento nas elaborações de Saussure. Contudo, não se pode dizer que esta é a sua última palavra sobre o assunto. A nós interessa mostrar a possibilidade de apreender um movimento que só o processo de escrita através das rasuras, dos incisos e da errância nos permite recuperar. Além disso, esse movimento que dá um certo lugar ao geral e ao particular nos estudos da linguagem não é sem efeitos para a definição do objeto da lingüística.

---

<sup>137</sup> - (...)não abandona, depois de 1885, as reflexões sobre a teoria geral. Esta exigência afirmada no relatório de Schmidt de 1897 (supra 351), já é justificada por ocasião das suas lições inaugurais de 1891 nas quais como nós afirmamos (supra 354), **ele defende a necessária complementaridade das análises particulares e da teoria geral.** (Tradução nossa)

<sup>138</sup> - Língua e linguagem não são senão a mesma coisa; uma é a generalização da outra. Querer estudar a linguagem sem se dar ao trabalho de estudar suas diversas manifestações que, evidentemente, são as línguas, é uma empresa absolutamente vã e quimérica; por um outro lado querer estudar as línguas esquecendo que as línguas são primordialmente regidas por certos princípios que são resumidos na idéia de linguagem é um trabalho ainda mais destituído de toda significação séria, de toda base científica verdadeira. (Tradução nossa)

*“En effet, il suffit de formuler pour faire apparaître une difficulté: si la linguistique est une science, de quoi est-elle la science? Outre dit, comment nommera-t-elle son objet?” (Milner; 1989:40)<sup>139</sup>*

O último parágrafo da página cinco das notas para a *Première Conférence* não foi incluído na edição de Bouquet e Engler; trata-se de um trecho rasurado primeiro com riscos na horizontal e em seguida com riscos na diagonal. Nesse parágrafo que se inicia por frases interrogativas, encontramos os termos que constituem o terceiro grupo: *langue(3a;p5), langage(3b;p5), parole<sup>140</sup>(3c;p.5)*:

*Le langage? Mais La parole? C'est une chose que nous oublions généralement parce que (...) Le langage ou la langue c'est donc la même chose, ceci n'était rien d'autre que la généralization de cela. (Saussure; p.5. As rasuras incidem sobre todo o trecho.)*

Essas perguntas incidem, portanto, sobre: *langage, parole* e *langue*, isto é, sobre como definir o objeto da lingüística. Questão que atravessa todo o manuscrito e cujas rasuras, incisos e errância deixam à mostra a dificuldade de elaboração. Dificuldade que está na necessária suspensão do sentido que essas palavras têm no discurso ordinário e o sentido que elas devem tomar na constituição da ciência lingüística. É o que percebemos quando nos voltamos para a expressão que antecede essas perguntas rasuradas: *la science du langage*.

Também vê-se, nas últimas três linhas rasuradas em diagonal, a primeira versão daquilo que será afirmado sem rasuras na página oito: *Langue et langage ne sont qu'une même chose; l'un est la généralisation de l'autre(2j-p8)*. Nas páginas seguintes, seis e sete, o texto parece estar a serviço de desvenciliar a natureza da linguagem da natureza do homem para que a primeira esteja em condições de requerer a sua autonomia científica. Acompanhemos a nova edição:

*Le langage ou la langue peut-il donc passer pour un objet qui appelle, par lui-même, l'étude? Telle est la question qui se pose. Je ne l'examine même pas. Je vous dirai, Messieurs, qu'on a tout refusé à notre pauvre espèce humaine comme caractère distinctif vis-à-vis des autres espèces animales, tout, et absolument tout, y compris l'instinct*

---

<sup>139</sup> - De fato, basta formular para fazer aparecer uma dificuldade: se a lingüística é uma ciência, de quê é ela a ciência? Dito de outro modo, como ela nomeará seu objeto? (Tradução nossa)

<sup>140</sup> - É preciso notar que o termo *parole* não volta a aparecer nesse manuscrito a não ser rasurado algumas páginas adiante (p.6) e na página 10 sem rasura mas seguido de muitas rasuras. Contudo, a simples menção desse termo ao lado de língua e linguagem é indicativo do trabalho que se fez mais tarde diferenciando língua e fala.

*d'industrie, y compris la religiosité, la moralité, le jugement et la raison, tout, excepté le langage, ou comme on dit la parole articulée, ce terme d'articulé étant un terme au fond obscur et très vague sur lequel je fais toutes réserves.(...) Ce qui est clair, comme on l'a répété mille fois, c'est que l'homme sans le langage serait peut-être l'homme, mais qu'il ne serait pas un être se rapprochant même approximativement de l'homme que nous connaissons et que nous sommes, parce que le langage a été le plus formidable engin d'action collective d'une part, et d'éducation individuelle de l'autre, l'instrument sans lequel en fait l'individu ou l'espèce n'auraient jamais pu même aspirer à développer dans aucun sens ses facultés natives. (Saussure; p.6-7 apud Bouquet e Engler p.145)<sup>141</sup>*

De Lemos (1998c) discute as interrelações entre a lingüística e as outras ciências e aponta o objeto próprio da lingüística como responsável por essa dificuldade na delimitação de um campo próprio:

“Na verdade se esse ‘objeto’ escapa ou resiste à delimitação é mesmo porque, estando no centro da vida humana, tende a confundir-se com ela, a se fazer presente em todos os seus aspectos, de tal modo que o esforço para conhecê-lo e sobre ele teorizar poderia tomar a forma de um saber que acabaria por apagar os limites entre a lingüística e as outras ciências ou disciplinas.” (p.22)

Nessas páginas do manuscrito lê-se uma resistência a esse apagamento e um trabalho que tem efeitos sobre a delimitação desse objeto. Assim após as hesitações da página sete em que o números de rasuras e incisos chegam a ser maiores que o corpo do próprio texto que não está rasurado, a página oito do manuscrito nos reserva uma surpresa. Trata-se de uma página quase sem nenhuma alteração, as marcas de interlocução(3f-p8)<sup>142</sup> são abundantes e claras e alguns dos termos rasurados anteriormente são retomados. *Langue e langage*, por exemplo, retornam com uma afirmação categórica semelhante àquela sob as rasuras na página cinco: *Langue et langage ne sont qu'une même chose; l'un est la généralisation de l'autre.* (2j-p.8) Mas é importante mencionar que encontramos a

---

<sup>141</sup> - A linguagem ou a língua pode então passar por um objeto que convoca, ele próprio, o estudo? Tal é a questão que se coloca. Eu não a examino. Eu lhes direi, senhores, que se tem recusado tudo à nossa pobre espécie humana como característica distintiva frente a outras espécies animais, tudo, e absolutamente tudo, inclusive o instinto de indústria, inclusive a religiosidade, moralidade, o julgamento e a razão, tudo exceto a linguagem, ou, como se diz, a fala articulada, este termo ‘articulado’ sendo um termo de fundo obscuro e muito vago ao qual faço todas as reservas. (...) O que é claro, como se repetiu mil vezes, é que o homem sem a linguagem seria quem sabe o homem, mas que ele não seria um ser comparável, mesmo aproximadamente, ao homem que nós conhecemos e que nós somos, porque a linguagem foi o mais formidável engenho de ação coletiva de uma parte, e de educação individual de outra, o instrumento sem o qual de fato o indivíduo ou a espécie não teriam podido mesmo jamais aspirar a desenvolver, em nenhum sentido, suas faculdades inatas. (Tradução nossa)

<sup>142</sup> - Entendemos marcas de interlocução no sentido lato, ou seja, quando o locutor refere-se ao interlocutor por um pronome de tratamento, utiliza expressões próprias da interlocução na oralidade e até mesmo quando se coloca através de um pronome pessoal.

palavra *des langues*(3e-p.8) utilizada pela primeira vez nesses manuscritos e que ocupará um papel relevante nos desdobramentos da questão. Além disso, como menciona Fehr: *Saussure récuse ainsi en bloc logique, philosophie et psychologie du langage dans la mesure où ces sciences tiennent trop peu compte de 'l'étude des langues'*. (p.53)<sup>143</sup>

Pensamos que há nesse manuscrito uma aproximação à questão do objeto da lingüística e uma posição clara quanto à necessidade de delimitá-lo embora não haja, ainda, distinções mais precisas, por exemplo, entre língua, linguagem e fala. Sabemos que a relação entre *langue* e *langage* acima sublinhada não será mantida, como se pode ler no CLG. Contudo, nesse manuscrito opera-se um deslocamento em direção a ordem própria da língua visto que há uma tentativa de destituir esse objeto do que é acessório e cernir o que é central, próprio dele.

Logo após essa página com pouquíssimas rasuras, temos a primeira metade da página nove em que se pode ler uma afirmação ainda mais categórica sobre o que vinha se afirmando até agora:

*Vouloir étudier le langage sans se donner la peine d'en étudier les divers manifestations qu'évidemment sont les langues est une entreprise absolument vaine, et chimérique* (Saussure; 2j-p8-9 *apud* Bouquet e Engler; p.148)<sup>144</sup>

E, ainda com algumas dificuldades pois há muitas rasuras, se pode ler com Bouquet e Engler que

*d'un autre côté vouloir étudier les langues en oubliant que ces langues sont primordialement régies par certains principes qui sont résumés dans l'idée de langage est un travail encore plus dénué de toute signification sérieuse, de toute base scientifique véritable* (*op.cit.p.148; grifo nosso*)<sup>145</sup>

Nesse trabalho de separar o objeto dos estudos da linguagem daquilo que lhe é próximo mas não próprio se desenha a possibilidade de fundar um campo: a chamada lingüística moderna. Isso é o que se pode depreender desse jogo de Saussure entre rasuras e elaborações presente na escrita desse manuscrito. Contudo, se se pensar que a rasura materializa mesmo um instante de suspensão de sentido depois do qual se encontra finalmente um outro modo de dizer, a essa seqüência, página oito e início da nove, não se

---

<sup>143</sup> - Saussure recusa assim em bloco a lógica a filosofia e a psicologia da linguagem na medida em que essas ciências têm em pouca conta o estudo das línguas. (Tradução nossa)

<sup>144</sup> - Querer estudar a linguagem sem se dar ao trabalho de estudar suas diversas manifestações que, evidentemente, são as línguas, é uma empresa absolutamente vã e quimérica. (Tradução nossa)

<sup>145</sup> - Por outro lado, querer estudar as línguas esquecendo que estas línguas são, primordialmente, regidas por certos princípios que são resumidos na idéia de linguagem é um trabalho ainda mais destituído de toda significação séria, de toda base científica verdadeira. (Tradução nossa)

pode associar nenhuma expectativa de apaziguamento: a última metade dessa página nove desfaz qualquer idéia nessa direção na elaboração de Saussure.

Nessa segunda metade da página nove, temos um fragmento que é rasurado à exaustão. O que há de tão insuportável nesse texto a ponto de suscitar tanta rasura?

#### 4.4 - QUARTO GRUPO: *MAIS LA PAROLE?*

---

Localizaremos esse quarto grupo sob as rasuras da última metade da página nove do manuscrito. Essa segunda metade da página nove, que está completamente rasurada, parece trazer elementos para pensar aquilo que o trabalho anterior não foi capaz de resolver. É difícil lidar com a ilegibilidade desse trecho; Bouquet e Engler, o suprimem completamente, enquanto para nós ele assume toda importância. Das palavras que estão sob as rasuras, que incidem sobre um bloco de quatorze linhas, trabalharemos mais especificamente com o que parece estar escrito em apenas algumas dessas linhas:

connue<sup>ou inconnue</sup> un chercheur  
un phénomène normal et caractéristique de notre  
activité linguistique inconsciente, et il'apporte

Todos os termos que estão sob rasura poderiam ser trabalhados a partir dos mesmos princípios com que abordaremos o fragmento acima; contudo, procuraremos centrar-nos apenas neste pela óbvia dificuldade que representa trabalhar com todos eles. Dificuldade essa que advém dos riscos que cortam o texto e que se destinam, aparentemente, a eliminá-lo. Por isso, essa grande rasura provoca um efeito semelhante àquele experienciado no início do filme '2001 Uma Odisséia no Espaço'<sup>146</sup>, momento em que o macaco se vê diante de um monolito.

As perguntas que nos fazemos diante dessa grande rasura correspondem ao espanto do macaco diante do monolito: o que é isso, de onde vem, qual a sua função? Para buscar uma resposta a esse enigma, adotamos o procedimento de identificar todas as suas linhas por letras, tentar reproduzir o que há de legível e buscar os efeitos dos termos que selecionamos nas elaborações que se apresentam nas páginas seguintes. Surgem, com efeito, características bastante interessantes quando procuramos recuperar o que está submergido sob os riscos de Saussure:

(4a) des langues

- (4b) la conscience qu'elle a du concourir à un
- (4c) but supérieur, et ceci n'a
- (4d) être entendu d'une manière vague
- (4e) général, chaque fois que sur le plus
- (4f) infime patois de la plus infime langue
- (4g) connue <sup>ou inconnue</sup> un chercheur
- (4h) un phénomène normal caractéristique de notre
- (4i) activité linguistique inconsciente, et il'apporte
- (4j) en triomphe comme une pierre de
- (4k) l'édifiée de notre grand édifice qui ne
- (4l) sera jamais détruite et qui aussitôt
- (4m) (?) commentée dans son et qui est
- (4n) aussitôt(?) accueillie

As tentativas repetidas de ler essa grande rasura levaram, na melhor das hipóteses, a esse resultado que pode nem mesmo ser correto visto que, diante da falta de sentido que ela impõe, tendemos a lhe impingir algum significado desviando-nos assim do que nela nos interroga. Assim como no filme, nessa rasura é 'num só depois' que se pode desfazer o monolito, não ele propriamente dito, mas o enigma por ele constituído.

Ao acompanharmos a escrita de Saussure depois dessa grande rasura percebemos algo que se assemelha à explosão do monolito/rasura/enigma. Algumas das palavras que conseguimos ler sob a rasura se estendem pelo texto como se fôssem um monolito despedaçado e como se cada fragmento dele, antes enigmático, ordenasse outras seqüências de escrita agora providas de sentido.

Podemos retirar da nova edição de Bouquet e Engler um parágrafo que corresponde à página dez do manuscrito, isto é, à página que sucede a grande rasura e que permite retomar o fragmento por nós selecionado:

*À supposer même que l'exercice de la parole constituât chez l'homme une fonction naturelle, ce qui est le point de vue éminemment faux où se placent certaines écoles d'anthropologistes et de linguistes, il faudrait encore absolument soutenir que l'exercice de cette fonction n'est abordable pour la science que par le côté de la*

---

<sup>146</sup> - Filme dirigido por Stanley Kubrick lançado no final da década de sessenta.

*langue ou par le côté des langues existantes.*(Saussure; 4º-p.10; 4o;  
*apud* Bouquet e Engler p.146; grifo nosso)<sup>147</sup>

Por trás da legibilidade da nova edição, encontramos a incerteza do autor ao buscar um termo apropriado para caracterizar o exercício *de la parole* pelo homem. Ali onde sublinhamos na citação *fonction naturelle* tem-se no manuscrito sob rasuras: *faculté naturelle, native ou/et* (4p-p.10) e outras rasuras ilegíveis. Num inciso ao lado, lê-se a opção da nova edição: *fonction naturelle.*(4q-p.10). Não podemos deixar de reconhecer essas rasuras e incisos como uma espécie de estilhaço do que está sob a rasura 4h/4i: *un phénomène normal caractéristique de notre activité linguistique inconsciente.*

O tema tratado na página dez do manuscrito, que se segue a página da grande rasura, retoma e reafirma a posição anterior (tratada no grupo três) de cernir o objeto dos estudos da linguagem separando-o do que é próprio do homem tanto do ponto de vista orgânico quanto antropológico. Trata-se de uma crítica assertiva à postura corrente na época. Contudo, é preciso não esquecer, sob pena de nos desviarmos do nosso trabalho, que nas páginas anteriores do manuscrito, na busca de definir com precisão os termos que pudessem nomear o objeto da lingüística, foram recorrentes as rasuras sobre os termos *langue, langage e parole*. Enquanto os dois primeiros termos acabaram por alcançar algum estatuto nesse momento da elaboração de Saussure, não podemos dizer que aconteceu o mesmo com o termo *parole*. Termo esse que não encontramos sob a grande rasura mas que retorna no manuscrito, como vimos na citação anterior da nova edição, indicando a relação entre essa rasura e o que ficou suspenso nas páginas anteriores.

Como ele retorna? Voltemos ao fragmento que selecionamos:

connue <sup>ou inconnue</sup> un **chercheur**  
un phénomène normal et caractéristique de notre  
activité linguistique inconsciente, et il'apporte

Nele a palavra '*chercheur*'(4g-p9), sublinhada por nós, antecedendo *un phénomène normal et caractéristique de notre activité linguistique inconsciente* obriga a que nos perguntemos qual a relação de um 'pesquisador' com esse fenômeno, relação essa não explícita dada a não legibilidade do verbo que deve estar presente entre *chercheur* e

---

<sup>147</sup> - Supondo até mesmo que o exercício da fala constituiu no homem uma função natural, o que é o ponto de vista eminentemente falso onde se situam certas escolas de antropólogos e de lingüistas, seria ainda absolutamente necessário sustentar que o exercício desta função não é abordável pela ciência senão pelo lado da língua ou pelo lado das línguas existentes. (Tradução nossa)

*un phénomène normal*(...). Essa relação vem à tona, porém, nas páginas seguintes onde encontramos, em um trecho sem rasuras, algo que indica a ação do *chercheur*:

*Et ceci n'a pas une signification vague et générale: toute personne un peu versée dans nos études sait avec quelle joie et quel triomphe chaque chercheur signale un cas théorique nouveau, quand il le rencontre n'importe où, dans le dernier de nos patois, ou dans le plus infime idiome polynésien. C'est une pierre qu'il apporte à l'édifice et qui ne sera pas détruite.* (Saussure; 4r-p.10/11; grifo nosso)<sup>148</sup>

É extremamente relevante assinalar que a expressão *un phénomène normal et caractéristique de notre activité linguistique inconsciente* não se faz presente nessa versão sem rasuras. Na versão sem rasuras o que o pesquisador assinala é um ‘caso teórico novo’, se interpretarmos ‘caso’ como ‘problema’ podemos pensar que nessa versão ele o encontra *n'importe où, dans le dernier de nos patois, ou dans le plus infime idiome polynésien*. Assim, diríamos que o pesquisador não se depara com a língua mas com ‘pedaços de falas’<sup>149</sup>. É aí que ele irá assinalar um caso teórico novo. Ou seja, diante do *último dos patois* ou *do mais ínfimo idioma polinésio*, o pesquisador não encontra ‘línguas’ mas ‘pedaços de fala’. Não diríamos que o pesquisador depara-se com uma língua - porque não é possível falar ainda em ‘uma língua’ - já que dizer de uma língua requer uma construção sobre o que faz nela uma unidade, o que não é anterior a esse encontro com os ‘pedaços de fala’. E quanto à versão com rasuras? Lá, esse problema parece vir de *un phénomène normal et caractéristique de notre activité linguistique inconsciente*. Isto é, na fala também.

É dessa forma, recorrendo ao jogo entre a rasura e o que a ela antecede e se segue a ela no manuscrito e ao mesmo tempo comparando a grande rasura com a versão sem rasura, que surpreendemos o retorno de uma questão que tinha emergido na página cinco do manuscrito: *Mais, — et La parole?*(3c-p.5) Em outras palavras o que diz respeito a *la parole* principalmente em oposição a *la langue* ainda não encontrou o seu lugar.

Podemos, afirmar, com base nesse manuscrito, que houve uma elaboração, um movimento, um trabalho mas também é preciso dizer que houve um resto desse movimento. Se, por um lado, a tensão que as rasuras parecem mostrar apontam para uma

<sup>148</sup> - E isto não tem uma significação vaga e geral: toda pessoa um pouco versada em nossos estudos sabe com que alegria e que triunfo cada pesquisador assinala um caso teórico novo, quando ele o encontra, seja onde for, no último dos nossos dialetos, ou no mais ínfimo idioma polinésio. É uma pedra que ele trás para o edifício e que não será destruída. (Tradução nossa)

<sup>149</sup> - Expressão usada por Cláudia Lemos, em sessão de orientação, para referir-se à parcialidade do objeto com o qual o lingüista se depara.

elaboração como também indica a passagem da repetição para a reformulação, por outro lado, nem tudo se resolveu.

Assim, o que é *un phénomène normal et caractéristique de notre activité linguistique inconsciente*, nesse movimento que acompanhamos nessas páginas do manuscrito, permanece sob a barra da rasura.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

A idéia mesmo de conclusão vai contra os princípios desta tese. Ao privilegiarmos a noção de movimento sem exigir desse, contudo, uma teleologia, uma direção ordenada para um fim, nos deparamos com uma particularidade do movimento do sujeito em relação ao saber: o resto. O que resta de um movimento implica um outro trabalho. Esse trabalho, contudo, está submetido a um funcionamento próprio da língua que, ao mesmo tempo que o tece, abre buracos que implicam, novamente, em elaboração. Dessa forma, concluir no sentido de terminar, não se aplica a este trabalho, trata-se antes da ocasião de concluir. As marcas do movimento de Saussure na fundação da lingüística mostraram como se tece esse trabalho: é na balança entre o saber e o não-saber que se entrevê a posição do sujeito.

As marcas do movimento de Saussure não só permitiram colocar em relação o que até então, de sua produção, erigia-se autônomo, mas, sobretudo, apontar que o seu trabalho na fundação da lingüística não começou no comparativismo e terminou na sincronia. Não começou nas aulas e terminou na edição dessas por seus alunos. Não começou nos anagramas e terminou na teoria do valor. É na maneira singular como o sujeito, marcado por esse funcionamento da língua, de qualquer um desses lugares, pode enviar o resto do trabalho que aí se faz para um outro lugar que lhe permite avançar na sua elaboração, que se pode dizer de uma produção que mais tarde foi nomeada fundação da lingüística moderna.

Encontramos uma forma de dizer desse movimento com os recursos topológicos que a teoria lacaniana oferece. Certamente que não é pouco lançar mão da banda de Moébius e do nó borromeano com as formulações sobre o sujeito que Lacan lhes empresta. Contudo, é dizer muito pouco do lugar da psicanálise aqui reduzindo-a a uma espécie de 'arcabouço teórico' a partir do qual se pode dar uma solução a um problema. De fato, a psicanálise neste trabalho não só forneceu os recursos para responder sobre a fundação da lingüística como, especialmente, orientou a forma de interrogar essa fundação. Ou seja, é na própria esteira da psicanálise, mais especificamente lacaniana, que iniciamos este trabalho, sempre no sentido freudiano, e abordamos o de Saussure.

## APÊNDICE

(Manuscrito p.1)

3283 Si la chaire que j'ai en ce moment l'honneur d'inaugurer représentait un ordre d'études nouveau dans notre Université, si j'avais aujourd'hui la mission ou le privilège de vous introduire dans l'édifice que la science du langage est occupée à construire depuis soixante-dix ans, à décrire dans ses grandes lignes l'état présent de cette science, à parcourir son passé, qui n'est pas très long, ou à pronostiquer son avenir, à définir son but(1a), son utilité(1b), à marquer(1h) la place(1c) qu'elle occupe dans le cercle des connaissances humaines et les services qu'elle peut rendre dans une Faculté des lettres, je craindrais de ne pas remplir très dignement ma tâche, mais certainement je ne pourrais me plaindre ici de l'abandon. Sans exalter outre mesure les mérites de la linguistique, quel est le profit (1i) que peut tirer par exemple de cette étude l'érudition classique, la connaissance des langues grecque, latine et française, eût-elle un but(1a) simplement littéraire, l'intérêt(1j) que peut avoir ensuite la même étude pour (*op.cit.*: 143)

(Manuscrito p.2)

l'histoire ou pour l'histoire de la civilisation? – et j'aurais ici à rappeler le nom genevois, dont nous sommes fiers à d'autres égards encore pour notre patrie, d'Adolphe Pictet qui le premier conçut méthodiquement le parti qu'on pouvait tirer de la langue comme témoin des âges préhistoriques, et qui, tout en se fiant peut-être trop – comme il était inévitable dans le premier enthousiasme que provoquait la révélation subite d'un monde insoupçonné – *en la vérité*, la valeur absolue des indications que peut donner la langue, n'en a pas moins été le fondateur d'une sérieuse branche de recherches encore actuellement cultivée avec toute raison par une série ininterrompue de savants – j'insisterais après cela sur la portée singulièrement précise qu'a prise pour l'ethnographie la linguistique, tellement que la donnée [linguistique] est toujours jusqu'à plus ample informé la preuve première pour l'ethnologue, - et qu'on se demande comment l'ethnologue sans cette donnée aurait jamais pu affirmer par exemple (pour choisir un

---

<sup>151</sup> - A numeração que antecede certos parágrafos do texto estabelecido serve para referência aos mesmos trechos na edição de Engler de 1968. Já a separação do texto em blocos, feita por nós, tem a finalidade de indicar o texto correspondente nos manuscritos. Para isso servimo-nos do número das páginas do manuscrito, por exemplo: (manuscrito p.1). Além disso, ao final de cada bloco indicamos a página em que ele se encontra na nova edição.

exemple entre mille) qu'au sein des Hongrois les Tsiganes représentent une race totalement distincte du Magyar, qu'au sein de l'empire autrichien le Magyar à son tour représente (*op.cit.*: 143/144)

**(Manuscrito p.3)**

une race totalement distincte du Tchèque et de l'Allemand; qu'en revanche le Tchèque et l'Allemand qui se haïssent du fond du coeur sont des parents très rapprochés; qu'à son tour le Magyar est proche cousin des populations finnoises de l'empire russe, sur les bords de la Baltique, dont il n'a jamais entendu parler, qu'à leur tour les Tsiganes dont je parlais sont un peuple sorti de l'Inde – je passerais ensuite, et ceci nous rapprocherait déjà davantage de l'objet vrai, à tout ce que la psychologie est probablement appelée à recueillir prochainement de l'étude du langage; mais après cela, ou avant cela, je vous poserais plutôt cette simple question: pensez-vous sérieusement que l'étude du langage ait besoin (1k), pour se justifier ou pour se disculper d'exister, de prouver qu'elle est utile à d'autres sciences? (1m) C'est une exigence à laquelle j'ai commencé par (*op.cit.*: 144)

**(Manuscrito p.4)**

constater qu'elle répondait largement et peut-être beaucoup plus qu'une foule de sciences, mais je ne vois pas ensuite, je l'avoue, que cette exigence soit justifiée. À quelle science pose-t-on cette condition préliminaire d'exister qu'elle s'engage à livrer des résultats destinés à venir enrichir d'autres sciences s'occupant d'autres objets? C'est lui refuser tout objet propre. (1n) On peut seulement demander à chaque science aspirant à se faire reconnaître d'avoir un objet digne d'une attention sérieuse, c'est-à-dire un objet qui joue un rôle incontestable dans les choses de l'Univers, où sont comprises avant tout les choses de l'humanité; et le rang qu'occupera cette science sera proportionné à l'importance de l'objet dans le grand ensemble des idées. (1o)

Maintenant, estime-t-on que le langage soit dans cet ensemble un facteur digne d'être aperçu ou un facteur nul, une quantité (*op.cit.*: 144)

**(Manuscrito p.5)**

appréciable ou une quantité négligeable. C'est de là (mais seulement de là) que peut dépendre un jugement équitable et éclairé sur la valeur de l'étude du langage(3b) dans la

connaissance générale(2a): les rayons de lumière, si intenses qu'ils aient été, qui ont pu soudain tomber de la langue(3a) sur d'autres disciplines et sur d'autres objets de recherche, ne sauraient avoir qu'une importance absolument épisodique et incidente pour l'étude de la langue(3a) elle-même, pour le développement intérieur(1p) de cette étude et pour le but(1a) vers lequel elle marche.(1q) Le phénomène du langage(3b), en lui-même, vaut-il ou ne vaut-il pas la peine qu'on l'étudie, soit en ses manifestations diverses soit dans ses lois générales(2a) qui ne pourront jamais être déduites que de ses formes particulières(2i)? – tel est, s'il faut l'indiquer d'une façon tout à fait claire et catégorique, le terrain sur lequel se place(1c) actuellement la science du langage. (1r) (op.cit.: 145)

**(Manuscrito p.6)**

Le langage(3b) ou la langue(3a) peut-il donc passer pour un objet qui appelle, par lui-même, l'étude? Telle est la question qui se pose. Je ne l'examine même pas. Je vous dirai, Messieurs, qu'on a tout refusé à notre pauvre espèce humaine comme caractère distinctif vis-à-vis des autres espèces animales, tout, et absolument tout, y compris l'instinct d'industrie, y compris la religiosité, la moralité, le jugement et la raison, tout, excepté le langage(3b), ou comme on dit la parole(3c) articulée, ce terme d'articulé étant un terme au fond obscur et très vague sur lequel je fais toutes réserves. Je n'ignore pas qu'à l'heure qu'il est plusieurs espèces de singes, comme l'ont annoncé les journaux, sont en train de nous disputer ce dernier fleuron de notre couronne, le langage(3b) articulé, et je ne discute pas quels sont les titres de ces singes qui peuvent être, je l'admets, dignes de considération. Ce qui est clair, comme on l'a répété mille fois, c'est que l'homme sans le langage(3b) (op.cit.: 145)

**(Manuscrito p.7)**

serait peut-être l'homme, mais qu'il ne serait pas un être se rapprochant même approximativement de l'homme que nous connaissons et que nous sommes, parce que le langage a été le plus formidable engin d'action collective d'une part, et d'éducation individuelle(2d) de l'autre, l'instrument sans lequel en fait l'individu(2d) ou l'espèce n'auraient jamais pu même aspirer à développer dans aucun sens ses facultés natives. (op.cit.: 143)

**(Manuscrito p.8)**

3283=3281 Ici se présente cette objection plus ou moins fondée selon nous(3f): vous(3f) transformez l'étude des langues(3e) en l'étude du langage(3b), du langage(3b) considéré comme faculté de l'homme, comme un des signes distinctifs de son espèce, comme caractère anthropologique ou pour ainsi dire zoologique. Messieurs(3f), c'est ici un point sur lequel il me faudrait disposer d'un temps considérable pour exposer, développer et justifier mon point de vue, qui n'est pas autre que celui de tous les linguistes actuels: c'est qu'en effet l'étude du langage(3b) comme fait humain est tout entier ou presque tout entier contenu dans l'étude des langues(3e), Le physiologiste, le psychologue et le logicien pourront longtemps dissenter, le philosophe pourra reprendre ensuite les résultats combinés de la logique, de la psychologie, et de la physiologie, jamais, je me permets de le dire(3f), les plus élémentaires phénomènes du langage(3b) ne seront soupçonnés, ou clairement aperçus, classés et compris, si l'on ne recourt en première et dernière instance à l'étude des langues(3e). Langue(3a) et langage(3b) ne sont qu'une même chose; l'un est la généralisation de l'autre. Vouloir étudier le langage (2j) (op.cit.: 145/146)

**(Manuscrito p.9)**

sans se donner la peine d'en étudier les divers manifestations qu'évidemment sont les langues(3e) est une entreprise absolument vaine, et chimérique; d'un autre côté vouloir étudier les langues en oubliant que ces langues sont primordialement régies par certains principes qui sont résumés dans l'idée de langage est un travail encore plus dénué de toute signification sérieuse, de toute base scientifique véritable(2j) (op.cit.: 146)

**(Manuscrito p.10)**

Sans cesse par conséquent l'étude générale du langage s'alimente des observations de toute sorte qui auront été faites dans le champ particulier de telle ou telle langue. À supposer même que l'exercice de la parole constituât chez l'homme une fonction naturelle, ce qui est le point de vue éminemment faux où se placent certaines écoles d'anthropologistes et de linguistes, il faudrait encore absolument soutenir que l'exercice de cette fonction n'est abordable pour la science que par le côté de la langue ou par le côté des langues existantes.(4o)

Mais, réciproquement, l'étude de ces langues existantes se condamnerait à rester presque stérile, à rester en tout cas dépourvue à la fois de méthode et de tout principe directeur, si elle ne tendait constamment à venir illustrer le problème générale du langage, si elle ne cherchait à dégager de chaque fait particulier qu'elle observe le sens et le profit net qui en résultent pour notre connaissance des opérations possibles de l'instinct humain appliqué à la langue. 3283suite Et ceci n'a pas une signification vague et générale: toute personne un peu versée dans nos études sait avec quelle joie et quel triomphe chaque chercheur signale un (4r)(*op.cit.*: 146/147)

**(Manuscrito p.11)**

cas théorique nouveau, quand il le rencontre n'importe où, dans le dernier de nos patois, ou dans le plus infime idiome polynésien. C'est une pierre qu'il apporte à l'édifice et qui ne sera pas détruite. (4r) À tout instant, dans toute branche de la science des langues, tout le monde est par-dessus tout anxieux actuellement de mettre en lumière ce qui peut intéresser le langage, en général. Et, phénomène remarquable, les observations théoriques qu'apportent ceux qui ont concentré leur étude sur telle ou telle branche spéciale comme le germanique, le roman, sont beaucoup plus appréciées et considérées encore que les observations des linguistes embrassant une plus grande série de langues. On se rend compte que c'est le détail ultime des phénomènes qui est aussi leur raison ultime, et qu'ainsi l'extrême spécialisation peut seule servir efficacement l'extrême généralisation. Ce ne sont pas des linguistes comme Friedrich Müller, de l'Université de Vienne, qui embrassent à peu près tout les idiomes du globe, qui ont jamais fait faire un pas à la connaissance du langage; mais les noms qu'on aurait à citer dans ce sens seraient des noms de romanistes comme M. Gaston Paris, M. Paul Meyer, M. Schuchardt, des noms de germanistes comme M. Hermann Paul, des noms de l'école russe s'occupant spécia (*op.cit.*: 147)













(7)

un être se rapprochant  
même approximatif

Serait peut-être l'homme, mais

qu'il ne serait pas l'homme <sup>car nous</sup>

~~certains pensent qu'il n'y a pas de~~  
~~ce qui fait paraître même une espèce~~

l'homme ~~obéissant~~ parce que le langage

se ~~est~~ <sup>est</sup> le + ~~puissant~~ <sup>est</sup> formidable

engin ~~outil~~ de ~~la~~ action collective, et l'éducateur

~~interne~~ ~~propose~~ ~~propos~~ ~~de~~ ~~la~~ ~~parole~~ ~~à~~ ~~l'autre~~, ~~qui~~ ~~est~~

~~doit~~ ~~jamais~~ ~~appeler~~ ~~à~~ ~~imaginer~~

l'opère ~~est~~ ~~jamais~~ ~~imaginal~~. L'instrument sans

lequel ~~il~~ ~~ne~~ ~~pourrait~~ ~~pas~~ ~~même~~ ~~apprendre~~

à développer ~~à~~ ~~aucun~~ ~~sens~~ ~~aucune~~ ~~de~~ ~~ses~~  
fautes ~~autres~~. ~~blague~~

Attention, je n'insiste pas je le répète, deux

Ce mot là, même, quelques un des

points de vue sous lesquels j'aurais

2d

2d

2e

2d

2e

2e

3f  
 3e  
 3b  
 3f  
 3f  
 3b  
 3f  
 3b  
 3b  
 3e  
 3a

⑧  
 Je te présente cette objection ou cette  
 observation <sup>+ facile à briser</sup> : vous transformez l'étude  
 des langues en l'étude du langage <sup>humain</sup>  
 du langage considéré comme faculté de l'homme, comme  
 un des signes distinctifs de son espèce, comme caractère  
 anthropologique ou pour ainsi dire zoologique.  
 Mais, c'est là un point sur lequel il  
 me faudrait disposer d'un temps <sup>considérable</sup>  
 pour exposer <sup>dit-on</sup> et justifier mon point de  
 vue, qui n'est pas autre que celui de tous  
 les linguistes actuels : c'est qu'en effet l'étude  
 du langage <sup>en fait</sup> humain est tout entière, ou  
 presque et entièrement, l'étude des langues.  
 Le physiologiste et le psychologue pourra  
 et le <sup>logicien</sup> pourra longtemps dissertar, le philosophe  
 pourra reprendre ensuite les résultats  
 combinés de la physiologie, de la psychologie et  
 de la philologie, jamais, <sup>je</sup> me permets de  
 le dire, les plus élémentaires phénomènes du  
 langage ne seront soupçonnés, ou clairement  
 aperçus, classés et compris; si l'on ne  
 recourt en 1<sup>re</sup> et dernière instance à l'étude  
 des langues. Langue et langage ne sont  
 qu'une même chose; ~~donc~~ l'un est la généralisa-  
 tion de l'autre. Vouloir étudier le langage

3f  
 3b  
 3f  
 3b  
 3e  
 2f  
 3b



10

Sans une poursuite l'étude générale  
du langage s'élevera des observations de toute  
sorte qui auront été faites dans le champ pas-  
sant de telle ou telle langue et supposons même

4p

que l'exercice de la parole consiste chez l'homme  
dans une faculté naturelle, ~~qui n'est que le résultat~~  
naturelle

ce qui est le point de vue éminemment fondamental  
où se placent certains écoles d'anthropologistes  
et de linguistes, il faudrait encore admettre  
~~maintenant~~ que l'exercice de cette fonction n'est  
abordable pour la science que par le côté de  
la langue <sup>les</sup> langues restreintes.

4q

Mais réciproquement, l'étude de ces langues  
restreintes le condamnerait à rester presque stérile, à vider  
en tous cas de pour <sup>à la fin</sup> de méthode et de tout  
principe directeur, si elle ne tendait constam-  
ment à venir ~~constamment~~ illustrer le problème  
général du langage, si elle ne ~~constamment~~ cherchait  
à dégager de chaque fait particulier <sup>sa</sup> le sens et  
le profit net qui en résulte pour notre connaissance  
des opérations possibles <sup>de l'activité humaine appliquée</sup>  
~~à la langue~~ <sup>à la langue</sup>. Et ce n'a pas une signifi-

cation vague et générale; toute personne un peu  
versée dans vos études sait avec quelle joie  
et quel triomphe chaque chercheur signale un

40

4r

cas théorique nouveau, jamais il le rencontre  
n'importe où, dans le dernier de nos patois,  
ou dans le plus infime idiome polynésien.

C'est une pierre qu'il apporte à l'édifice,  
N qui ne sera pas détonante. A tout instant, dan

~~le monde~~ ~~est~~ ~~le~~ ~~grand~~ ~~de~~ ~~la~~ ~~science~~ ~~de~~ ~~la~~ ~~linguistique~~ ~~des~~ ~~langues~~, ~~on~~  
~~est~~ ~~par~~ ~~venu~~ ~~à~~ ~~mettre~~ ~~en~~ ~~lumière~~ ~~ce~~ ~~qui~~ ~~peut~~  
intéresser le langage, en général. ~~Certaines~~ ~~jeunes~~

Phénomènes remarquables: ~~les~~ observations <sup>théoriques</sup> ~~qui~~ ~~ont~~ ~~concerné~~ ~~leur~~ ~~étude~~ ~~sur~~ ~~telle~~ ~~ou~~ ~~telle~~  
branches <sup>spéciales</sup> ~~ont~~ ~~été~~ ~~beaucoup~~ ~~plus~~ ~~appréciées~~

~~et~~ ~~considérées~~ ~~que~~ ~~celles~~ ~~des~~ ~~linguistes~~ ~~de~~ ~~leur~~ ~~époque~~ ~~et~~ ~~placées~~  
sur ~~une~~ ~~plus~~ ~~grande~~ ~~échelle~~ ~~de~~ ~~langues~~. ~~On~~ ~~se~~ ~~rend~~

compte que c'est le détail ultime ~~qui~~ ~~est~~ ~~le~~ ~~plus~~ ~~important~~  
si la ~~raison~~ ~~ultime~~ ~~des~~ ~~phénomènes~~, ~~qu'il~~ ~~est~~ ~~de~~  
leur ~~raison~~ ~~ultime~~, ~~et~~ ~~qu'ainsi~~ ~~l'estime~~ ~~spéc~~  
- ~~lisation~~ ~~peut~~ ~~seule~~ ~~servir~~ ~~l'estime~~ ~~général~~ ~~de~~

~~efficace~~

ce ne sont pas les linguistes, comme Friedrich Mei

del'Uin & Vico, qui ~~embrassent~~ ~~à~~ ~~peu~~ ~~près~~ ~~toutes~~ ~~les~~ ~~idiomes~~ ~~de~~  
globe, qui ont jamais fait faire un pas à

la connaissance du langage; mais ~~ce~~ ~~sont~~ ~~les~~  
noms qu'on aurait à citer ~~à~~ ~~leur~~ ~~service~~.

Des noms de romanistes, comme M. Gaston Paris et

M. Paul Meyer, <sup>de</sup> ~~des~~ ~~noms~~ ~~de~~ ~~germanistes~~ ~~comme~~ ~~M~~  
Herm. Paul, ~~des~~ ~~noms~~ ~~de~~ ~~l'école~~ ~~russe~~ ~~s'occupant~~ ~~spéc~~

la science de la langue.

ALLOUCH, J. **Letra a letra: transcrever, traduzir, transliterar**. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1995. *Lettre pour Lettre – transcrire, traduire, translittérer*, 1994.

ARRIVÉ, M., Signifiant saussurien et signifiant lacanien: continuité ou détournement? *In Présence de Saussure – Actes du Colloque International de Genève*. Genève: Librairie Droz, 1990. p.247-62.

BÉGUELIN, M.J.R. Des formes observées aux formes sous-jacentes. *In Présence de Saussure*; Publiés par René Amacher et Rudolf Engler. Genève: Librairie Droz, 1990.

BENVENISTE, E. **Problemas de lingüística Geral II**. Campinas: Ed. Pontes, 1991.

BOUQUET, S. **Introdução à Leitura de Saussure**. Trad. Carlos A.L. Salum e Ana L. Franco. São Paulo: Ed. Cultrix, 2000. *Introduction à la lecture de Saussure*, 1997.

CALVET, L.J. **Saussure: pró e contra para uma lingüística social**. Tradução M.E.L.Salum; São Paulo: Cultrix, 1977. *Pour e contre Saussure: vers une linguistique sociale*, 1975.

COSTA, N.C.da; **O conhecimento científico**; São Paulo: Discurso Editorial, 1997.

CULLER, Jonathan. **As idéias de Saussure**. Tradução de C.A.da Fonseca; São Paulo: Cultrix, 1979. *Saussure*, 1976.

DARMON, Marc. **Ensaio sobre a topologia lacaniana**. Trad.:Eliana A.N.do Valle; Ed.Artes Médicas: Porto Alegre, 1994.

DOSSE, François, **História do Estruturalismo**, vol.01: “O Campo do Signo”, tradução Álvaro Cabral - Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

DUCROT, TODOROV; Oswald e Tzvetan. **Dicionário enciclopédico das ciências da Linguagem**. Ed. Perspectiva: São Paulo, 1972.

ESCOBAR. C.H. **Proposições para uma semiologia e uma lingüística**. Semeion. Ed.Rio de Janeiro; 1973.

FEHR, J. **Saussure entre linguistique et semiologie**. Traduit de l'allemand par Pierre Caussat; Presse universitaires de France: Paris, 2000.

FREUD S. - Psicopatologia da Vida Cotidiana. *in* Vol.XIV **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Editora Imago Ltda., 1972.

GADET, F.; PÊCHEUX M. - **La lengua de nunca acabar**. México: Fondo de Cultura Económica, 1981.

GADET, F. **Saussure – une science de la langue**. Paris: Presses Universitaire de France, 1987.

GIANNOTTI, J. A. **Marx – Vida e Obra**. Porto Alegre: L&PM, 2001.

GODEL, Robert. **Les Sources manuscrites du cours de linguistique generale de Ferdinand de Saussure**. Genève : Libraire Droz, 1969.

GRANON-LAFONT Jeanne; **A Topologia de Jacques Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1990. La topologie ordinaire de Jacques Lacan, 1986.

HAROCHE, C. HENRY, P. PÊCHEUX, M. La sémantique et la coupure saussurienne : langue, langage, discours. *In* **Langage**, 24, 1971.

HARRIS, Roy. **Saussure and his interpreters**. Edinburgh: Edinburgh University Press Ltda, 2001.

HENRY, P. **A Ferramenta Imperfeita: Língua, Sujeito e Discurso**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

ILARI, R. **Lingüística Românica**. 3ª edição. São Paulo: Editora Ática, 2000.

LACAN, J.- “A ciência e a verdade” in **Escritos**.p:869-892; Jorge Zahar Editores; Rio de Janeiro; 1998. *Écrits*, 1966.

\_\_\_\_\_.- Função e campo da linguagem e da fala na psicanálise. **Escritos**. Jorge Zahar Editores; Rio de Janeiro; 1998. *Écrits*, 1966.

\_\_\_\_\_.- . A subversão do sujeito e a dialéctica do desejo no inconsciente Freudiano em **Escritos**, Jorge Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1998. *Écrits*, 1966.

\_\_\_\_\_.- **L’angoisse**, Seminário X, inédito, 1962.

\_\_\_\_\_.- . **O Seminário** - livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1979.

\_\_\_\_\_.- **R.S.I. O Seminário**. Tradução do Movimento Freudiano. Mimeo; Rio de Janeiro- RJ. (1974-1975)

de LEMOS C. - “Da Morte de Saussure o que se comemora?” in **Revista Psicanálise e Universidade**, n.3, P.E.P.G. PUC/São Paulo, 1995.

\_\_\_\_\_. “A Coisa e a coisa: apontamentos de uma experiência de leitura sobre a leitura na formação do psicanalista”. in **Literal** Boletim da Escola Lacaniana de Psicanálise de Campinas, nº 0; p.09-13; 1998(a).

\_\_\_\_\_.- “A poética e o significante” **Revista Traço 2**; pp.5-23; Maceió, 1998(b).

\_\_\_\_\_, Interrelações entre a lingüística e as outras ciências. Florianópolis, **Boletim da Abralin**, n.22 - Associação Brasileira de Lingüística. Pp.20-32. 1998(c).

\_\_\_\_\_. Questioning the notion of development: the case of language acquisition. **Culture & Psychologi** 6-2 (169-182). 2000.

\_\_\_\_\_; LIER-DE VITTO M.F.; ANDRADE L.; SILVEIRA E. *Le Saussurisme en Amérique Latine au XXème. Siècle*. Mimeo, 2001.

LEMOS, M.T. **A língua que me falta**: uma análise dos Estudos em aquisição da linguagem. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

LYONS, J. **Introduction to theoretical linguistics**. Cambridge: University Press, 1971.

de MAURO, T. **Cours de Lingüistique Générale: édition critique**. Paris, Payot, 1986.

MILNER, J. C. **O amor da língua**. Porto alegre: Artes Médicas, 1987; *L'amour de la langue*, 1978.

\_\_\_\_\_ - **Les Noms Indistincts**. Paris: Editions du Seuil, 1983.

\_\_\_\_\_ - **A obra clara**: Lacan, a ciência, e a filosofia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

\_\_\_\_\_ - **Introduction à une science du langage**. Paris: Seuil, 1989.

\_\_\_\_\_ - Reflexions sur l'arbitraire du signe. (sem referência)

\_\_\_\_\_ - Lacan et la science moderne *in* **Lacan avec les philosophes**. Paris: Albin Michel, 1991.

\_\_\_\_\_ - De la linguistique à la linguistique in **Lacan, l'écrit, l'image**. Sous la direction de L'Ecole de la Cause Freudienne. Flammarion, 2000.

\_\_\_\_\_ - **Le périple structural: figures et paradigme**. Paris: Editions du Seuil, 2002.

NÁSIO, J.D. **Cinco Lições sobre a teoria de Jacques Lacan**. Tradução Vera Ribeiro; Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1993.

NORMAND, C.. **Saussure**. Paris: Les Belles Lettres. 2000.

PAVEL, T. **A miragem Lingüística: ensaio sobre a modernização intelectual**. Trad. Eni P.Orlandi, Pedro de Souza e Selene S.Guimarães. Ed. Pontes. 1990.

PARRET, H. **Reflexions saussuriennes sur le temps et le moi**. Les manuscrites de la Houghton library à Harvard; CFS 49(1995-1996). pp.85-119.

PÊCHEUX, M. Sur la (dé-)construction des théories linguistiques. p.1 à 24; in **Revue de Linguistique DRLAV**; nr.27; Centre de recherche de l'université de Paris VIII; Paris; 1982.

PORGE, E. **Jacques Lacan, un psychanalyste -Parcours d'un enseignement**. Paris, Editora Érès. 2000.

\_\_\_\_\_ **Freud/Fliess: mito e quimera da auto-análise**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro. Jorge Zahar ed; 1998.

\_\_\_\_\_ **Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan** ed. Pierre Kaufmann. Tradução: Vera Ribeiro, Maria Luiza X. de A. Borges; consultoria Marco Antonio Coutinho Jorge – Rio de Janeiro; Jorge Zahar Ed. 1996.

RODRIGUES, N. **Saussure**: uma revolução na lingüística. 1975. Tese mestrado - Departamento de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; São Paulo.

ROUDINESCO, E. **Jacques Lacan**: Esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento. Companhia das Letras: São Paulo, 1994.

\_\_\_\_\_. & PLON M. **Dicionário de Psicanálise**. Trad. Vera Ribeiro, Lucy Magalhães; Supervisão da edição brasileira Marco Antônio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Jorge Zahar , 1998.

SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística Geral**. Tradução A.Chelini, J.P.Paes e I.Blikstein. 5ª. Ed. São Paulo: Cultrix,1973. Cours de linguistique général [Org]Charles Bally & Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger, 1916.

SAUSSURE, F. de; **Écrits de linguistique générale**; Texte établi et édité par Simon Bouquet et Rudolf Engler; Editions Gallimard; 2002.

STAROBINSKI, J. **As palavras sob as palavras** : os anagramas de Ferdinand de Saussure. Tradução Carlos Vogt. São Paulo : Editora Perspectiva, 1974. Les mots sous le mots, 1971.

TARALLO, F. **Tempos Lingüísticos**: itinerário da língua portuguesa. Ed. Ática. 1994.

VERAS, V. A inter-dicção do singular. **Cadernos de Estudos Lingüísticos** nº 38; pp. 121-9, 2000.

WILLEMART, Philippe. **Universo da Criação Literária**. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 1993.